



**Universidade Católica do Salvador**

Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação  
Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania

**MARISTELA BARBOSA SANTOS CICERELLI**

**DISTRIBUIÇÃO SOCIOESPACIAL DA VIOLÊNCIA LETAL  
NA CIDADE DE SALVADOR/BA**

**Salvador  
2013**

**MARISTELA BARBOSA SANTOS CICERELLI**

**DISTRIBUIÇÃO SOCIOESPACIAL DA VIOLÊNCIA LETAL NA  
CIDADE DE SALVADOR/BA**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Inaiá Maria Moreira de Carvalho.

Salvador  
2013

C568 Cicerelli, Maristela Barbosa Santos.  
Distribuição socioespacial da violência letal na cidade de Salvador/  
BA/ Maristela Barbosa Santos Cicerelli. – Salvador, 2013.  
160f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Salvador.  
Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em  
Políticas Sociais e Cidadania.

Orientação: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Inaiá Maria Moreira de Carvalho.

1. Violência Letal - Salvador - Bahia 2. Pobreza 3. Desigualdade  
Social I. Título.

CDU 364.144(813.8)

**TERMO DE APROVAÇÃO**

**MARISTELA BARBOSA SANTOS CICERELLI**

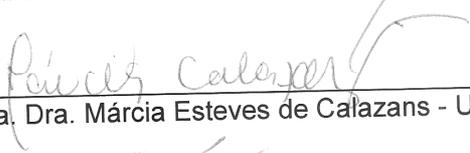
**“DISTRIBUIÇÃO SOCIOESPACIAL DA VIOLÊNCIA LETAL NA  
CIDADE DE SALVADOR/BA”**

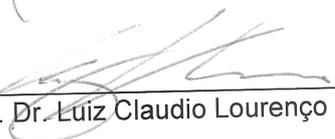
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Políticas Sociais e Cidadania da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 30 de agosto de 2013.

Banca Examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Inaiá Maria Moreira de Carvalho – Orientadora UFBA/UCSal

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Márcia Esteves de Calazans - UCSal

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Luiz Claudio Lourenço - IUPERJ

Ao Grande Arquiteto do Universo, pelas oportunidades além do meu merecimento.

A meu pai, pelo legado de perseverança e trabalho.

A minha mãe, por ter me ensinado que a educação é base de tudo.

A minha irmã, por ser, antes de tudo, minha amiga.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos professores do Mestrado, pela dedicação em dividir não só seus conhecimentos técnicos, mas também sua experiência profissional.

Aos colegas do Mestrado, pela convivência harmoniosa e frutífera troca de experiências.

Às professoras Inaiá e Ângela, pelo apoio muito além de suas atribuições e pela constante compreensão.

As pessoas que colaboraram para a realização deste trabalho com informações, dados, experiências, conhecimentos, em especial ao Dr. Hélio Jorge; Dr<sup>a</sup> Mariana Ouais; Cel PM Carlos Sebastião Eleutério; Cel PM R/R Nilton Mascarenhas; Doutor João Apolinário; Mestre Antonio Jorge Melo; Doutor Jorge Laffitte; os líderes comunitários, Jorge Codami, José Jorge Nérís dos Santos, Raimilton Conceição de Carvalho e Augusto Riccio; o CDEP, na pessoa de Lorena; a SIAP, nos pacientes amigos Dr. Maurício Chaouí e Cap PM Rubenilton; aos amigos Ríbio, Levi Charles e José Maria; a minha tia Lícia Maria.

Aos amigos que tiveram de aguentar me ouvir falando desta dissertação, em especial aos amados Tatiana, pelas orações; Elaine Cristina, minha especialista em PDF, e Paulo César, meu revisor, vocês três foram meu amparo, em especial na difícil hora da reta final, não só no trabalho em si, mas pelas circunstâncias que o envolveram.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para meus estudos e atividades profissionais. A todos minha eterna e sincera gratidão.

“A morte não causa mais espanto  
O Sol não causa mais espanto  
A morte não causa mais espanto  
O Sol não causa mais espanto  
Miséria é miséria em qualquer canto  
Riquezas são diferentes  
Cores, raças, castas, crenças  
Riquezas são diferenças”.

Titãs

## RESUMO

O presente trabalho buscou investigar a associação entre pobreza, desigualdade e violência letal em Salvador/BA, tendo como principal referência o número de homicídios dolosos. Partindo da hipótese de que há coincidência entre os espaços que concentram há pobreza e desigualdade com os espaços de concentração da violência letal, buscou-se entender a interface entre esses conceitos. Trata-se de análise descritiva e exploratória que teve como base os índices oficiais tanto em relação aos indicadores sociais, quanto às taxas de violência urbana. As informações foram obtidas junto à Secretaria da Segurança Pública e outros dados disponíveis na rede World Wide Web. Empregou-se o método hipotético-dedutivo, enquanto método de abordagem. Apropriou-se ainda dos métodos documental, bibliográfico, levantamento estatístico para aproximação do objeto e análise dos dados. Obteve-se como resultado, a verificação de que as áreas carentes de Salvador são as de maior índice de violência letal e, apesar da recente melhoria dos indicadores sociais, a configuração social destas áreas permanece inalterada, concentrando também as desigualdades sociais. A pesquisa não é conclusiva sobre a relação de causa e efeito entre os conceitos.

**Palavras-chave:** Violência Letal. Pobreza. Desigualdade. Salvador.

## ABSTRACT

This study investigated the association between poverty, inequality and lethal violence in Salvador/BA, having as main reference the number of homicides. Assuming that there is a coincidence between the spaces that concentrate poverty and inequality with the spaces concentration of lethal violence, we sought to understand the interface between these concepts. It is descriptive and exploratory data analysis was based on official indices both in terms of social indicators, as the rates of urban violence. The information was obtained from the Department of Public Safety and other data available on the World Wide Web. We used a hypothetical-deductive method as a method of approach. Appropriated even the documentary, bibliographic methods, statistical survey approach to the object and data analysis. Obtained as a result of the finding that the deprived areas of Salvador are the highest rates of lethal violence and despite the recent improvement in social indicators, social configuration of these areas remains unchanged, also concentrating social inequalities. This research is not conclusive about the relation of cause and effect between the concepts.

**Keywords:** Lethal Violence. Poverty. Inequality. Salvador.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Mapa da tipologia socioespacial de Salvador 2000. ....	39
Figura 2	Concentração da população segundo a classificação: brancos, pardos e pretos – Salvador – 2000 .....	41
Figura 3	Distribuição de domicílios com renda até 2 salários mínimos em Salvador – 2000. ....	48
Figura 4	Distribuição de pessoas alfabetizadas entre 10 e 14 anos em Salvador – 2000 .....	49
Figura 5	Estabelecimentos por grande setor de atividade em Salvador – 2010 .....	50
Figura 6	Áreas Integradas de Segurança Pública (Aisp) e Regiões Integradas de Segurança Pública (Risp) Salvador – Bahia – 2012.....	56
Figura 7	Distribuição das taxas de homicídios por 100 mil habitantes em Salvador - 2012.....	59
Figura 8	Crimes violentos letais intencionais – CVLI: comparativo 1 de janeiro a 25 de dezembro 2011 x 2012.....	66
Figura 9	Crimes violentos letais intencionais – CVLI: 1º semestre 2012 e 1º semestre 2013, na Bahia e Salvador. ....	66
Figura 10	Análise de Pareto para crimes violentos letais e intencionais 2010 x 2011 – Salvador- BA.....	67
Figura 11	Análise de Pareto para crimes violentos letais e intencionais 1 de janeiro a 25 de dezembro (2011 x 2012) Salvador- BA, por Aisp. ....	68
Figura 12	Comparativo da dinâmica dos CVLI por dia da semana – Salvador – 2010 x 2011. ....	71
Figura 13	Distribuição dos CVLI por faixa de horário – Salvador - 2010 x 2011. .	71
Figura 14	Crimes violentos letais intencionais – CVLI: Comparativo acumulado do ano – janeiro a junho 2012 x 2013.....	72
Figura 15	Dinâmica da taxa de CVLI por grupo de 100 mil habitantes – Estado da Bahia, nos anos 2000-2011. ....	72

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Divisão das áreas integradas de segurança pública na Bahia .....	54
Quadro 2	Divisão das Regiões integradas de segurança pública na Bahia.....	54
Quadro 3	Divisão antiga das Aisp .....	63
Quadro 4	Divisão atual das Aisp .....	63
Quadro 5	Bairros por Aisp.....	64

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – 1991/2000.....	46
Tabela 2	Índice de Gini da renda domiciliar <i>per capita</i> segundo Município 1992/2000/2010. ....	47
Tabela 3	População e postos de trabalho por Regiões Administrativas – Salvador - 2010.....	51
Tabela 4	Ordenamento das UF por taxas de homicídio (em 100 mil) na população total. 1998/2008 .....	52
Tabela 5	Número de homicídios na população total por Capital e Região. Brasil, 1998/2008. ....	53
Tabela 6	Distribuição do efetivo policial-militar por unidade policial e bairro, em Salvador - 2013 .....	61
Tabela 7	Crimes violentos letais e intencionais – CVLI – nos anos de 2010 - 2011.....	62
Tabela 8	Instrumentos utilizados para a prática de crimes nos meses de maio a abril nos anos de 2011/2012. ....	68
Tabela 9	Número de óbitos por armas de fogo nas capitais. Brasil, 2000 - 2010. ....	69
Tabela 10	Local de Consumo dos Homicídios. ....	69
Tabela 11	Total de homicídios por sexo nos meses de maio a abril de 2011/2012. ....	70
Tabela 12	Distribuição dos homicídio em Salvador nos anos de 2003 - 2007.....	74
Tabela 13	Motivação dos homicídio dolosos em Salvador – 2010/2012.....	83
Tabela 14	Taxa de CVLI – Salvador – 2011 e 2012 .....	85
Tabela 15	Distribuição de policial militar por habitante – Salvador - 2012.....	86

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AISP	Área Integrada de Segurança Pública
CDEP	Centro de Documentação e Estatística da Polícia Civil
CEDEC	Centro de Estudos de Cultura Contemporânea
CEUAL	Centro Espírita União, Amor e Luz
CVLI	Crime Violento Letal e Intencional
DENARC	Departamento de Narcóticos
DHPP	Departamento de Homicídio e Proteção à Pessoa
DT	Delegacia Territorial
EMBASA	Empresa Baiana de Águas e Saneamento
FCCV	Fórum Comunitário de Combate à Violência
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IPEA	Fundação Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MCPS	Movimento de Cultura Popular do Subúrbio
ONU	Organização das Nações Unidas
PLANESP	Plano Estadual de Segurança Pública
PMBA	Polícia Militar da Bahia
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPV	Programa Pacto pela Vida
PRONASCI	Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania
RISP	Região Integrada de Segurança Pública
SEDES	Secretaria de Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza
SENASP	Secretaria Nacional de Segurança Pública
SIAP	Superintendência de Gestão Integrada da Ação Policial
SIPS	Sistema de Indicadores de Percepção Social sobre Segurança Pública
SSP- BA	Secretaria da Segurança Pública do Estado da Bahia
UF	Unidade da Federação
UFBA	Universidade Federal da Bahia

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	13
<b>1 A VIOLÊNCIA E SUAS MANIFESTAÇÕES</b>	17
1.1 VIOLÊNCIA, POBREZA E DESIGUALDADE	24
<b>2 VIOLÊNCIA URBANA NO BRASIL</b>	28
<b>3 E SALVADOR?</b>	36
3.1 INDICADORES SOCIAIS: COMO ESTÃO?	45
3.2 A VIOLÊNCIA LETAL E SUA DISTRIBUIÇÃO	52
3.3 COM A PALAVRA OS ENVOLVIDOS	73
3.4 O QUE MOSTRAM OS DADOS?	85
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	92
<b>REFERÊNCIAS</b>	95
<b>APÊNDICES</b>	101
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	102
APÊNDICE B – ENTREVISTA COM O PHD EM CIÊNCIAS SOCIAIS	104
APÊNDICE C – ENTREVISTA COM O MEMBRO DA CÚPULA DA POLÍCIA CIVIL DA BAHIA	107
APÊNDICE D – ENTREVISTA COM INTEGRANTE DO DHPP	110
APÊNDICE E – ENTREVISTA COM OFICIAL DA RESERVA DA PMBA	114
APÊNDICE F – ENTREVISTA COM OFICIAL DO COMANDO GERAL DA PMBA	118
APÊNDICE G – ENTREVISTA COM COORDENADOR GERAL DO MCPS	124
APÊNDICE H – ENTREVISTA COM O DIRETOR DO CEUAL	128
APÊNDICE I – ENTREVISTA COM EMPRESÁRIO E MEMBRO DE PROJETO SOCIAL DA PENÍNSULA DE ITAPAGIPE	132
APÊNDICE J – ENTREVISTA COM DIRETOR DE PRODUÇÃO E MILITANTE DE MOVIMENTOS SOCIAIS	135
<b>ANEXOS</b>	138
ANEXO A – TABELAS ESTATÍSTICAS DE HOMICÍDIOS DOLOSOS EM SALVADOR 2010, 2011 E 2012	139
ANEXO B – MAPAS DAS AISP DE SALVADOR (01 a 16)	145

## INTRODUÇÃO

Criminalidade e pobreza têm sido temas recorrentes, à medida que se analisa a relação íntima entre os locais onde se registram os delitos de homicídios e a residência da população pobre das grandes cidades. O ciclo vicioso que vincula o crime à pobreza não inclui os crimes menos letais visivelmente, tais como a corrupção e demais crimes do “colarinho branco”, os quais causam enormes prejuízos para a vida das pessoas, representando uma grande violência indireta e comprometedora do bem-estar da população em geral. Não há evidência de que a pobreza leve ao crime, mas, a análise de suas áreas de maior incidência evidencia certa relação.

Parte-se da premissa de que o estudo que ora se desenvolve busca evidenciar as relações presentes entre violência letal, pobreza e desigualdade na cidade de Salvador, afastando-se, preliminarmente, qualquer alusão que imponha vinculação direta de relação entre a prática de homicídio e a condição financeira do autor ou vítima, embora os dados examinados possam indicar alguma relação entre as variáveis.

O que se encontra em jogo é compreender a relação espúria que envolve pobreza, desigualdade e violência letal, sendo a pobreza compreendida no sentido dado por Costa (1998, p. 30), para quem “[...] o pobre pode ser definido como alguém totalmente destituído de poder”. Poder este que está circunscrito nas formas de ausência do “[...] poder político, econômico, social, cultural, de influência, de pressão, etc.” (COSTA, 1998, p. 31).

Santos (2004, p. 37) também identifica que há espaço específico onde se aglomera uma “[...] massa de pessoas com salários muito baixos ou vivendo de atividades ocasionais, ao lado de uma minoria com renda muito elevada [...]”. Para este autor, há uma divisão de espaços urbanos demarcados pela diferenciação de consumo, distribuição e produção de bens, formando “circuitos econômicos”.

Sobre esse grupo social, “os pobres”, se imputam as mais duras formas de discriminação, inclusive a da criminalidade. O estigma das “classes perigosas” (CARPENTER, 1951, apud GUIMARÃES, 2008), enunciado nos séculos XVII e XIX, ainda está presente no imaginário que vincula hoje o pobre à condição de autor exclusivo do crime.

A violência letal será analisada pela mensuração do índice de Crimes Violentos Letais e Intencionais (CVLI), indicador criado pela Secretaria Nacional de Segurança Pública (Senasp), que engloba homicídios dolosos, roubo seguido de morte e lesão corporal seguida de morte; todavia, os homicídios dolosos constituem 95% da composição do índice, razão pela qual o mesmo se mostra eficaz para os fins propostos neste estudo. O CVLI é o indicador utilizado para mensuração da violência letal pelos órgãos oficiais dos governos Estadual e Federal que, procurando possibilitar análises comparativas, mede a quantidade de ocorrências dos crimes que compõem o referido índice, dentro de uma determinada área geográfica.

As áreas geográficas comumente utilizadas para a medição do CVLI são denominadas áreas integradas de segurança pública (Aisp) e regiões integradas de segurança pública (Risp), não existindo, todavia, a definição de um critério científico para a delimitação das referidas unidades.

A escolha dos homicídios como referencial de pesquisa baseou-se no fato de que as séries históricas que colecionam suas informações são relativamente mais confiáveis.

Notadamente, a discriminação, diante da pobreza e da violência, cria um sentido peculiar da segregação pelo sistema, além do preconceito social contra grupos étnicos ou bairros onde se tem segregação socioespacial. Então, o que emergiu dessa problemática foi a seguinte questão de pesquisa: Qual a relação entre os espaços sociais concentradores de pobreza e desigualdade em Salvador – Bahia e a violência letal expressa nos altos índices de homicídios?

Em face do exposto, partiu-se das hipóteses básicas de em que medida a violência letal está concentrada nas áreas de pobreza? Em que medida se sustenta o senso comum de que é a pobreza que gera a violência?

O texto que ora é apresentado se divide em três partes. Na primeira delas se busca, preliminarmente, compreender algumas faces da violência e discutir as interpretações da violência, pobreza e desigualdade. Na fase seguinte do texto é apresentada a violência urbana no Brasil e expõe-se a violência presente em Salvador. Por fim, são apresentadas as considerações finais, apontando os resultados da pesquisa.

O objetivo geral do presente trabalho foi analisar a dinâmica da violência letal no município de Salvador sob o ponto de vista socioespacial, por meio de análise descritiva e exploratória.

Tendo como indicador a taxa de homicídios, o presente trabalho visou a demonstrar a distribuição desta pelos bairros de Salvador, analisando os indicadores sociais das áreas com maior índice de violência letal.

Foi utilizada a pesquisa descritiva, baseada no método de abordagem hipotético-dedutivo (POPPER, 1972). A aproximação ao objeto de pesquisa foi realizada por meio do emprego dos métodos documental e bibliográfico, já que se buscou conhecer e interpretar os fenômenos relacionados ao objeto de estudo, sem interferir em suas variáveis.

Outro método empregado foi o levantamento estatístico, momento que se buscaram os dados estatísticos necessários à análise. A pesquisa passou por uma fase de análise qualitativa do fenômeno, com aplicação de entrevistas junto a informantes qualificados, a fim de se obter subsídios para interpretar os dados levantados e coligir os resultados com o material bibliográfico.

Partiu-se da coleta dos dados oficiais da Secretaria da Segurança Pública (SSP) sobre as taxas de crimes violentos letais intencionais (CVLI), indicador fixado pela Secretaria Nacional de Segurança Pública (Senasp), que envolve a ocorrência de homicídios dolosos, lesão corporal dolosa seguida de morte e roubos seguidos de morte.

Depois de identificar as áreas da cidade do Salvador com maiores taxas de CVLI, foram levantados os indicadores socioeconômicos das referidas áreas para fins de análise da relação dos indicadores sociais sobre a violência letal.

É preciso registrar que a comparação dos índices divulgados pela SSP por Aisp foi feita com cautela, tendo em vista que, ao longo dos anos, houve mudanças no número dessas áreas, além de mudança nos respectivos perímetros de atuação, com vistas a uma melhor conformação com a distribuição das delegacias e companhias de Polícia Militar. Assim, a partir do ano de 2012 as Aisp passaram a ter o mesmo número da delegacia que a integra. Desta forma, por exemplo, a citada Aisp 13 passou a ser Cajazeiras, enquanto a área de Tancredo Neves passou a corresponder a Aisp 11.

Ciente das deficiências que as estatísticas podem apresentar para a análise do fenômeno social, sobretudo, quando oriundas de órgãos oficiais, o trabalho

também contou com o suporte de entrevistas semiestruturadas com líderes comunitários e agentes do sistema de segurança de Salvador, a respeito de suas percepções sobre a violência urbana.

A finalidade das entrevistas foi ter uma amostra da percepção da violência letal em Salvador de atores sociais diversos. Assim, optou-se por ouvir representantes da Polícia Civil, da Polícia Militar, Acadêmicos com estudos na área e líderes comunitários que desenvolvem projetos sociais em áreas de alto índice de violência letal.

No âmbito da Polícia Civil, foi entrevistado o delegado da cúpula administrativa do órgão e a delegada com atuação no âmbito do Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP), órgão que centraliza a apuração dos crimes letais da cidade do Salvador. Na Polícia Militar, concederam entrevista: o oficial superior em exercício no Alto Comando da Corporação e o ex-Comandante-Geral da Polícia Militar.

Foram ainda entrevistadas pessoas que desenvolvem projetos sociais, em especial voltados para jovens, em bairros carentes de Salvador, buscando-se demonstrar as similitudes das áreas de maior violência letal, com representantes dos bairros de Vila Canária (Aisp 10), Subúrbio Ferroviário (Aisp 5), Nordeste de Amaralina (Aisp 15) e Bonfim (Aisp 3).

Por fim, também foram realizadas entrevistas com dois professores universitários, com pós-graduação *strictu sensu*, e pesquisas e experiência na área de violência e segurança pública, sendo um Doutor em Desenvolvimento Regional e Urbano pela Universidade Salvador (Unifacs) e outro, Mestre, pela Universidade Federal da Bahia (Ufba), ambos ex-integrantes da Polícia Militar da Bahia, com pesquisas e foco em Salvador. Por fim, um com Mestrado em Ciências Políticas pela Leyden Universiteit, da Holanda, PHD em Ciências Sociais pela Amsterdam Universiteit da Holanda, com pesquisa e experiência voltadas para a violência na América Latina.

Trata-se, portanto, de método qualitativo, tendo em vista que a pesquisa não se limitará ao levantamento das taxas de incidência, mas pretende se debruçar sobre as consequências da ocorrência do fenômeno.

## 1 A VIOLÊNCIA E SUAS MANIFESTAÇÕES

A violência é uma característica presente em todas as sociedades, mas, seus determinantes e formas de expressão são variáveis, conforme cada contexto social. Segundo Michaud (1989, p.14), “[...] não há discurso nem saber universal sobre a violência: cada sociedade está às voltas com a sua própria violência segundo seus próprios critérios”.

A violência é um fenômeno social e, como tal, sujeito à variação no tempo e no espaço. Isto quer dizer que o conceito de violência varia de uma sociedade para outra e, mesmo dentro da mesma sociedade, modifica-se ao longo do processo histórico. Nesse sentido, vale a lição de Santos (2002, p. 23):

A noção de coerção, ou de força, supõe um dano que se produz em outro indivíduo ou grupo social, seja pertencente a uma classe ou categoria social, a um gênero ou a uma etnia. Envolve uma polivalente gama de dimensões, materiais, corporais e simbólicas, agindo de modo específico na coerção com dano que se efetiva. A afirmação de um dano supõe o reconhecimento das normas sociais vigentes, pertinentes a cada sociedade, em um período histórico determinado, normas que balizarão os padrões de legitimidade: a violência define-se então como um fenômeno cultural e histórico.

Desta forma, é preciso registrar que as análises que serão desenvolvidas ao longo deste estudo têm como base os países do Ocidente, em face da grande diferença e diversidade cultural dos países da Ásia e do Oriente Médio, aliada a dificuldade de acesso a dados de pesquisa.

O processo civilizatório do Ocidente fez com que o uso cotidiano e recorrente da violência fosse cada vez menos aceito socialmente. Com a formação dos estados nacionais, estes reivindicaram para si o uso exclusivo da força física em seu território.

Assim, conceituar violência não é tarefa fácil. Trata-se de termo polissêmico, a ponto de se utilizar, no âmbito acadêmico, o vocábulo violências, optando pela forma plural, com vista a deixar evidente que o vocábulo abarca uma diversidade de fenômenos.

Ferreira (2009, p. 2038) define violência como qualidade de violento, ato violento, ato de violentar, constrangimento físico ou moral, uso da força, coação, sendo violento entendido como: aquele que age com ímpeto, impetuoso; aquilo que

se exerce com força, agitado, tumultuoso, irascível, irritadiço, intenso, veemente, em que se faz uso de força bruta, contrário ao direito e à justiça.

Observa-se, da definição de Ferreira (2009), que a violência se apresenta com características bem diversas, nem sempre envolvendo o uso da força física, nem sempre estando contrária à ordem jurídica. Pode-se falar, então, de tipos de violência e, nesse sentido, destaca-se a tipologia efetuada por Chesnais (1981 apud MINAYO, 2005), em seu livro *Histoire de la violence (en Occident de 1800 à nos jours)*, cujo cerne da diferença encontra no uso, ou não, da força física e contra o que esta se dirige.

Colocando o termo no plural, Chesnais (1981) distingue no imaginário social atual, três definições de violência que contemplam tanto o âmbito individual quanto o coletivo: no centro de tudo, **a violência física, que atinge diretamente a integridade corporal e que pode ser traduzida nos homicídios, agressões, violações, roubos a mão armada; a violência econômica que consiste no desrespeito e apropriação, contra a vontade dos donos ou de forma agressiva, de algo de sua propriedade e de seus bens.** Em terceiro lugar, **a violência moral e simbólica, aquela que trata da dominação cultural, ofendendo a dignidade e desrespeitando os direitos do outro** (MINAYO, 2005, p. 14). (grifo nosso)

Michaud (1989) procurou sintetizar todas as formas de violência em um único conceito, capaz de abranger a violência física, a simbólica, a praticada contra pessoas e contra coisas, fixando que:

[...] há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais (MICHAUD, 1989, p.10).

A perda da legitimidade dos detentores do poder, na visão de Arendt (2011), seria um dos ensejadores da violência. Para a autora, a violência surge quando está ausente o poder, já que, em sua compreensão, o poder depende do apoio popular. “A violência aparece onde o poder está em risco, mas, deixada a seu próprio curso, conduz à desaparecimento do poder” (ARENDR, 2011, p. 73).

Embora a aludida autora não negue que a agressividade é um componente biológico inerente ao ser humano, ela reconhece que a violência é um fenômeno social. A burocratização da vida, a sensação de que não se pode alterar as coisas, nem participar do processo decisório, são fatores que contribuem para a eclosão da violência, razão pela qual se afirma que “[...] muito da presente glorificação da

violência é causada pela severa frustração da faculdade de ação no mundo moderno” (ARENDR, 2011, p. 104).

Segundo Adorno (2011, p. 556), a violência “[...] designa fatos e ações humanas que se opõem, questionam ou perturbam a paz ou a ordem social reconhecida como legítima”, possuindo, portanto, um aspecto mais amplo do que o conceito de crime, o qual pressupõe a necessidade de edição de uma lei penal, definindo determinada conduta como ensejadora da intervenção estatal máxima.

Tomando como base a teoria das representações sociais, Porto (2010) busca superar o desafio da conceituação de violência, destacando a existência de um aspecto objetivo e um aspecto subjetivo, que interagem para a configuração do fenômeno enquanto fenômeno social, uma vez que culturalmente construído. Assim a autora contrapõe-se a tendência de naturalização da violência, alertando para:

[...] tentação de assumir a violência como atributo ou componente constitutivo do ser humano, intrínseco a sua condição. Tal alternativa tem como consequência a naturalização de algo que é socialmente produzido. Ainda que se possa concordar com analistas que afirmam a inexistência de contextos societários nos quais a violência esteja ausente, tal afirmação não pode significar a negação do componente cultural, que distingue o homem dos demais animais, fazendo da natureza humana uma natureza produzida sob a égide da cultura (PORTO, 2010, p. 31).

Embora reconheça a relatividade do conteúdo do fenômeno da violência, Porto (2010) busca uma definição abrangente, entendendo que haverá violência sempre que atingida a integridade física e/ou moral do indivíduo, sempre que o outro for desconsiderado como sujeito e tratado como objeto, inviabilizando a interação social.

Soares (2008, p. 14) destaca que, embora se fale no aumento da violência na modernidade tardia,

[...] os primeiros resultados da história quantitativa da violência arrasaram esses mitos: os dados apontavam, com rara consistência, para um decréscimo da violência e dos homicídios ao longo do tempo, desde o século XV até o fim da primeira metade do século XX.

Esse mesmo autor acrescenta que:

[...] o século XIX e a primeira metade do século XX foram caracterizados por uma redução substancial na taxa de homicídios na maioria dos países industrializados, amplamente documentada por Jean-Claude Chesnais na sua *Historie de La Violence* (SOARES, 2008, p. 224).

Muito embora violência e crime sejam fenômenos diferentes, conforme destaca Misse (2006), quando se está diante da violência urbana, se tem, em regra, conflitos criminalizados. A violência urbana diz respeito a uma multiplicidade de eventos que parecem vinculados ao modo de vida das grandes metrópoles da modernidade tardia, até porque está intrinsecamente ligado ao fenômeno da urbanização.

Nessa perspectiva, Michaud (1989, p. 34) declara que: “a criminalidade urbana está ligada à brutalidade da vida, à pobreza e às carências, e também se deve à marginalização dos grupos desenraizados pelas transformações agrárias, as catástrofes naturais e as epidemias”.

Nesse contexto, o processo civilizatório é marcado pela transição da violência do privado para o público. Com a formação e consolidação dos estados nacionais, estes passaram a deter o monopólio do uso legítimo da força física e, conseqüentemente, passou a ser reprovado socialmente o uso cotidiano da violência como forma de solução dos conflitos sociais.

Sendo a violência um fenômeno social, não é possível deixar de analisar as profundas mudanças que ocorreram na modernidade tardia. A revolução na área de tecnologia da informação e comunicação, a inserção da mulher no mercado de trabalho, a ascensão da pauta dos direitos humanos, a globalização e a transnacionalidade, são fatores que geram uma sociedade de insegurança, onde a solidariedade social e o sentimento de pertencimento encontram-se corroídos, tornando o outro uma ameaça constante e favorecendo a explosão de conflitos.

Essa característica marcante da insegurança reflete-se em todos os âmbitos da sociedade brasileira, assim alerta Michaud (1989, p. 33) que:

Ao contrário das sociedades do passado, as nossas estão habituadas a uma segurança cada vez maior, que não depende só dos números da criminalidade, mas também e até mais da organização dos seguros e da previdência, da homogeneidade de um espaço de livre circulação, da regulação de múltiplos aspectos da vida através do Estado.

Não é outra a lição de Silva Sánchez (2002, p. 30), que observa:

Desde essa última perspectiva, nossa sociedade pode ser melhor definida como a sociedade da “insegurança sentida” (ou como a sociedade do medo). Com efeito, um dos traços mais significativos das sociedades da era pós-industrial é a sensação geral de insegurança, isto é, o aparecimento de uma forma especialmente aguda de viver os riscos.

Esta insegurança sentida reflete, de modo especial, no medo do “outro”, do “diferente”, do “estranho” visando a “purificação da sociedade, o exorcismo de dilemas difíceis, a sublimação do absurdo embutido nas formas de sociabilidade e nos jogos das forças sociais” (IANNI, 2004, p.168).

Nesse sentido, como indica Bauman (2009), esta sociedade pode ser caracterizada como a sociedade do risco, do medo do outro, da insegurança, com seus laços de solidariedade enfraquecidos, girando de sobremodo em torno do medo dos criminosos.

**Poderíamos dizer que a insegurança moderna, em suas várias manifestações, é caracterizada pelo medo dos crimes e dos criminosos. Suspeitamos dos outros e de suas intenções, nos recusamos a confiar (ou não conseguimos fazê-lo) na constância e na regularidade da solidariedade humana.** Castel atribui a culpa por esse estado de coisas ao individualismo moderno. Segundo ele, a sociedade moderna - substituindo as comunidades solidamente unidas e as corporações (que outrora definiam as regras de proteção e controlavam a aplicação dessa regras) pelo dever individual de cuidar de si próprio e de fazer por si mesmo – foi construída sobre areia movediça da contingência: a insegurança e a idéia de que o perigo esta em toda parte são inerentes a essa sociedade (BAUMAN, 2009. p. 16). (grifos nossos)

Santos (2004) esclarece que na modernidade tardia a interação social é orientada por modos violentos de sociabilidade, invertendo o processo civilizatório e denotando a perda pelo Estado do monopólio da violência legítima. As raízes dessa sociabilidade violenta parecem assentar no processo de fragmentação social, “trata-se de uma ruptura do contrato social e dos laços sociais, provocando fenômenos de ‘desfiliação’ e de ruptura nas relações de alteridade, dilacerando o vínculo entre o eu e o outro” (SANTOS, 2004, p. 4).

Assim, a modernidade tardia é caracterizada por uma sociabilidade violenta onde:

[...] a representação da violência urbana capta, simbolicamente, um âmbito da vida cotidiana em que ocorre a universalização da força como fundamento de um complexo orgânico de práticas que suspende – sem, entretanto, cancelá-la ou substituí-la integralmente – a tendência à monopolização da violência pelo Estado, generalizando e ‘desconcentrando’ seu uso legitimado (SILVA, 2004, p. 296).

Segundo Ianni (2004, p. 167; 172) “[...] as sociedades nacionais contemporâneas e a sociedade global em formação na passagem do século XX ao século XXI tornaram-se um vasto cenário de violência”; “a violência parece algo

intrínseco ao modo pelo qual se organiza e desenvolve a sociedade moderna, seja ela nacional ou mundial”.

Wieviorka (1997) defende a existência de um novo paradigma da violência ante as profundas modificações ocorridas na sociedade na segunda metade do século XX. Fundamenta sua análise em quatro níveis: o sistema internacional, os estados, as mutações sociais e o individualismo contemporâneo.

No âmbito internacional, a globalização da economia aumentou as desigualdades sociais, pois tornou “[...] a troca mais importante do que a produção e que ameaçam o trabalho” (WIEVIORKA, 1997, p. 17). Para o autor, os Estados nacionais foram enfraquecidos com a mundialização, pois as decisões não se encontram mais restritas aos seus territórios. Tem-se, então, problemas mundiais a serem enfrentados por organismos criados dentro do contexto da nação. O trabalho encontra-se afetado pelo desemprego e precarização, trazendo, em vez do prometido progresso, a frustração da não-inserção nas benesses da modernidade.

As organizações políticas são locais e, por isso, sem capacidade para agir ante os problemas globais do ciberespaço, o que se agrava pelo desinteresse da classe privilegiada pela cidade, a qual “[...] não passa de um lugar como outros e como todos, pequeno e insignificante, quando visto da posição privilegiada do ciberespaço, sua verdadeira – embora virtual – morada” (BAUMAN, 2009, p. 27).

O modelo de produção fordista dava estabilidade ao indivíduo, tendo em vista a relação de dependência entre capital e trabalho. Os medos modernos começaram com a desregulamentação, o colapso do Estado social substitui a solidariedade pela competitividade, deixando o indivíduo abandonado a sua própria sorte e aos seus recursos escassos e inadequados, pois, para os desprovidos de recursos econômicos, culturais ou sociais, a proteção só pode ser coletiva (BAUMAN, 2009).

Assim, destaca Santos (2004, p. 6), que as características da modernidade tardia são “[...] a repetição da exclusão social, a disseminação das violências, a ruptura de laços sociais e a ‘desfiliação’ de algumas categorias sociais, como a juventude, uma das grandes vítimas da civilização”.

Por conseguinte, a violência atual é instrumentalizada e despolitizada. Esta surge num contexto de fragmentação sociocultural e ausência de representação unificada do social, construindo segmentos sociais com fracos referenciais valorativos no coletivo, bem como uma crise de legitimidade da ordem legal e das instituições (PORTO, 2010).

Desta forma, Silva (2004, p. 295) se refere a uma sociabilidade violenta onde:

[...] a representação da violência urbana seleciona e indica um complexo de práticas que são consideradas ameaças a duas condições básicas do sentimento de segurança existencial que costuma acompanhar a vida cotidiana rotineira – integridade física e garantia patrimonial.

As intensas mudanças ocorridas a partir da reestruturação do trabalho configuraram, no dizer de Santos (2004, p. 9), um Estado de Controle Social Penal que:

[...] apresenta as seguintes características: a polícia repressiva, o Judiciário penalizante, a privatização do controle social, fazendo com que o crescimento das polícias privadas e das prisões privadas seja acompanhado pelo “complexo industrial-policial”, ou todos os ramos industriais envolvidos com equipamentos e instalações de prevenção e repressão ao crime [...].

Não se pode ignorar que os estratos sociais mais baixos sofreram de forma mais intensa os efeitos negativos da globalização econômica, caracterizando-se:

[...] pela desigualdade de oportunidades de vida, isto é, um acesso desigual a recursos e uma vivência de situações sociais desiguais, as quais podem ser resumidas em oito dimensões: saúde; habitação; trabalho; educação; relações de sociabilidade; segurança; informação e conhecimento; e participação política (SANTOS, 2002, p. 22).

Outro fator que interferiu na mudança do paradigma da violência foi o surto de urbanização ocorrido no mundo ocidental no curso do século XX. Pedrazzini (2006) informa que, segundo demógrafos, por volta de 1800, somente 2% da população mundial era urbanizada.

Ainda com base nessa mesma fonte, em 1950, somente 30% da população mundial vivia em cidades, sendo que, em 50 anos, este número se multiplicou por 20 vezes para alcançar, em 2000, a marca de 2,9 bilhões de pessoas, representado metade da população do mundo, estando a Organização das Nações Unidas (ONU) a projetar que, em 2030, serão 60% da população do mundo vivendo em cidades, o que equivalerá a 5 bilhões de habitantes.

Segundo os novos teóricos do urbanismo, as características da pós-metrópole são as altas taxas de pobreza, a polarização social, os conflitos étnicos, as crises econômicas, as disparidades relativas ao sistema de saúde, da violência e do crime [...], além das consequências diretas da progressiva substituição do Estado social por um estado penal economicamente fraco no cenário global [...] (PEDRAZZINI, 2006, p. 92).

Continua, esse mesmo autor afirmando que:

A cidade é construída tanto política quanto fisicamente, assim como sua forma, exclusiva ou inclusiva, é definida politicamente pelas classes dirigentes que utilizam o plano diretor como estratégia para dissimular seus interesses (PEDRAZZINI, 2006, p.94).

Os crimes violentos são um “[...] fenômeno urbano associado a processos de desorganização nos grandes centros urbanos, nos quais os mecanismos de controle se deterioram” (BEATO, 2012, p. 70). No Brasil, por exemplo, 23,8% da população vive em municípios com mais de 500 mil habitantes, os quais concentram 42,8% dos homicídios (BEATO, 2012, p. 74).

Diante das múltiplas facetas da violência urbana atual, elegeram-se como referenciais para análise do fenômeno da violência urbana os dados estatísticos relativos aos índices de homicídios. Tal escolha deve-se ao fato de ser a morte intencional um dado concreto, mas, sem esquecer de que, como em toda estatística, os dados estão sujeitos à manipulação, bem como a erros decorrentes do próprio processo de registro ou de tipificação, alertando, por exemplo, Pedrazzini (2006), sobre a possibilidade de que se encontrem registrados sob a nomenclatura única de homicídio, suicídios, acidentes, entre outros, e das limitações deste indicador.

As taxas de homicídios esclarecem apenas parcialmente a questão da violência, mesmo se atualmente o homicídio parece um fato concreto reconhecido como forma real de violência, ao qual muitos pesquisadores recorrem para manifestar-se sobre o assunto [...]. Podemos observar a questão a partir dos homicídios (especialmente se não tentarmos “socializar” os diferentes tipos de homicídios), mas devemos estar conscientes dos limites dessa operação (PEDRAZZINI, 2006, p. 84).

Com a mencionada citação, o autor salienta que não se pode analisar a questão da violência apenas pelos índices de homicídios, embora essa seja uma das variáveis mais relevantes quando se aborda esse problema social.

## 1.1 VIOLÊNCIA, POBREZA E DESIGUALDADE

A interação entre violência, pobreza e desigualdade é um tema recorrente entre os pesquisadores sociais, muito embora tenha restado claro, ao longo dos anos, que a pobreza não é fator determinante da violência, até porque, já se reconhece que o fenômeno da violência é fruto de uma pluralidade de causas, não se podendo negar que as estatísticas demonstram uma interdependência entre

estas duas variáveis, ainda que não se possa dimensionar a extensão de sua interação.

Misse (2006) aponta fatores que contribuem para a proliferação da violência na pobreza: a) sentimento de revolta ou injustiça na comunidade; b) tratamento dos indivíduos como potenciais agentes criminais; c) regular privação de bens cujo consumo é difundido; d) associação simbólica da violência à construção de identidade de prestígio; e) percepção social de não punição dos crimes dos segmentos dominantes.

Os homicídios têm demonstrado possuir um caráter estrutural. Nesse sentido, Soares (2008) defende que os homicídios são previsíveis, que as áreas mais violentas são quase sempre as mesmas, demonstrando, inclusive que o crescimento dos homicídios no Brasil de 1979 a 2001 foi linear, de forma que os dados de um ano são fonte para o cálculo da taxa do ano anterior e, assim, sucessivamente. Mas, não é só, o perfil do crime também tem sido mantido ao longo do tempo:

As mortes violentas são um fenômeno estável e sua ordem de grandeza pode ser prevista com relativa acuidade a partir dos dados referentes aos anos anteriores – sempre e quando há estatísticas confiáveis.

[...]

Assim, o homicídio é um fenômeno estável e, no agregado, altamente previsível, cujas taxas variam pouco de ano para ano. (SOARES, 2008, p.28-29).

[...]

A estabilidade refere-se também a aspectos composicionais do homicídio: as características de quem morre e de quem mata, dias da semana, horários, meses, os instrumentos com que se mata etc. (SOARES, 2008, p. 36).

Kowarick (2009) esclarece que, apesar dos avanços ocorridos no âmbito político do Brasil, em especial com a redemocratização, os direitos civis ainda não puderam alcançar um grau de efetividade, constituindo, assim, o que ele denomina de vulnerabilidade socioeconômica e civil, que consiste na:

[...] **vulnerabilidade em relação a direitos básicos, na medida em que os sistemas públicos de proteção social não só sempre foram restritos e precários** como também, em anos recentes, houve desmonte de serviços e novas regulamentações legais que se traduziram na perda de direitos adquiridos. Quanto à vulnerabilidade civil, não obstante alguns intentos de tornar certos grupos – crianças, jovens, mulheres ou idosos – mais protegidos nos seus direitos, basta olhar as notícias e as estatísticas estampadas na imprensa acerca de atos criminais perpetrados por bandidos e pela polícia, muitas vezes impunes, que **revelam a fragilidade do Estado em um atributo básico, o monopólio da violência legítima** (KOWARICK, 2009, p. 68). (grifos nossos)

A precarização do trabalho, com o aumento da informalidade e das taxas de desemprego que assolou a sociedade na modernidade tardia, contribui, em especial, nos países periféricos do capitalismo, para a ampliação da situação de vulnerabilidade social.

Destaca Kowarick (2009, p. 84-85), que um dos elementos determinantes para avaliação do padrão de vida urbana e, por consequência, da vulnerabilidade civil, é a moradia, razão pela qual o habitar em favela constitui-se indicador de risco social, representando “[...] viver em um meio ambiente sujeito a altos índices de degradação e contaminação”, sem contar a forte representação social que tem a favela como “local de vagabundagem e desordem, tido e havido como antro de vício e criminalidade”.

A questão social, posta pelo enfraquecimento dos laços de sociabilidade e pelo desemprego de longa duração e sistêmico, é geradora de uma insegurança que favorece a eclosão da apartação social. Nesse sentido, vale destacar a proliferação dos condomínios fechados.

O passo seguinte é a autodefesa da segregação socioespacial em recintos fechados e protegidos. O lema é evitar o diferente, pois a mistura social é vivenciada como confusão, desarmonia ou desordem: são enclaves fortificados, organizados na “segurança total [...] do novo conceito de moradia [...] a relação que estabelecem com o resto da cidade e sua vida pública é de evitação” (Caldeira, 1997: 142 e 164, grifos meus). Trata-se de uma sociabilidade enclausurada e defensiva, alicerçada no retraimento da vida privada – a casa –, que rejeita esferas públicas – a rua –, tida como espaço de adversidade, imponderável e imprevisível. É por excelência o espaço social do anonimato, onde tudo pode acontecer, e, portanto, o local de perigo e da violência (KOWARICK, 2009, p.89).

Cano e Santos (2007) apresentam uma síntese da literatura sobre a relação entre homicídios, renda e desigualdade, que demonstra a existência de resultados empíricos contraditórios sobre o tema.

Num dos primeiros estudos empíricos nesse campo, Shaw e McKay (1942) estudaram as taxas de criminalidade em diversas áreas de 21 cidades americanas e descobriram que as taxas eram diferentes em áreas que divergiam na sua situação socioeconômica, e que estas diferenças se mantinham estáveis ao longo do tempo. Eles concluíram que três fatores fomentavam as taxas de criminalidade: pobreza, heterogeneidade e mobilidade (CANO; SANTOS, 2007, p. 87).

Cano e Santos (2007) seguem no esforço de resumo da literatura, indicando que Messner (apud CANO; SANTOS, 2007) não constatou qualquer efeito da desigualdade e descobriu uma relação negativa entre pobreza e homicídio,

enquanto que os estudos de Blau e Blau (apud CANO; SANTOS, 2007) mostram a existência de uma influência positiva entre a desigualdade de renda e as taxas de homicídios registradas, mas, em relação à pobreza, não houve efeito significativo. Williams (apud CANO; SANTOS, 2007), reanalisando os estudos de Messner e Blau e Blau, constatou uma relação significativa entre pobreza e homicídio, mas, não em relação à desigualdade.

Cumprido destacar, ainda, o trabalho de Courthéoux (apud CANO; SANTOS, 2007, p. 20), concluindo que “[...] o desenvolvimento é uma condição necessária, mas não suficiente para a obtenção de taxas de homicídios baixas” e Fajnzylber et al (apud CANO; SANTOS, 2007), que, analisando mais de 50 países, conclui que a relação entre taxa média registrada de homicídios e o produto nacional bruto é pouco significativa, mas, a desigualdade apresenta um efeito negativo persistente sobre o homicídio, de forma que “a análise mostrou que o crescimento econômico era acompanhado por um decréscimo das taxas de homicídio” (CANO; SANTOS, 2007, p. 21).

Verifica-se, assim, que a série histórica de pesquisas apresenta inconsistência, tendendo, todavia, a demonstrar que a desigualdade parece ter uma relação mais forte com a violência do que a pobreza.

Contrariando a referida inconsistência, o exame das taxas de criminalidade agregadas em áreas geográficas demonstra relação entre as variáveis: pobreza, desigualdade e violência letal. Beato (2012) indica que estudos mostram que crimes são fenômenos bastante concentrados no tempo e no espaço e no tocante aos homicídios:

Os resultados têm mostrado que variáveis como índice de desigualdade econômica, estrutura populacional, englobando total da população e densidade populacional, e índice de desemprego estão associados significativamente aos homicídios, por exemplo. Ou que estruturas urbanas como densidade populacional e circulação de renda e riqueza estão relacionadas aos crimes contra o patrimônio (BEATO, 2012, p. 147).

A periferia e os bairros pobres são os mais atingidos pela violência. Com efeito, consoante Magalhães (2010), em bairros populosos, nos quais a figura do Estado com serviços públicos básicos e assistenciais inexistem ou são precários, configura-se uma segregação socioespacial da pobreza, fenômeno que se intensificou desde o surgimento da metrópole moderna, separando ricos e pobres em cidades diferenciadas e justapostas.

## 2 VIOLÊNCIA URBANA NO BRASIL

O fenômeno da violência não é novo na história brasileira. É preciso destacar o período colonial baseado no trabalho escravo africano e na dizimação e subjugação dos povos indígenas, ainda que, à época, tais ações não fossem consideradas socialmente reprováveis e, portanto, não fossem reconhecidas como violência.

O período imperial também foi marcado por uma série de levantes e, até mesmo depois de proclamada a república, a violência fez-se presente no fenômeno do coronelismo e do banditismo rural.

O que se pode notar é a transformação ocorrida no fenômeno da violência em face da industrialização, inserida então a questão da violência urbana, a qual passa a tomar a atenção dos meios de comunicação e das pesquisas, muito embora, é importante destacar, a violência rural não tenha deixado de existir. Assim, pode-se dizer que à violência rural, derredor dos conflitos agrários, presente na tradição histórica do Brasil, soma-se a questão da violência urbana.

O modelo capitalista estabelecido para os países periféricos, denominado desenvolvimentista “[...] reproduz antigas formas, ao mesmo tempo em que produz novas modalidades de produção capitalista, estruturadas no pauperismo, desigualdade e marginalização, no subdesenvolvimento social e econômico” (KOWARICK, 2009, p. 71).

Observe-se que o Brasil não chegou a implementar plenamente o fordismo e, por via de consequência, não chegou a constituir uma sociedade salarial. O padrão de ingresso no capitalismo foi o desenvolvimentismo; o Estado tinha sua preocupação voltada para políticas de incentivo à industrialização, em especial as indústrias de base. Foi um padrão de desenvolvimento excludente, baseado na premissa de que era preciso primeiro promover o crescimento econômico para, só depois, promover a distribuição de renda, não abarcando, assim, preocupações sociais.

Este país, durante séculos, foi essencialmente rural, baseado na grande propriedade, trabalho escravo, produção de alimentos e matéria-prima para exportação. A partir da década de 1930, com o início da industrialização, há um começo de urbanização, de forma que, em 1980, a maior parte da população morava em cidades. Contudo, o desenvolvimento teve um caráter desigual e

excludente, concentrando-se em determinadas regiões, em especial São Paulo e Rio de Janeiro. Nas décadas de 1960 e 1970, houve crescimento de capitais nordestinas em face de políticas de desenvolvimento regional, grandes estatais e substituição das importações (CARVALHO, 2006).

A transição do Brasil rural para o urbano ocorreu sem a realização de uma reforma agrária, ao contrário, surgiu de um pacto entre a burguesia industrial e a velha aristocracia agrária.

Assim, a criação de uma sociedade urbano-industrial implicou transformações na estrutura de classes, gerando, então, as primeiras questões sociais. É a época da implantação dos chamados direitos sociais, voltados para a proteção do trabalhador, com reconhecimento de direitos como salário-mínimo, jornada máxima de trabalho, férias, previdência, entre outros. Todavia, tal sistema era destinado, tão somente, aos trabalhadores assalariados urbanos, falando-se, então, em uma “cidadania regulada”. Aos demais restam, tal como antes, a proteção próxima, em especial a da família e a filantropia.

A forma de o Estado brasileiro atuar com a crescente questão social foi o uso da força, da repressão, culminado com o estabelecimento, em 1964, de um regime ditatorial.

Restabelecida a democracia na década de 1980, esta surge num contexto de crise econômica, com esgotamento do modelo desenvolvimentista e um país com alta dívida externa. Em 1980, com a crise econômica, promovem-se ajustes estruturais: abertura econômica, estabilização, privatizações, reformulação do papel do Estado. Assim, desde a década de 1980, tem-se baixo crescimento econômico, deterioração da renda e condições de vida do trabalhador, agravamento das desigualdades sociais e regressão das políticas sociais (CARVALHO, 2006).

A ideia de Estado de bem-estar social que se pode perceber, ao longo de todo o texto da Constituição Federal de 1988, restou, na prática, fortemente atingida pelos influxos dos ideais neoliberais. Desta forma, em que pese não se possam negar os avanços sociais do texto constitucional, a implantação do sistema de seguridade social foi logo acompanhada pela redução da estrutura estatal para prestação de serviços.

Apesar de a Constituição de 1988 preconizar a universalização dos direitos, na prática, os serviços públicos básicos, como educação e saúde, tem seu acesso teoricamente universalizado, mas, a conta de uma extrema redução da qualidade do

serviço, há uma terceirização da assistência e o investimento dá-se prioritariamente na proteção social de baixo custo pela política de transferência de renda mínima, relegando grande parcela da população às condições de subcidadania.

A retração das funções estatais está na base dos ideais neoliberais, já que a premissa é a da não-intervenção do Estado na economia, considerando que fora justamente o controle do mercado por este, que gerara a recessão que culminou na crise do fordismo.

Esclarece Filgueiras (1997) que o neoliberalismo exige, no âmbito do mercado de trabalho, a livre contratação e negociação, sem intervenção estatal, tendo o processo de reestruturação produtiva começado no Brasil já na segunda metade da década de 1980, mas, se acentuando no Governo Collor, pela implementação da abertura econômica.

As metrópoles são grandes centros de concentração de riqueza, poder e atividades mais dinâmicas. No Brasil, em 1970, já era possível observar a transformação econômica influenciando no âmbito social. Nessa época, Rio e São Paulo concentravam aproximadamente 30% da população urbana do país, razão pela qual o Estado começa a fomentar o crescimento da industrialização, modernização e atividades produtivas em outras cidades além do eixo Rio - São Paulo, principalmente as capitais nordestinas, por meio de uma política desenvolvimentista que não cuidou de garantir condições de subsistência à população.

Os anos 1980 foram marcados pela interrupção do padrão de crescimento elevado, levando o país a uma crise econômica e fiscal, seguindo-se, na década de 1990 e começo do novo milênio, pelo baixo crescimento do país, consequência de um endividamento externo e interno ocorrido nas décadas passadas. Nos anos 2000, 40% dos desempregados do país estavam concentrados nas regiões metropolitanas e grandes capitais.

Diante desse cenário, o Governo Federal passou a instituir políticas de transferência de renda (programas sociais) para atenuar os efeitos da crise social. Ante essa configuração político-econômica, a intelectualidade se divide em duas posições em relação à violência, conforme alerta Zaluar (2002, p. 78):

Entre o tema da impunidade ou da questão institucional, de um lado, e os temas da pobreza, desigualdade e exclusão ou da questão social, de outro, alinharam-se as posições de direita e de esquerda, tornando o debate, mais que tudo, ideológico. Isso porque frequentemente não se considerou as novas formas de criminalidade e a violência a elas associadas.

O aumento da violência urbana no Brasil ocorreu na década de 1980. Muitos autores entendem ser este um dos grandes paradoxos, tendo em vista que o aumento da violência se dá, justamente, no momento de retorno ao regime democrático; entretanto, cumpre destacar alguns fatores que interferiram nesse processo. Beato e Reis (2000, p. 386) informam que:

[...] a partir do final dos anos 70, o Rio de Janeiro triplica suas taxas de homicídios, São Paulo e Porto Alegre quadriplicam as suas. Belo Horizonte tem assistido a um aumento em torno de 50% ao ano dos crimes violentos, especialmente nos anos recentes.

A década de 1980 é um período de crise econômica, gerando, portanto, desemprego, aumento da informalidade, precarização das relações de trabalho, dificultando a ascensão social e agravando a desigualdade.

Vale, entretanto, ressaltar o alerta de Soares (2008) sobre a fragilidade dos dados estatísticos do período anterior, indicando que, na América Latina, os dados são posteriores à II Guerra Mundial e que,

[...] no Brasil, os dados começam em 1979 (em alguns casos, 1977), o que limita o teste de uma teoria em voga: a de que o crescimento recente do crime e da violência foi uma resposta à crise da década de 1980, iniciada com a moratória mexicana em 1982 (SOARES, 2008, p. 24).

Chesnais (1997) aponta, ainda, como fatores que contribuíram para o aumento da violência no país, a ausência da atuação do Estado de forma preventiva, destacando a deterioração do sistema escolar brasileiro a partir dos anos 1980 e a ausência de investimentos no setor sanitário, de moradia e de transporte público, o que dificulta as condições de vida das populações menos favorecidas. Acrescenta que também a repressão não funcionou a contento, havendo o descrédito da polícia, da justiça e do sistema penitenciário.

O Brasil passou, bruscamente, quase sem transição, da violência tradicional ligada à terra e à honra (que encontramos ainda nas regiões mais pobres do Nordeste) à violência moderna, sofisticada, internacionalizada, que corrompe o conjunto dos circuitos econômicos. Face a esse aumento da atividade criminal, o estado tornou-se fraco, artesanal, donde a proliferação das polícias particulares, encarregadas de assegurar a proteção das grandes empresas (bancos, seguradoras, transporte, etc.) e das classes ricas ou médias dos bairros favorecidos. A violência é antes uma violência entre pobres que, em São Paulo, por exemplo, atinge os habitantes das periferias desfavorecidas do Sul e do Leste da metrópole (CHESNAIS, 1997, p. 25).

O êxodo rural fez também desaparecer as instituições de solidariedade camponesa. Passa-se a uma família nuclear, onde a mãe está pouco presente em casa, porque tem de garantir a subsistência, e os pais, por regra, são ausentes.

Outro fator é o forte crescimento demográfico, gerado pelo aumento da natalidade nos anos 1950-1970, associado à queda da mortalidade infantil, que, por exemplo, em São Paulo, elevou o número de habitantes de oito milhões em 1970 para 16 milhões em 1995 (CHESNAIS, 1997). A população urbana brasileira que, em 1950, girava em torno de 18 milhões, atinge, em 1980, a marca de 80 milhões, concentrando grandes contingentes populacionais em um número reduzido de áreas metropolitanas e grandes cidades (FARIA, 1991).

Dentro do aspecto da globalização, é preciso destacar a chegada do narcotráfico. A partir de meados dos anos 1980, o narcotráfico ganha força nos países andinos e o Brasil deixa de ser apenas rota de passagem da cocaína para a Europa e Estados Unidos.

Não se pode deixar de destacar que, em regimes totalitários, não há espaço para a mensuração do fenómeno da violência porque o intenso e institucionalizado uso da força, gerando dominação e terror, impede sua manifestação. Assim, não se pode negar que o processo de redemocratização deu maior visibilidade às sociabilidades violentas, ao tempo em que lhes retirou a legitimidade (PORTO, 2010).

[...] essa sociedade desigual e hierárquica, em contato com valores mais urbanos, exposta aos meios de comunicação, tornados mais acessíveis pela revolução científico-tecnológica, e por processos sociais mais democráticos desperta, por assim dizer, para um horizonte de formas mais igualitárias de relações sociais, reivindicando uma cidadania também mais igualitária e nomeando a violência como violência (PORTO, 2010, p. 104).

Verifica-se que, no período da redemocratização, consoante observa Adorno (2011, p. 558), “[...] aumentaram destacadamente os homicídios com concurso de arma de fogo, cujos alvos privilegiados são homens de quinze a 29 anos, habitantes dos bairros que compõem as chamadas periferias das regiões metropolitanas”.

Os homicídios são fenómenos estruturais, com características estruturais estáveis, remetendo a aspectos composicionais tais como: “[...] as características de quem morre e de quem mata, dias da semana, horários, meses, os instrumentos com que se mata [...]” (SOARES, 2008, p. 36).

Beato Filho (2012) alerta que se vive em um dos cinco países mais violentos do mundo, concentrando cerca de 10% dos homicídios dolosos do mundo e sendo onde morrem mais pessoas vítimas de agressão em termos absolutos, o que resulta em uma profunda sensação de insegurança por parte da população, de forma que “[...] 75% da população acredita que será vítima de violência num futuro próximo” (BEATO FILHO, 2012, p. 57).

Em entrevista à Folha de São Paulo, Beato Filho (2012) informa que 10% dos homicídios dolosos do mundo ocorrem no Brasil, sendo a principal causa de morte de jovens entre 15 e 25 anos. O perfil padrão da vítima de homicídio no Brasil é homem, jovem, negro e morador da periferia, de forma que “as chances de morrer, vítima de homicídio, quando se é homem jovem habitante da periferia, chegam a ser de até trezentas vezes mais do que para uma senhora de meia idade que habita bairros de classe média”.

Destaca-se que, com o surgimento de um alto índice de criminalidade e violência, a democratização do país ganhou um aspecto diferenciado a exigir dos órgãos de segurança pública uma nova postura, para o delineamento de ações eficientes de controle, uma vez que a linha puramente repressora tem sofrido fortes críticas das organizações de defesa de direitos humanos, principalmente pelo agravamento das tensões sociais, razão pela qual “urge à segurança pública uma reflexão sobre seu atuar, de forma a redirecionar suas atividades para uma eficiência precisa na prevenção ao crime, minimizando suas ações repressoras e adequando-se às novas exigências sociais” (MAGALHÃES, 2010, p. 17).

Considerando a relação entre estrutura socioeconômica e criminalidade Beato e Reis (2000) analisam três aspectos: pobreza e crime; presença do Estado e desemprego e crime.

#### *Pobreza e crime*

As evidências empíricas nas quais se assentam tais crenças, entretanto, revelam-se contraditórias. Resultados de diferentes pesquisas dedicadas à demonstração da importância dos fatores econômicos sobre a criminalidade não são consistentes entre si [Land, MacCall e Cohen (1990)]. Variáveis tais como tamanho e densidade populacional, percentual de jovens na população, coeficiente de Gini, pobreza e desemprego podem estar associadas ora positivamente [Williams (1984)] ora negativamente [Messner (1982)], ou sequer estar associadas às taxas de criminalidade, remetendo-se a outras variáveis explicativas tais como raça e etnia [Blau e Blau (1982)] (BEATO; REIS, 2000, p. 388).

#### *Presença do Estado*

Novamente, nada de conclusivo pode ser afirmado a partir dessas evidências. A carência dos serviços públicos deve ser combatida, independentemente dos impactos que eles possam ter sobre as taxas de criminalidade (BEATO; REIS, 2000, p. 390).

#### *Desemprego e crime*

Não obstante a importância da relação entre desemprego e crime, há um grande consenso na literatura criminológica de que ela é frequentemente fraca, inconsistente e insignificante. Na melhor das hipóteses, podemos dizer que existe um “consenso na dúvida” [Chiricos (1987)], cujos resultados variam em função das técnicas e estratégias utilizadas para sua análise [Land, Cantor e Russel, 1995] (BEATO; REIS, 2000, p. 391).

Ante a inconsistência das pesquisas, mas com a constatação da concentração da criminalidade em determinadas áreas, Beato e Reis (2000) propõem uma nova fundamentação para a análise entre desigualdade e criminalidade, indicando que:

Na realidade, esse mecanismo de causação não se dá de forma direta, mas como resultado do fato de áreas com maior privação relativa e absoluta provocarem incrementos de mobilidade e heterogeneidade populacional, conduzindo, assim, a um enfraquecimento dos laços tradicionais de controle social e, conseqüentemente, a um maior número de crimes. Contudo, evidências empíricas mostram que existem lugares em uma cidade que apresentam uma alta incidência de delitos, cuja explicação não se dá apenas pelas características de suas populações. Existe alguma coisa amais que estaria relacionada com as características ambientais que podem estar favorecendo essa incidência de atividades criminosas [Stark (1987)] (BEATO; REIS, 2000, p. 399).

A violência se configura como um produto da desigualdade social, que é manifestada por meio do crime, ou do indivíduo, que passa a se comportar de maneira violenta perante a sociedade, já que lhe faltam condições dignas de vida.

Porto (2010) destaca que a revolução científico-tecnológica provocou diminuição na oferta de emprego para todas as camadas sociais, e busca na frustração, decorrente da exclusão, as raízes para a violência, ao afirmar que:

As camadas negativamente privilegiadas são confrontadas com a precarização do trabalho e de suas condições. Por sua vez, as camadas economicamente mais bem aquinhoadas são igualmente confrontadas com a penúria na oferta de trabalho, o que não acarreta como consequência direta uma penúria dos bens e nem coloca em risco sua sobrevivência material. Quando isso acontece, as consequências fazem-se sentir sobretudo no nível simbólico (PORTO, 2010, p. 94)

Assim, tem-se a violência por excesso, utilizada por Porto (2010) para entender a violência dos jovens de classe média, e a violência por falta. A violência por falta se manifesta todos os dias nas cidades revelando:

[...] formas de sociabilidade que se expressam na e pela violência, uma violência nos moldes do que Wieviorka (1997) consideraria infrapolítica. Violências sem objeto, no sentido de que não se dirigem a algum fim específico, nem representam formas de mobilização, de ação coletiva ou de contestação à ordem estabelecida (PORTO, 2010, p. 97).

Para concluir que:

Essas respostas violentas às precárias condições materiais e simbólicas de existência expressam, no fundo, individualidades reprimidas que não conseguem afirmação como sujeito, que não conseguem construir um modo de aceder ao espaço público, enquanto locus privilegiado de instauração do diálogo (PORTO, 2010, p. 97).

O aludido autor não deixa de mencionar a presença da violência policial como componente da violência que assola o Brasil, indicando tratar-se de círculo vicioso em que na:

[...] busca de legitimidade e de reconhecimento social, o policial intensifica a violência e a repressão com o objetivo de demonstrar competência e eficiência; ao fazê-lo, no entanto, compromete sua busca por legitimidade, intimamente associada aos processos de construção de sua identidade (PORTO, 2010, p. 98).

### 3 E SALVADOR?

Segundo dados do censo do IBGE 2010, a Bahia é o 4<sup>o</sup> estado mais populoso do Brasil e o 15<sup>o</sup> mais povoado. A economia da Bahia tem como seus grandes vetores econômicos a agropecuária e o turismo, apesar do avanço na área industrial. O estado responde por 36% do Produto Interno Bruto (PIB) do Nordeste, sendo o 1<sup>o</sup> da região e o 7<sup>o</sup> maior do país. Sua capital, Salvador, é a cidade mais populosa do Estado e a terceira capital mais populosa do país e a que possui maior densidade demográfica.

Ao analisar a violência crescente na cidade do Salvador, pode-se tomar como uma das principais causas o choque direto das condições de vida de determinados grupos/classes quem compõe a cidade. É importante observar que, dentro desta Capital, as ocorrências de crimes estão sempre ao redor dos bairros mais pobres (subúrbio ou periféricos). Ou seja, o ponto principal desta análise, que é a segregação, se materializa nesses indivíduos que vivem na sociedade, precariamente.

Pode-se observar que a diferença nas condições de moradia e acesso domiciliar a infraestrutura, com o passar dos anos, se evidencia cada vez mais. O desenvolvimento urbano, seguindo o padrão da maioria das cidades brasileiras, envolveu crescimento desordenado, má utilização e aproveitamento do solo urbano, além da árdua tarefa de disponibilizar os serviços públicos para a população.

Até 1900 a cidade de Salvador não tinha passado por nenhuma grande estruturação urbana e nenhuma modificação que acompanhasse o desenvolvimento da cidade.

Entre os anos 1940 e 1950, as migrações geraram um crescimento demográfico modificando a estrutura especial da cidade, de forma que, o centro da cidade, tradicionalmente ocupado pelas residências da população de alta renda, passa a ter outras funções, gerando a busca por novas áreas residenciais, iniciando a ocupação da Orla Atlântica pela população de alta renda, enquanto que a população de baixa renda foi para os fundos de vales não drenados e encostas, além de outras áreas não urbanizadas, como, por exemplo, em 1946, a Invasão do Corta Braço, hoje conhecida como Pero Vaz (CARVALHO; PEREIRA, 2008). Esses mesmos autores descrevem a trajetória da expansão urbana em Salvador. Inicialmente a elite da cidade concentrava-se no centro:

Nos primórdios da cidade a segregação se definia, mais acentuadamente, no interior do domicílio e no âmbito da edificação, com a separação de escravos e agregados, quase sempre nos andares inferiores dos sobrados das famílias mais abastadas. Em termos de inserção urbana, os primeiros sinais de segregação por estratificação de renda no espaço construído se manifestaram nas franjas da ocupação contínua, com as novas habitações edificadas no final do século XIX para famílias ricas, partindo do que era então o centro da cidade, na direção sul (Campo Grande, Vitória e Graça). E, para as famílias pobres, na direção norte (Lapinha, Soledade e Cidade Nova). Essa apropriação diferenciada do espaço urbano se delineia com maior nitidez, primeiro, pela contingência da proximidade dos operários junto às primeiras fábricas nos arredores da cidade e, a posteriori, pela indução da legislação urbanista que entra em vigor através do Código de Posturas Municipais, de 1920 e 1926, que introduziu as primeiras normas que condicionaram a localização das habitações para as camadas de baixa renda [...]. A partir da década de sessenta, como já foi visto, a nova dinâmica econômica e urbana da cidade incrementou a ocupação da orla pelas classes médias e altas, remetendo a população de baixa renda para áreas distantes e desequipadas do Miolo, dos Subúrbios ou de Lauro de Freitas e Simões Filho, junto aos limites de Salvador (CARVALHO; PEREIRA, 2008, p. 86).

A abertura das avenidas de vale, ocorrida nas décadas de 1960 e 1970, extirparam “do tecido urbano mais valorizado da cidade, um conjunto significativo de assentamentos de população pobre, que ocupavam tradicionalmente os fundos até então inacessíveis dos numerosos vales de Salvador”, além de promoverem a erradicação das invasões existentes na orla marítima, a qual foi reservada para o turismo (CARVALHO; SOUZA; PEREIRA, 2004).

Na década de 1980 surge um novo vetor de crescimento, com a construção da Avenida Paralela, da nova rodoviária, do Centro Administrativo e do Shopping Iguatemi. Em razão destas ações de urbanização, configura-se a existência de três grandes setores na cidade: a orla marítima norte, o “miolo” e o subúrbio ferroviário, com características diversas e que vão consolidar o perfil da segregação socioespacial de Salvador.

A orla marítima norte, considerada como área nobre, concentra o lazer, a riqueza, os equipamentos urbanos, os investimentos públicos e a atividade de construção civil e interesse imobiliário; o “miolo”, cuja ocupação iniciou-se pela construção de conjuntos residenciais para a classe média baixa e continuou a expansão com loteamentos populares, com “disponibilidade de equipamentos e serviços bastante restrita”; por fim, o subúrbio ferroviário que, inicialmente ocupado em função da linha férrea, em 1860, acabou por transformar-se “em uma das áreas mais carentes e problemáticas da cidade, concentrando uma população extremamente pobre e sendo marca pela precariedade habitacional, pelas

deficiências de infraestrutura e serviços básicos” (CARVALHO; SOUZA; PEREIRA, 2004).

Em função de todas as modificações urbanas ocorridas como reflexo das mudanças econômicas e do processo de urbanização, o centro da cidade, que antes era o antigo ninho da classe média e alta de Salvador, perde a importância e dá lugar a novos polos populacionais, incluindo a urbanização em direção ao norte, abrangendo as cidades de Lauro de Freitas e Camaçari. Bairros como Barra, Graça e Vitória, ainda conseguem manter sua elitização mesmo que em volta destes encontrem-se bolsões de pobreza em contraste com a condição social dos moradores dos bairros acima citados, evidenciando, ainda mais, o perfil de segregação na cidade do Salvador.

A partir de 2010, inicia-se novo processo de segregação socioespacial por meio da intensificação da construção de condomínios, como o Horto Bela Vista, Alphaville, Le Park e outros, considerados novos feudos, processo este que tem como principal objetivo criar uma cidade dentro da própria cidade para dar sensação de segurança aos seus moradores, os quais, no espaço confinado do condomínio, têm acesso a escolas, mercados, shopping e aos demais serviços, corroborando a advertência de Carvalho e Pereira (2008, p. 105) de que “(...) as transformações do presente vem atualizando velhos processos, exacerbando as desigualdades sociais e espaciais e a perversidade da segregação”.

No aspecto econômico, Pereira (2008, p. 138) destaca que:

[...] a trajetória de Salvador e dos municípios que hoje compõem a sua região metropolitana foi marcada por décadas de estagnação econômica, pela pobreza da população e por um processo de modernização excludente, que se refletiu na sua conformação urbana, nos problemas de moradia e na disponibilidade de estrutura e serviços urbanos.

Assim, em face de toda esta configuração, Salvador vive uma cultura de segmentação social, obrigando as pessoas a estarem centradas apenas em suas famílias e vizinhos, que compartilham a mesma situação de miséria. O isolamento social dos bairros pobres de Salvador prejudica o acesso à educação de bom nível, oportunidade de ocupação com a obtenção de renda, mobilidade social e mobilidade urbana.

Para entender como a desigualdade se apresenta disposta geograficamente, Carvalho e Pereira (2008), com base nos microdados do censo de 2000, elaboraram



**serviços auxiliares e trabalhadores do comércio**; nas áreas de caráter **popular** predominam **trabalhadores manuais da indústria e do comércio, assim como prestadores de serviços com alguma qualificação**; nas classificadas como **popular inferior** há uma **conjugação desses trabalhadores com prestadores de serviços não qualificados, trabalhadores domésticos, ambulantes e biscateiros**. Como **popular-agrícolas** foram classificadas aquelas que possuem uma **expressiva frequência de trabalhadores rurais, áreas essas menos urbanizadas e com baixa densidade demográfica**, encontradas em alguns municípios da RMS, como São Francisco do Conde, Itaparica, Vera Cruz, Lauro de Freitas e Camaçari. Pela trajetória econômica e características de sua industrialização recente, Salvador e a RMS nunca possuíram uma classe operária numericamente expressiva ou bairros com essa composição. Contudo, em algumas **localidades de caráter popular agrícola o peso relativo de trabalhadores da indústria moderna (como da Petrobrás ou do Polo Petroquímico) e da construção civil**, na sua reduzida população ocupada, levou a sua classificação como **popular operário agrícola**.(grifos nossos)

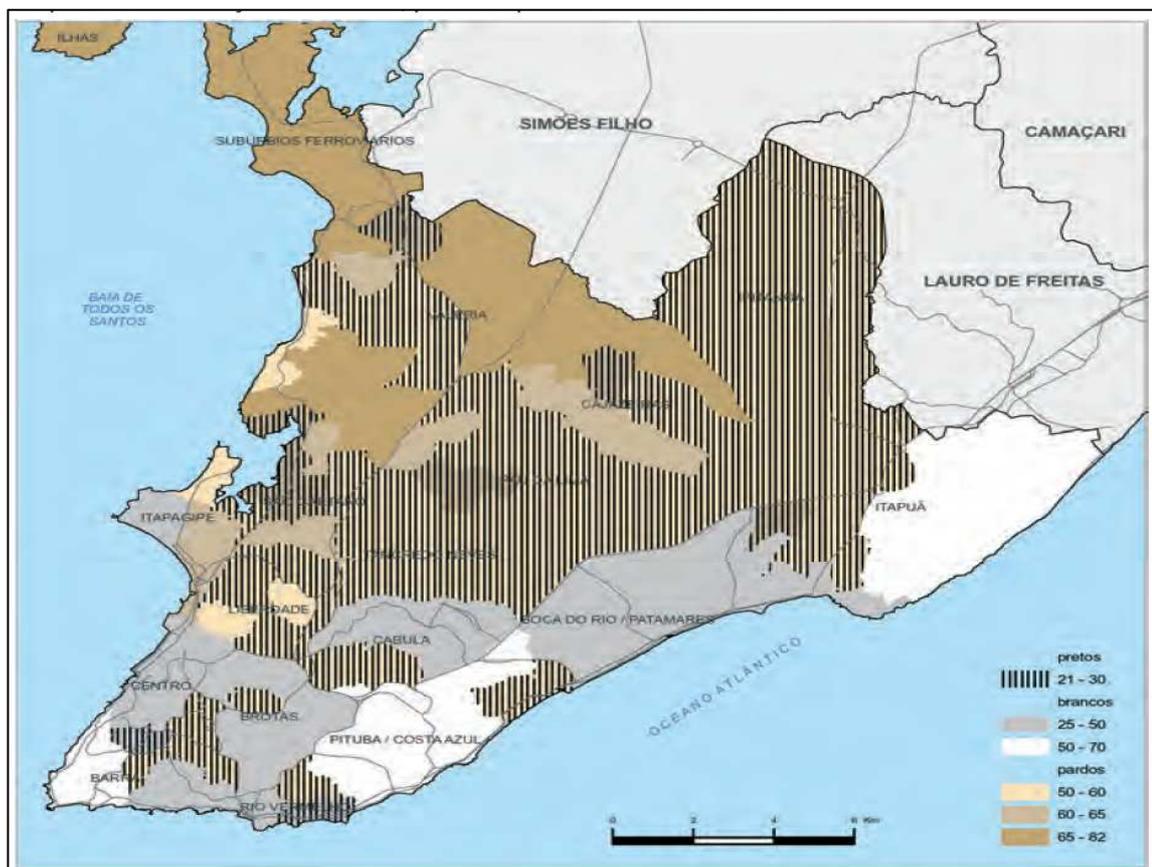
Observada a referida classificação, Carvalho e Pereira (2008) concluem que a orla atlântica de Salvador encontra-se ocupada pelos grandes empregadores, dirigentes e trabalhadores intelectuais, numa área contínua limitada pela Avenida Luís Viana Filho, a Paralela, que funciona como fronteira entre esta área e as áreas populares da cidade. Os setores médios também ocupam a orla atlântica, o centro tradicional e as áreas mais antigas da cidade, enquanto as áreas populares estão no Miolo e Subúrbio Ferroviário.

A questão socioeconômica se alia à questão racial. Dados do censo de 2000 indicam que 75,2% da população de Salvador se declararam negros ou pardos, revelando a forte influência negra na cidade, a qual, todavia, não se refletiu em acesso às oportunidades. A maioria dessa população se encontra ainda na base da pirâmide social, concentrando-se em ocupações de baixa renda e escolaridade.

A inserção dos que se identificaram como **pretos**, era bem mais precária: **não mais que 0,3%** deles integravam o grupo dos **grandes empregadores e dirigentes**, **3,5%** o dos **profissionais de nível superior** e **0,9%** o dos **pequenos empregadores**; 23,6% tinham ocupações de nível médio e 21,7% trabalhavam na indústria, metade dos quais na construção civil; ocupados no terciário relativamente qualificado estavam 23,1%, e, no **subproletariado, como prestadores de serviços não especializados, empregados domésticos, ambulantes e biscateiros**, **34,1%**. (grifos nossos) (CARVALHO; PEREIRA, 2008, p. 93).

Outro fator observado é a distribuição dos moradores da capital baiana segundo a cor da pele, conforme mostra a Figura 2:

Figura 2 – Concentração da população segundo a classificação: brancos, pardos e pretos – Salvador – 2000.



Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2000. Tipologia e mapa elaborados por Carvalho e Pereira, 2008.

Observando-se a Figura 1, que demonstra a distribuição da população segundo critérios de ocupação e de renda, e a Figura 2, com a distribuição espacial da raça, nota-se que a concentração de indivíduos com menor nível de renda encontra aderência na população negra e parda, ficando estes, por consequência, remetidos aos bairros periféricos de Salvador.

Por outro lado, a população branca se concentra na área central e na faixa atlântica, especialmente nos bairros da Barra, Graça, Campo Grande/Canela e Pituba, os negros e pardos se abrigam predominantemente em áreas do tipo popular ou popular-inferior do Miolo e do Subúrbio (como Cajazeiras, Fazenda Grande, Tancredo Neves, Coutos, Plataforma, Periperi, Lobato ou Paripe) e em pequenas áreas do centro e da orla, em regra, em sítios acidentados e desfavoráveis, como Engenho Velho da Federação, Alto das Pombas, Liberdade, Nordeste de Amaralina e Bairro da Paz.

O fato é que Salvador vem sofrendo, até hoje, com as consequências deste modelo de desenvolvimento. Em pesquisa realizada pelo Instituto Proteste, no ano de 2012, sobre condições de vida, que tomou por base, além de critérios como acessibilidade, habitação, saúde e educação, a análise de como as pessoas que moram em um dado local percebem sua cidade, Salvador ficou com o último lugar, sendo considerado o pior lugar para se viver (REGO, 2012).

Costa (2005) destaca como as condições precárias de moradia, expressas pela falta de infraestrutura urbana, contribuem para a representação social da insegurança nos bairros populares de Salvador. O estudo indica que a população entende como razões da insegurança a violência do poder dos traficantes, do uso das drogas, do desemprego e do medo social; a ineficácia da polícia; e a insuficiência de policiais e de aparelhamento para garantir a segurança.

Magalhães (2010) afirma que a violência em Salvador tem alcançado níveis insuportáveis, destacando que o perfil das vítimas é, por excelência, de jovens, negros e moradores de bairros periféricos.

Já é vista como “uma situação de extermínio da juventude negra que se traduz num verdadeiro genocídio”. Pedrazzini (2006, p. 97) diz que a cidade é uma fábrica social de violência onde os jovens dos bairros pobres são proletários sem descanso. Assim é Salvador se observada a partir da periferia da cidade. A falta de emprego e de perspectiva de desenvolvimento sociocultural tem acentuado o número de jovens com adesão ao uso e ao tráfico de drogas como solução (MAGALHÃES, 2010, p. 4).

Corroborando tal perfil, Paim (2008), ao analisar as ocorrências de homicídios na cidade do Salvador, verificou que são justamente os bairros populares, as áreas de maior concentração de mortes. Nesse sentido:

No conjunto dos homicídios, a análise espacial<sup>2</sup> indica que os coeficientes mais elevados, em 1997, corresponderam às zonas da Liberdade (80,5%), Valéria (79,5%), Engomadeira (75,2%) e Nordeste de Amaralina (64,9%). Em 2000, os valores mais altos foram encontrados nas áreas de Pirajá (73,1%), IAPI (53,6%), Nordeste de Amaralina (44,3%), Escada/Periperi/Praia Grande (43,7%) e Valéria (42,7%). Apenas o Nordeste de Amaralina, em ambos os anos do estudo, integra a orla da cidade. As demais se inserem na parte mais central e no Subúrbio Ferroviário (Nunes; Paim, 2005). Todas as áreas citadas correspondem às Zonas de Informação (ZI) com piores condições de vida da Cidade do Salvador, apresentando valores de ICV3 elevados (Anexos 1 e 2). Os residentes nessas áreas têm risco quase duas vezes maior de morrer por homicídio do que os habitantes de bairros cujas ZI conformavam estratos de melhores condições de vida (Gráfico 4). As populações residentes em áreas que compuseram o estrato de ZI com melhores condições de vida apresentaram coeficientes de 20,1 e 13,5 óbitos por homicídio, para cada 100.000 habitantes, em 1997 e 2000, respectivamente. Já as ZI que

formaram os estratos com piores condições de vida exibiram, no mesmo período, taxas de 37,9% e 23,6%, respectivamente (Gráfico 4). Todavia, o exame da evolução desses indicadores, no final da década de noventa, sugere um decréscimo das taxas de homicídios nos diferentes estratos, especialmente o 3 e o 4 (Gráfico 4). Nos estratos de piores condições de vida, somente Pirajá, São Gonçalo do Retiro, Sussuarana e Estrada CIA/Aeroporto apresentaram taxas ascendentes no período do estudo. Nordeste de Amaralina e Mata Escura apresentaram queda em 2000. Já nas ZI que integraram o estrato de melhores condições de vida, observam-se taxas crescentes na Pituba e Barra, além de Piatã/Patamares e Canela, que tinham coeficientes zero, em 1997, e exibiram taxas de 15,5% e 34,9% em 2000 (Nunes; Paim, 2005). Embora tais resultados devam ser examinados com certa cautela, diante da possível instabilidade dos indicadores, não deixam de chamar a atenção para certos deslocamentos na distribuição espacial da violência (PAIM, 2008, p. 159-162).

Paim (2008) constatou que, na passagem da década de 1980 para a de 1990, o número de homicídios em Salvador sofreu grande incremento, passando a ser a primeira causa de morte violenta, atingindo, especialmente, adolescentes e jovens adultos do sexo masculino.

Em sua análise, esse mesmo autor destaca a contribuição da violência para o incremento do número de mortes por causas externas, sendo que, nem todas se enquadram no conceito de intervenções legais, na forma como definido pela Organização Mundial de Saúde (OMS): “lesões infligidas pela polícia ou por outros agentes da lei, incluindo militares em serviço, durante detenção ou tentativa de detenção por infração da lei, para repressão de distúrbios, para a manutenção da ordem pública e outras ações legais” (CID, E970-979).

Assim, no início da década de 1990, as mortes decorrentes de intervenção policial, seja legal ou não, representavam 7% das mortes por causa externa em Salvador e uma em cada dez mortes violentas de crianças e adolescentes.

O crescimento da preocupação com a violência letal em Salvador data da década de 1990. Com efeito, o Programa Nacional de Direitos Humanos do Ministério da Justiça, em face da carência de dados, solicitou, em 1997, ao Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (Cedec) a elaboração de mapas de risco de violência em quatro cidades brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Curitiba. Como resultado da pesquisa realizada em Salvador, no período de fevereiro de 1997 a abril de 1999, com apoio do Instituto de Saúde Coletiva/Departamento de Sociologia da UFBA, seu relatório apresentou as seguintes conclusões:

Existe um **predomínio de elevados coeficientes de mortalidade por homicídio nos bairros com piores condições de vida.** Não há um estudo sistemático das declarações de óbito, o que dificulta o monitoramento das

mortes por causas externas a longo prazo. Quatro aspectos destacam-se na avaliação geral das informações sobre o diagnóstico da criminalidade e a atuação das Polícias, bem como suas implicações sobre violências e mortes: **falta de integração operacional entre as duas Polícias; poucos recursos humanos**, em especial aqueles que atuam diretamente com a criminalidade, pois existe grande deslocamento de efetivos para atividades administrativas de apoio; **significativa carência de equipamentos**, em quantidade e grau de atualização tecnológica; **baixo padrão de estrutura organizacional dos órgãos de segurança pública** (AKERMAN; BOUSQUAT, 1999, p. 119). (grifos nossos)

Parte dos problemas apontados no estudo do Cedec, em 1997, ainda persiste. Na elaboração do Plano Estadual de Segurança Pública 2012-2015, são indicados como ameaças a promoção da segurança pública e da paz social os seguintes aspectos:

1. Os recursos financeiros destinados à SSP não são suficientes para suprir a necessidade da segurança pública, em face da dimensão do Estado da Bahia.
2. Ampliação da exclusão socioespacial nas grandes cidades do Estado da Bahia, aumentando índices de criminalidade e violência.
3. Dificuldade de integração dos sistemas de informação de diversos órgãos, como Ministério da Saúde, Ministério da Justiça, Tribunal de Justiça e Ministério Público.
4. Crescimento da criminalidade e homicídios entre jovens.
5. Baixa credibilidade da polícia e dos demais órgãos do governo junto à sociedade.
6. Maior atuação do crime organizado, promovendo insegurança e instabilidade no sistema de defesa social, inclusive com envolvimento de policiais na prática de crimes.
7. Déficit de servidores nas polícias.
8. Inexistência de um sistema integrado de gestão de pessoas.
9. Processo de formação e capacitação deficientes.
10. Servidores das organizações policiais desmotivados em face da política salarial e condições de trabalho incompatíveis com suas atribuições.
11. Aparelho policial enfrenta sérias carências ou inadequações (BAHIA, 2011, p. 23).

O Fórum Comunitário de Combate à Violência (FCCV) publicou estudo sobre as mortes violentas em Salvador relativa ao período de 1998 a 2001. O referido estudo, por contar com o apoio da Secretaria da Saúde do Estado da Bahia, utilizou-se dos dados da área de saúde, de forma que, ao se referir a mortes violentas, não considera só os homicídios, mas, também os suicídios e os acidentes, que constituem, na área de saúde, o grupo causas externas de morbi-mortalidade. Ainda assim, em razão do grande peso dos homicídios no referido indicador, o perfil das vítimas não se altera.

É importante lembrar que os dados advindos da área da saúde sobre as mortes violentas consideram o local de residência registrado no atestado de óbito e não o lugar da agressão.

O FCCV destaca a desigualdade expressa no perfil das vítimas. As mortes por causas violentas ocorridas em Salvador, nos anos 1998 a 2001, confirmam a existência de um perfil de vítima preferencial: homem (85% contra 15% de mulheres), negro (81% classificados como pardos e 9% classificado como negro), jovem (70% das vítimas estavam na faixa etária de 15 a 39 anos, concentrando-se na faixa de 20 a 29 anos), solteiro (75% do total), com baixa escolaridade (69% dos indivíduos com escolaridade fundamental ou 1<sup>o</sup> grau).

Outro aspecto da desigualdade destacado pelo FCCV é a relação entre morte violenta e espaço social. O estudo levou em consideração as Zonas de Informação (ZI)<sup>1</sup>e buscou calcular a taxa de mortalidade de cada uma delas, concluindo que:

Para os quatro anos analisados, cerca de 37% das áreas apresentam taxas acima das médias do município (72,3/ 66,4/ 64,0/ 64,3 óbitos por 100.00 habitantes para os anos de 1998, 1999, 2000 e 2011, respectivamente), sendo que mais de 10 ZI apresentaram taxas acima de 100 óbitos por 100.000 habitantes (FCCV, 2002, p. 24).

Os dados levantados pelo FCCV apresentam como zonas de risco elevado de morte violenta a 29<sup>a</sup> ZI/Cabula/Beiru, a 7<sup>a</sup> ZI/ Nordeste de Amaralina, a 42<sup>a</sup> ZI/Fazenda Grande do Retiro, 02<sup>a</sup> ZI/Campinas de Brotas e 3<sup>a</sup> ZI/ Ondina/Calabar, razão pela qual afirmam que:

As áreas que apresentam maiores taxas de mortalidade por causas violentas são áreas em que as condições de vida são mais precárias e difíceis. Esses trabalhos buscam explicar o perfil epidemiológico de uma população a partir da inserção das classes sociais na estrutura socioeconômica e usam o conceito de condições de vida<sup>2</sup>como mediador, como um conceito capaz de articular os conceitos de classe social e de estrutura socioeconômica com a análise da situação de saúde e suas tendências (FCCV, 2002, p. 26).

### 3.1 INDICADORES SOCIAIS: COMO ESTÃO?

É importante frisar que as estatísticas referentes aos indicadores sociais não se encontram tão atualizadas quanto as criminais. O censo realizado pelo IBGE, em 2010, ainda não teve os microdados divulgados e, em consequência disto, não foi divulgado ainda o novo Atlas de Desenvolvimento Humano do Brasil pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), cuja previsão era o primeiro

---

<sup>1</sup>ZI é uma divisão estabelecida pela Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana do Salvador – CONDER, correspondente a um conjunto de setores censitários contíguos, dentro de determinados limites geográficos e/ou viários da cidade.

<sup>2</sup> O FCCV define condições de vida como condições materiais necessárias à subsistência, relacionadas à nutrição, à habitação, ao saneamento básico e às condições de meio ambiente.

trimestre de 2013, e que teria por base os dados do Censo 2010. Em face do atraso na divulgação dos dados, serão considerados os resultados do Censo 2000 e o Atlas 2003.<sup>3</sup>

O atraso na liberação dos dados sociais comprometeu parcialmente a análise do presente trabalho. Com efeito, o ideal seria estabelecer um comparativo entre os indicadores sociais e os indicadores de violência letal dentro de um mesmo período de tempo, todavia, enquanto os índices de violência letal estão trabalhando com dados do período de 2010 a 2012, os últimos dados sobre a questão social estão considerando o Censo de 2000.

Apesar da diferença do período de tempo não ser o desejado, como a presente pesquisa não tem conotação estatística e os dados são utilizados com vistas a demonstrar as características das áreas estudadas, tem-se que não obstam as observações e conclusões transcritas ao longo do presente estudo.

Salvador possui 2.998.056 habitantes e densidade populacional de 4.241,73 hab/km<sup>2</sup>, com um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,805, considerado alto índice de desenvolvimento humano, ocupa a 475<sup>a</sup> posição entre os municípios do Brasil.

O comparativo do IDH dos anos de 1991 e 2000 demonstra a melhoria dos índices de desenvolvimento humano, não só no IDH geral (Tabela 1), mas também nos componentes de renda, longevidade e educação.

**Tabela 1 – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal, 1991/2000.**

	Ranking	475
<b>Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M)</b>	<b>Município</b>	Salvador
	<b>IDHM, 1991</b>	0,751
	<b>IDHM, 2000</b>	0,805
	<b>IDHM Renda, 1991</b>	0,719
	<b>IDHM Renda, 2000</b>	0,746
	<b>IDHM Longevidade, 1991</b>	0,679
	<b>IDHM Longevidade, 2000</b>	0,744
	<b>IDHM Educação, 1991</b>	0,856
	<b>IDHM Educação, 2000</b>	0,924

Fonte: PNUD.

<sup>3</sup>Após a defesa da dissertação, houve a divulgação do Atlas 2013.

Cabe destacar um alerta feito pelo próprio PNUD no sentido de que o IDH não contempla todos os aspectos do desenvolvimento humano, citando que democracia, participação, equidade, sustentabilidade são outros dos muitos aspectos do desenvolvimento humano que não são nele contemplados.

Neste mesmo sentido, vale ressaltar que, segundo Zaluar (2002) “[...] a desigualdade, por ser medida em índices, tende a ser reduzida ao que é quantificável, continuam excluídos os efeitos menos visíveis da violência institucional e da violência difusa o social”.

Outro importante indicador é o coeficiente de Gini, cujo objetivo é medir a desigualdade existente entre uma determinada sociedade, utilizando de uma escala de 0 a 1, onde 0 corresponde à completa igualdade de renda (onde todos têm a mesma renda) e 1 corresponde à completa desigualdade (onde uma pessoa tem toda a renda, e as demais nada têm).

A evolução do Índice de Gini de Salvador, no período de 1991 a 2010 (Tabela 2) demonstra uma queda na desigualdade, todavia em pequena proporção, e o valor em 2010 de 0,6449 é indicativo de que ainda há na capital baiana muita desigualdade.

**Tabela 2 – Índice de Gini da renda domiciliar *per capita* segundo Município 1992/2000/2010.**

Município	1991	2000	2010
Salvador - GINI	0,6576	0,6569	0,6449
Taxa de Homicídio	19	25,3	59,6
Taxa homicídio Brasil	20,3	34,8	29,8

Fonte: DATASUS/IBGE/Censos Demográficos 1991, 2000 e 2010.

Dados disponibilizados no site da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) sobre educação, saúde, desenvolvimento social e desenvolvimento econômico, mostram que a melhoria dos índices sociais em Salvador foi relativa.

No período de 2005/2008 houve queda no número de matrículas iniciais na educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, o que, por si só, não é conclusivo, pois pode decorrer de mudança na distribuição etária da população; todavia, na série 2002, 2004, 2006, o índice de nível de educação e o índice dos serviços básicos sofreram queda no período, assim como o índice de infraestrutura e

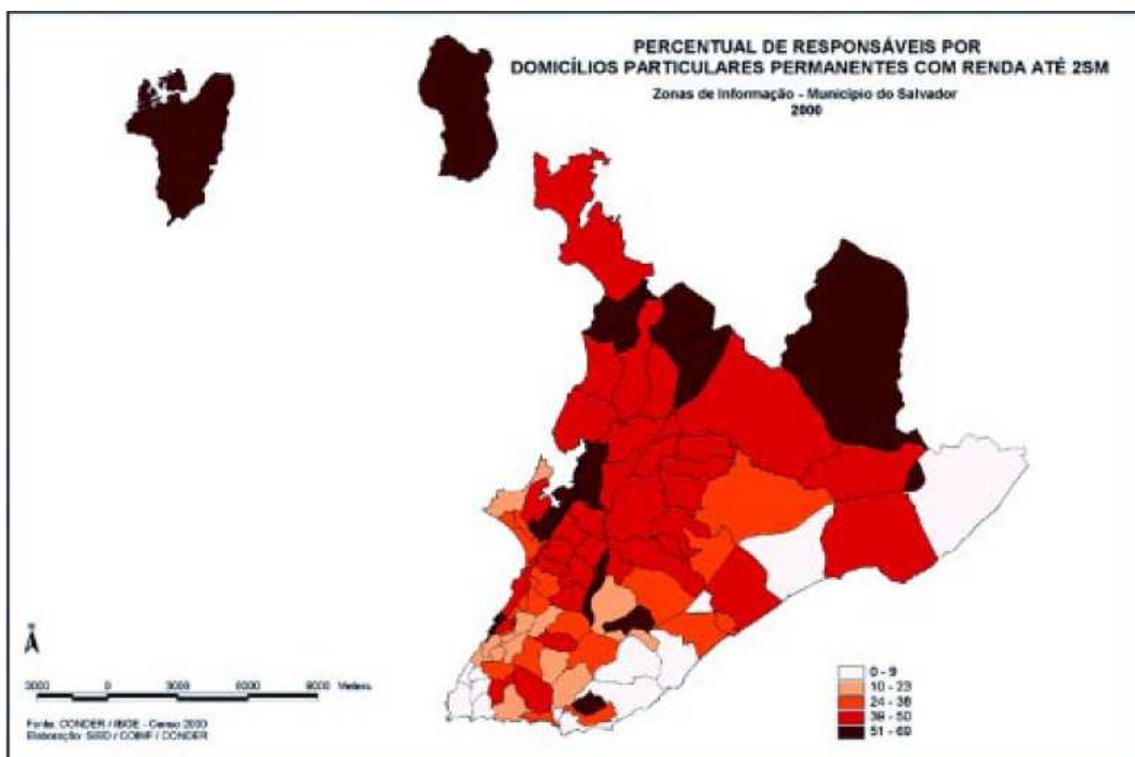
o índice de qualificação de mão de obra. A renda, entretanto, sofreu melhoria já que, no período 2004/2007, houve aumento no PIB e na arrecadação de tributos.

No âmbito do desenvolvimento social, o índice que apresenta melhoria é o índice do nível de saúde. Nesse aspecto, é importante destacar que as causas externas de morbidade e mortalidade, no período de 2005/2008, apresentam aumento progressivo dos números, constituindo-se na terceira causa de óbito em Salvador, corroborando, assim, os dados advindos dos órgãos de segurança pública de aumento dos homicídios.

É importante destacar que os indicadores sociais também não são homogêneos no interior da Capital. Em Salvador, os bairros do Miolo e do Subúrbio Ferroviário constituem-se na parte periférica ou carente da cidade.

O FCCV, para analisar a associação entre renda e mortes violentas, elaborou um mapa que demonstra como as áreas de maior taxa de morte por causa externa coincidem com a concentração dos domicílios com renda de até dois salários mínimos.

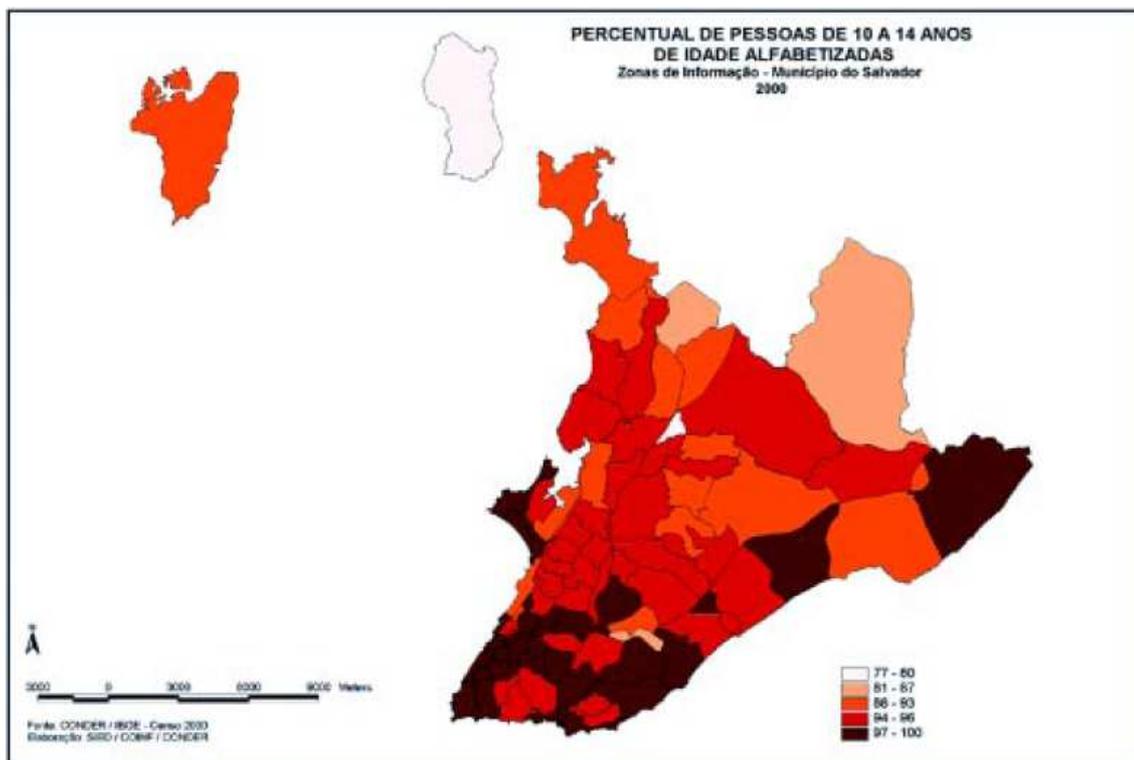
Figura 3 – Distribuição de domicílios com renda até 2 salários mínimos – Salvador – 2000.



Fonte: IBGE. Censo 2000. Elaborado por FCCV.

Já a escolaridade segue, justamente, o caminho inverso, de forma que os locais de maior renda são, também, aqueles que possuem o maior número de pessoas alfabetizadas na faixa etária de 10 a 14 anos.

Figura 4 – Distribuição de pessoas alfabetizadas entre 10 e 14 anos – Salvador – 2000.



Fonte: IBGE. Censo 2000. Elaborado por FCCV.

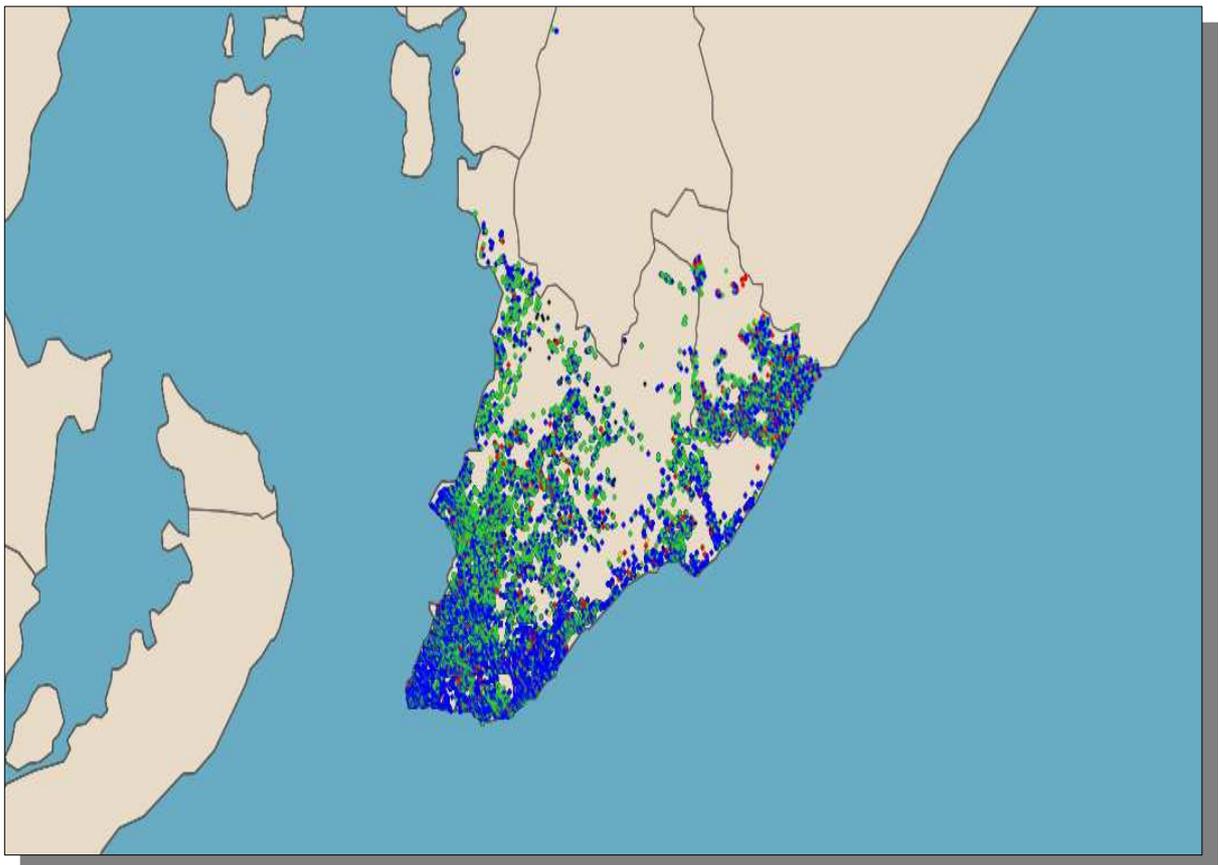
Quando analisadas sob a ótica do acesso ao emprego e renda, a situação dos bairros periféricos, em nada, é melhor. Assim como a renda, as oportunidades de emprego, em especial os socialmente protegidos, encontram-se concentradas nas áreas nobres da cidade. Nesse sentido, Borges e Carvalho (2012, p. 9) assinalam que:

Como ocorre normalmente nas grandes cidades brasileiras e latino-americanas, é no centro comercial e nas áreas afluentes da cidade que se concentram as oportunidades de trabalho e obtenção de renda. A distribuição espacial dos estabelecimentos, apresentada no Mapa 2, mostra a concentração de negócios nas regiões administrativas do Centro (tradicional) e da Orla e como são poucos os estabelecimentos empregadores nas RAs densamente povoadas do Miolo, dos Subúrbios Ferroviários e na RA de Valéria, área de expansão para o interior, às margens da BR 324, em direção aos municípios industriais vizinhos. Cotejando as informações dos dois Mapas, a tipologia socioespacial (Mapa 1) com a distribuição dos estabelecimentos por Regiões Administrativas (Mapa 2), observa-se que as RAs da Pituba, Barra e Rio Vermelho correspondem às áreas classificadas como do tipo superior ou médio

superior e que as RAs de Tancredo Neves e Pau da Lima, Cajazeiras, Subúrbios Ferroviários e Valéria ficam nas áreas do tipo popular inferior, que concentram os trabalhadores manuais de baixa renda, os prestadores de serviços menos qualificados, os trabalhadores domésticos e biscateiros, etc.

Conforme é possível observar na Figura 5, em Salvador, quer na área de serviços, quer na do comércio ou da construção civil, os postos de emprego estão concentrados na orla atlântica da cidade, fazendo com que os habitantes dos bairros periféricos, localizados no miolo e no subúrbio ferroviário, tenham de se submeter a longos deslocamentos no trajeto casa-trabalho, deslocamento este que se torna ainda mais sacrificante em razão do precário e ineficiente transporte público da cidade.

Figura 5 – Estabelecimentos por grande setor de atividade – Salvador – 2010.



**Legenda:** ■ Serviços; ■ Comércio; ■ C.Civil

Fonte: MTE. RAIS. DIEESE/SETRE. Observatório do Trabalho. Elaborado por Borges e Carvalho (2012).

Ao efetuar-se a análise da quantidade de postos de trabalho por habitantes das regiões administrativas de Salvador (Tabela 3), percebe-se, de forma mais flagrante, a desigualdade da distribuição, tendo em vista que os bairros periféricos,

embora detentores de grande número de habitantes, possuem poucos postos formais de trabalho, ficando, portanto, a população destes locais submetida à informalidade como meio de subsistência. Assim, enquanto a Pituba concentra 19,3% dos postos de trabalho da cidade, Cajazeiras tem apenas 0,8% dos postos.

**Tabela 3 – População e postos de trabalho por Regiões Administrativas – Salvador - 2010.**

Regiões Administrativas	Pessoas residentes		Postos de trabalho*		Razão postos de trabalho/mil habitantes
	N	%	N	%	
Subúrbio	290.017	10,0	19.949	2,8	68,8
Pau da Lima (Miolo)	264.131	9,1	29.145	4,1	110,3
Tancredo Neves (Miolo)	245.230	8,5	18.284	2,6	74,6
Itapuã	235.612	8,1	86.623	12,2	367,7
São Caetano	212.648	7,3	16.235	2,3	76,3
Brotas	209.119	7,2	58.724	8,3	280,8
Pituba – Costa Azul	184.298	6,4	136.783	19,3	742,2
Itapagipe	172.921	6,0	23.163	3,3	134,0
Liberdade	172.685	6,0	16.947	2,4	98,1
Cabula (Miolo)	170.113	5,9	21.516	3,0	126,5
Cajazeiras (Miolo)	162.687	5,6	5.460	0,8	33,6
Rio Vermelho	133.571	4,6	31.154	4,4	233,2
Boca do Rio – Patamares	118.334	4,1	38.049	5,4	321,5
Centro	100.232	3,5	143.498	20,3	1.431,7
Barra	95.348	3,3	46.856	6,6	491,4
Valéria	65.073	2,2	10.698	1,5	164,4
Ipitanga (Miolo)	60.939	2,1	5.364	0,8	88,0
Ilhas	6.434	0,2	-	-	-
Total	2.899.392	100,0	708.448	100,0	244,3

\* Excluindo-se os não localizados.

Fonte: Censo Demográfico, 2010; RAIS, 2010. Elaborado por Borges e Carvalho (2012).

Não é outra a conclusão de Borges e Carvalho (2012, p. 9) ao demonstrarem como a concentração dos postos de trabalho se somam a outros fatores de desigualdade, para agravar ainda mais a situação da população da periferia. Desse modo assinalam:

Assim, as grandes concentrações da pobreza urbana – Subúrbios, Valéria e a maior parte do território chamado Miolo (ver Mapa 1) – apresentam reduzido número de estabelecimentos e empregos formais, fato que dificulta o acesso de seus moradores a esses postos de trabalho mais valorizados, porque socialmente protegidos. Tais dificuldades são ainda mais acentuadas no caso dos grupos vulneráveis – a exemplo dos jovens, negros e menos escolarizados –, que, além de barreiras colocadas pela distância, pela desinformação e pelos custos do deslocamento, defrontam-se com preconceitos de toda ordem e com o estigma de residir em áreas segregadas, percebidas como associadas à violência e à criminalidade (BORGES; CARVALHO, 2012, p. 9).

A reestruturação do mercado financeiro, em articulação com a segmentação do mercado de trabalho para os indivíduos dos chamados bairros em isolamento

social, a superposição de carência social, segregação, juntamente com o tráfico de drogas, traz consigo uma elevação nos índices de violência e conflitividade.

### 3.2 A VIOLÊNCIA LETAL E SUA DISTRIBUIÇÃO

Destaca Waiselfisz<sup>4</sup> (2011 a) que a Bahia, em 1998, apresentava índices relativamente baixos de violência letal, mas, em 2008, passa a ocupar lugar de maior destaque nessa configuração (Tabela 4), sendo que Salvador mais do que triplicou seu número de homicídios, conforme série histórica da Tabela 5.

<b>Tabela 4 - Ordenamento das UF por taxas de homicídio (em 100 Mil) na população total. 1998/2008.</b>				
UF	1998		2008	
	TAXA	POSIÇÃO	TAXA	POSIÇÃO
Alagoas	21,8	11º	60,3	1º
Espírito Santo	58,4	2º	56,4	2º
Pernambuco	58,9	1º	50,7	3º
Pará	13,3	19º	39,2	4º
Amapá	38,7	6º	34,4	5º
Distrito Federal	37,4	8º	34,1	6º
Rio de Janeiro	55,3	3º	34,0	7º
<b>Bahia</b>	<b>9,7</b>	<b>22º</b>	<b>32,9</b>	<b>8º</b>
Paraná	17,6	14º	32,6	9º
Rondônia	38,3	7º	32,1	10º
Mato Grosso	36,3	9º	31,8	11º
Goiás	13,4	18º	30,0	12º
Mato Grosso do Sul	33,5	10º	29,5	13º
Sergipe	10,4	21º	28,7	14º
Paraíba	13,5	16º	27,3	15º
Roraima	50,6	4º	25,4	16º
Amazonas	21,3	12º	24,8	17º
Ceará	13,4	17º	24,0	18º
Rio Grande do Norte	8,5	24º	23,2	19º
Rio Grande do Sul	15,3	15º	21,8	20º
Maranhão	5,0	27º	19,7	21º
Acre	21,2	13º	19,6	22º
Minas Gerais	8,6	23º	19,5	23º
Tocantins	12,3	20º	18,1	24º
São Paulo	39,7	5º	14,9	25º
Santa Catarina	7,9	25º	13,0	26º
Piauí	5,2	26º	12,4	27º

Fonte: Mapa da Violência 2011 a.

<sup>4</sup> Waiselfisz ressalta que as taxas da Bahia encontram-se, atualmente, distorcidas por uma inexplicável subnotificação acontecida a partir de 1998 na capital do estado. A partir de 2001, os quantitativos começam a se regularizar, mas distorcendo as séries históricas.

Quando os dados sobre homicídio são segmentados para Salvador, no período de onze anos, nota-se que houve uma variação incomum no que se refere aos números absolutos. O avanço de 1.404,6% demonstra uma evidência de controle ineficaz nos mecanismos de prevenção e repressão à criminalidade. A Tabela 5 demonstra o grande aumento dos homicídios ao longo do período examinado, tendo-se maior ênfase de crescimento o período que marca o intervalo do ano de 2005 a 2008.

**Tabela 5 - Número de homicídios na população total por Capital e Região. Brasil, 1998/2008.**

<b>CAPITAL /REGIAO</b>	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	$\Delta\%$
<b>Salvador</b>	351	182	315	530	585	730	739	1.062	1.187	1.357	1.771	<b>1404,6</b>

Fonte: Mapa da Violência (2011a).

O Plano Estadual de Segurança Pública (PLANESP) informa que uma pesquisa do Sistema de Indicadores de Percepção Social sobre Segurança Pública (SIPS), do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), realizada em 2009, mostra que 85,8% dos entrevistados nordestinos alegaram ter muito medo de serem assassinados (BAHIA, 2011).

Neste mesmo ano de 2009, enquanto a taxa de homicídios do Brasil apresentou queda, a da Bahia aumentou, chegando ao valor de 34,2 homicídios/100 mil hab., o que colocou o Estado na 5ª posição nacional e na 3ª do nordeste (BAHIA, 2011).

Tendo em vista que o presente trabalho utilizou dados secundários oriundos da Secretaria da Segurança Pública do Estado da Bahia, faz-se necessário tecer algumas considerações sobre a atual política de segurança pública do Estado da Bahia.

Em face dos altos índices de homicídios e considerando a experiência do Estado de Pernambuco, o Governo da Bahia editou a Lei nº 12.357, de 26 de setembro de 2011, criando, em seu artigo 7º, o programa de Estado denominado Pacto pela Vida.

Art. 7º - Fica instituído o Programa Pacto pela Vida, consistente no conjunto de projetos e atividades desenvolvidos por diversos órgãos do Poder Público e em interação com a sociedade civil, que tem como finalidade promover a redução da criminalidade e violência no Estado da Bahia, com ênfase na prevenção e combate aos Crimes Violentos Letais Intencionais – CVLI (BAHIA, 2011a, p. 3).

Os crimes violentos letais intencionais (CVLI) constituem um indicador de violência contra a pessoa, criado pela Senasp, que agrupa as ocorrências dos crimes de homicídio doloso, latrocínio e lesão corporal seguida de morte. Para acompanhamento estatístico, é calculada a Taxa CVLI, dividindo-se o número absoluto de ocorrências pela população e multiplicando por 100.000.

O referido índice é acompanhado dentro de determinada unidade territorial. Para tanto, a Secretaria da Segurança Pública dividiu o Estado da Bahia em Aisp e Risp.

A Área Integrada de Segurança Pública (Aisp) (Quadro 1), nos termos do art. 4º da Lei nº 12.371/11, “constitui a menor unidade territorial considerada para fins de apuração de resultados e comparação com as metas estabelecidas”, é a menor unidade territorial considerada para fins de planejamento integrado das ações do Programa Pacto pela Vida (PPV), observando a seguinte estrutura:

Quadro 1 – Divisão das áreas integradas de segurança pública na Bahia.

<b>Constituição</b>	<b>Divisão Atual</b>	<b>Composição</b>
- Bairros	- 16 em Salvador	- Delegacia(s) Territorial (is)
- 01 Município	- 07 na RMS	- Delegacia de Homicídio
- Conjunto de Municípios	- 29 no Interior	- 01 ou mais CIPM

Fonte: Adaptado do Programa Pacto pela Vida. Bahia.

A Região Integrada de Segurança Pública (Risp) é um conjunto de Aisp, com a seguinte estrutura (Quadro 2):

Quadro 2 – Divisão das regiões integradas de segurança pública na Bahia.

<b>Constituição</b>	<b>Divisão Atual</b>	<b>Composição</b>
- Mais de uma AISP	- 03 em Salvador - 01 na RMS - 04 no Interior	- 01 Delegacia Regional - 01 DH Regional - 01 Comando Regional PM

Fonte: Adaptado do Programa Pacto pela Vida. Bahia.

Para estabelecer os referidos limites territoriais foi editado o Decreto nº 13.561, de 02 de janeiro de 2012, fixando no art. 1º que:

**Art. 1º** - As unidades administrativas e operacionais da Polícia Civil, da Polícia Militar e do Departamento de Polícia Técnica do Estado da Bahia **atuarão de forma integrada**, dentro de limites territoriais denominados Regiões Integradas de Segurança Pública - RISP e Áreas Integradas de Segurança Pública – AISP (BAHIA, 2012, p. 1). (grifos nossos)

Para em seguida, no art. 2º, estabelecer qual a finalidade da referida divisão, nos seguintes termos:

**Art. 2º** - As Áreas Integradas de Segurança Pública - AISP são agrupamentos de segmentos territoriais, formadas por municípios, distritos municipais ou bairros, consideradas para a definição de princípios, métodos e procedimentos nas ações de polícia judiciária, polícia ostensiva e perícia, com o **objetivo de aumentar a eficiência policial, mediante a prestação de serviços de segurança pública com qualidade e custos adequados** (BAHIA, 2012, p. 1). (grifos nossos)

O referido decreto também tratou de fixar as Risp que existiram no Estado da Bahia, a saber:

**Art. 3º**- Para efeito de gestão e controle administrativo de resultados dos indicadores de segurança pública, as AISP serão agrupadas em Regiões Integradas de Segurança Pública - RISP, dispostas da seguinte forma:

I - Na Capital e Região Metropolitana:

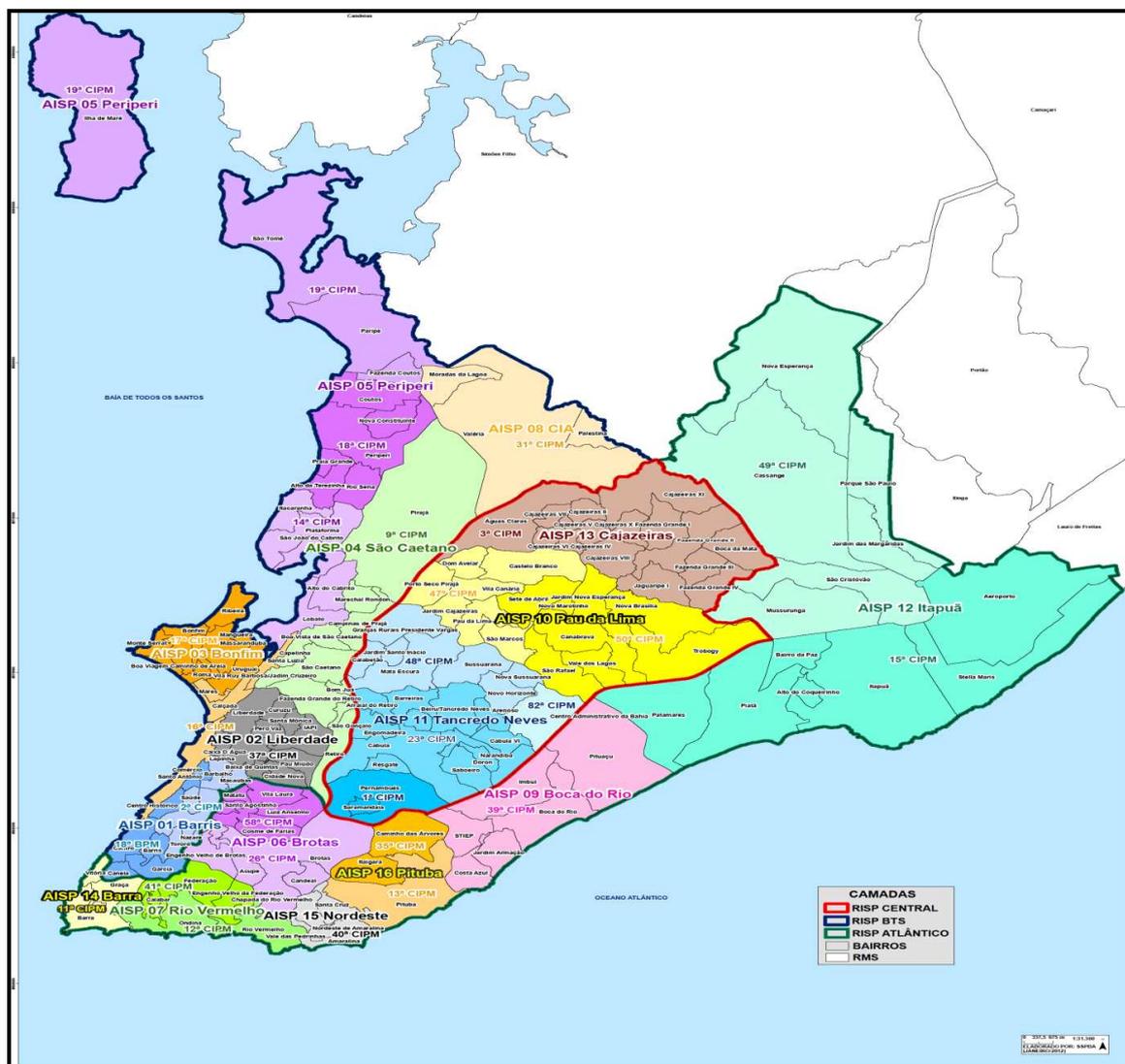
- a) RISP Atlântico;
- b) RISP Baía de Todos os Santos;
- c) RISP Central;
- d) RISP Região Metropolitana de Salvador - RMS;

II - No Interior:

- a) RISP Norte;
- b) RISP Sul;
- c) RISP Leste;
- d) RISP Oeste (BAHIA, 2012, p. 1).

Observando as diretrizes da lei e do decreto, a capital baiana, área territorial sobre a qual se debruça o presente estudo, foi dividida em três Risp: Atlântico, Baía de Todos os Santos e Central; dentro das quais se encontram agrupadas 16 (dezesesseis) Aisp, na forma como consta na Figura 6:

Figura 6 – Áreas Integradas de Segurança Pública (Aisp) e Regiões Integradas de Segurança Pública (Risp) Salvador – Bahia – 2012.



Fonte: SSP/BA.

Muito embora a divisão em Aisp e Risp resulte em unidades territoriais utilizadas tão somente para fins de segurança pública, o que dificulta sua comparação com dados estatísticos de outras áreas, em especial os indicadores sociais, pelo menos no âmbito de Salvador, parece ter havido uma preocupação com a fixação dos marcos territoriais para ajustar às demais unidades, pelo que se infere do art. 5º do Decreto 13.561/12, possibilitando assim que a comparação direta dos dados oriundos da área de segurança e da área social.

**Art. 5º - Na capital, as Regiões Integradas de Segurança Pública - RISP e as Áreas Integradas de Segurança Pública - AISP resultam da compatibilização das áreas de competência de Unidades Operacionais da**

Polícia Militar e Delegacias de Polícia Territoriais **com os bairros do Município de Salvador**, que constituem a referência dos indicadores demográficos, socioeconômicos e de infraestrutura, bem como a base a partir da qual se organizam o planejamento e a oferta de serviços públicos essenciais, foco principal do Programa Pacto Pela Vida – PPV (BAHIA, 2012, p. 2). (grifos nossos)

É importante destacar que o Pacto pela Vida não se resume a ações de segurança pública. Com efeito, além de um comitê gestor, o PPV organiza suas ações por meio de câmaras setoriais, cuja finalidade é propor e definir diretrizes e políticas setoriais (promoção da igualdade, educação, saúde, cidadania, segurança, entre outras) que contribuam para a redução das taxas de CVLI, na sua respectiva área de atuação. No momento, estão em funcionamento simultaneamente cinco Câmaras Setoriais:

a) **Câmara Setorial da Segurança Pública:** ações policiais estratégicas e operacionais, a serem desenvolvidas em conjunto pela SSP, Polícia Civil, Polícia Militar e Departamento de Polícia Técnica, dentro das Aisp, com ênfase na redução de CVLI;

b) **Câmara Setorial de Articulação dos Poderes:** Visa a ações conjuntas dos Poderes e Órgãos Essenciais à Justiça, para solucionar os entraves dos processos de CVLI, do inquérito à sentença, envolvendo ainda a ressocialização. Coordenada pela Secretaria de Relações Internacionais e Agenda Bahia, conta com a participação do Poder Judiciário, Ministério Público, Defensoria Pública, Assembleia Legislativa, Secretaria da Segurança Pública, Secretaria de Administração Penitenciária e Ressocialização, Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos, Procuradoria Geral do Estado e Ordem dos Advogados do Brasil;

c) **Câmara Setorial de Prevenção Social:** voltada para ações sociais de prevenção no entorno das Bases Comunitárias de Segurança e nos municípios prioritários para o Programa. Sob a coordenação da Secretaria de Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza (Sedes), a Câmara é composta por representantes da Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos, Secretaria da Educação, Secretaria da Saúde, Secretaria da Cultura, Secretaria de Agricultura, Secretaria da Promoção da Igualdade, Secretaria de Política para Mulheres, Secretaria do Trabalho, Renda, Emprego e Esporte, Secretaria Extraordinária para Copa do Mundo, Secretaria da Segurança Pública, Secretaria de Desenvolvimento Urbano, Secretaria de Administração Penitenciária e Ressocialização e Embasa.

d) **Câmara Setorial de Enfrentamento ao Uso de Drogas:** projetos para o tratamento da dependência das drogas, ressocialização e reinserção no mercado de trabalho dos dependentes de substâncias psicoativas. Coordenada pela Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos, tem em sua composição Secretaria da Educação, Secretaria da Saúde, Secretaria da Cultura, Secretaria da Segurança, Defensoria Pública, Secretaria do Trabalho, Renda, Emprego e Esporte, Secretaria de Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza e Ministério Público.

e) **Câmara Setorial de Administração Prisional:** ações para a melhoria do sistema carcerário e para a ressocialização de indivíduos submetidos aos diversos regimes penais. Com a participação da Secretaria da Segurança Pública, Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos, Poder Judiciário, Ministério Público, Defensoria Pública e coordenação da Secretaria da Administração Penitenciária e Ressocialização.

f) Os conceitos apresentados acima, relativos ao Programa Pacto pela Vida, serão necessários para entender a análise dos dados, tendo em vista que os valores relativos às ocorrências de violência letal que foram utilizados são, em sua maioria, oriundos da Câmara de Segurança Pública do Pacto pela Vida e utilizam as unidades territoriais deste, ou seja, as Aisp.

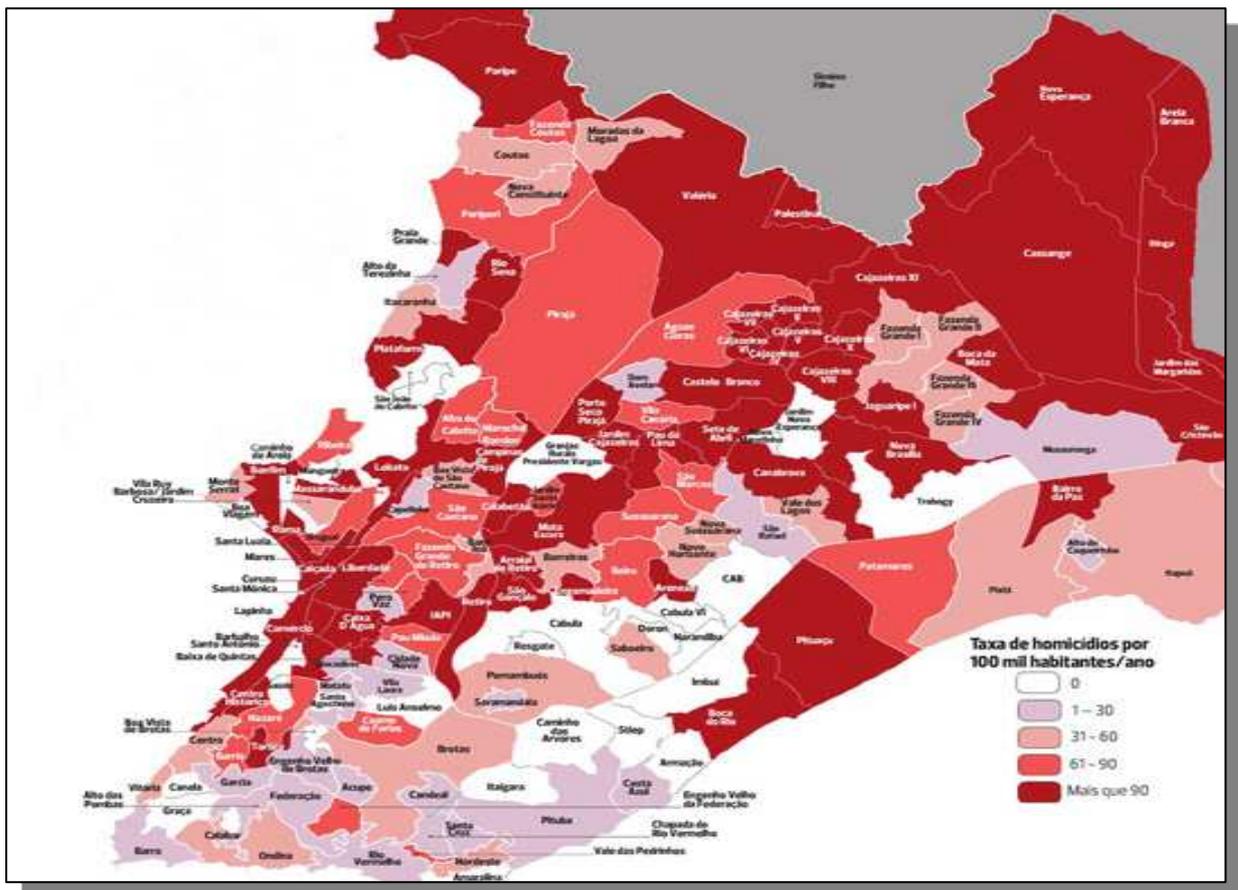
O Planesp demonstra ainda a concentração dos homicídios na capital, Salvador. Utilizando o indicador estabelecido pela Senasp de crimes violentos letais intencionais (CVLI), composto pelos crimes de homicídio doloso, latrocínio e lesão corporal seguida de morte (sendo que os homicídios dolosos representam 95% das ocorrências do indicador), verifica-se que, no 1º semestre de 2011, Salvador concentrou 35% do CVLI do Estado (847 ocorrências em Salvador das 2.423 ocorridas no Estado).

Além de se concentrar em Salvador, no espaço da própria capital, as ocorrências de homicídios não estão distribuídas homoganeamente no seu território. Na busca por entender o porquê dos homicídios, uma matéria do jornal Correio da Bahia publicada no dia 22.05.2012 apresentou uma entrevista com o Secretário da Segurança Pública e Delegados do Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa. Em apertada síntese, estes atribuíram tal dinâmica ao tráfico de drogas e sua disputa por pontos, a alta densidade populacional em situações precárias, além de reconhecerem que a distribuição do policiamento sofre influência do critério econômico. O Secretário declarou ao Correio da Bahia que:

É onde temos a maior densidade populacional em condições precárias. Além da segurança pública, quais são os outros itens que estão pendentes na vida dessas pessoas? Não tem nada. Não tem iluminação, não tem saneamento, nada (TORRES; RODRIGUES, 2012, p. 1).

A referida matéria também apresentou um mapa (Figura 7) que demonstrou a concentração dos homicídios na cidade do Salvador:

Figura 7 – Distribuição das taxas de homicídios por 100 mil habitantes em Salvador – 2012.



Fonte: Torres e Rodrigues (2012).

Apesar da ciência desses dados, o policiamento parece não estar distribuído levando-os em consideração, pois o próprio Planesp apresenta crítica à distribuição espacial das unidades policiais em Salvador.

Por essa razão a distribuição espacial das unidades policiais em Salvador apresenta graves distorções. Enquanto a 14ª Delegacia Territorial (Barra) abrange uma área de 5,4 km<sup>2</sup>, com cerca de 57.000 habitantes, correspondendo a uma densidade populacional de 10.500 hab./km<sup>2</sup>, a 11ª DT (Tancredo Neves) é responsável por uma região de 25,3 km<sup>2</sup>, onde residem aproximadamente 400.000 pessoas (15.000 hab/ km<sup>2</sup>).

[...]

Há também outras distorções, no caso de Delegacias com extensas áreas e baixa densidade populacional, como a 12<sup>a</sup> DT (45 km<sup>2</sup>, com 185.000 hab, sendo 4.111 hab/km<sup>2</sup>) e outras com áreas pequenas, mas grande densidade populacional, como a 2<sup>a</sup> DT (7,2 km<sup>2</sup>, com 315.000 hab., sendo 43.832 hab./km<sup>2</sup>) (BAHIA, 2011, p. 64).

A questão relativa à distribuição do policiamento também foi objeto de destaque da matéria jornalística supramencionada, indicando que:

Quase que em proporção inversa ao índice de homicídios, se distribuem os policiais que atuam na capital baiana. A região mais nobre da capital, que compreende os bairros da Graça, Barra e Corredor da Vitória, possui 40.997 habitantes. Para a segurança desta parcela da população, há uma Delegacia Territorial, a 14<sup>a</sup>, e uma companhia da Polícia Militar. Lá, houve neste ano três homicídios.

Por outro lado 374.013 moradores de 22 bairros em uma região – que tem em seus extremos os bairros do Pernambués, Calabetão, CAB e Mata Escura – também têm direito a uma única delegacia, a 11<sup>a</sup> DT. Nesta região morreram 79 pessoas este ano.

Em outra região crítica da cidade, que compreende nove bairros entre o São Caetano e a Fazenda Grande do Retiro, há apenas uma delegacia (a 4<sup>a</sup> DT) e uma companhia da PM para 216.260 habitantes. Nestes bairros, 51 pessoas foram vítimas fatais da violência (TORRES; RODRIGUES, 2012, p. 1).

Com efeito, o próprio Secretário da Segurança reconheceu ao Correio da Bahia que a distribuição do policiamento sofre a influência de outros critérios que não apenas as estatísticas relacionadas à criminalidade, declarando que:

Uma coisa é você pensar segurança pública na teoria, outra é a prática. Nós não temos como fator de influência para a questão de lotação policial somente a questão populacional. Temos outras áreas de interesse. Quais são? Econômica, turística, bancária, comercial, e por aí vai (TORRES; RODRIGUES, 2012, p. 1).

Dados obtidos junto ao Departamento de Pessoal da Polícia Militar da Bahia (DP/PMBA), relativos ao mês de junho de 2013, revelam que os policiais militares empregados na atividade operacional encontram-se distribuídos nas Aisp consoante Tabela 6. Tal distribuição deve ser analisada com certa cautela. O efetivo total empregado deve ser distribuído ainda nas categorias de: efetivo administrativo e operacional. Faz-se necessário, também, considerar a separação do efetivo segundo o turno de serviço, isto é, manhã, tarde e noite, bem como as dispensas e afastamentos legais, as quais se distribuem entre férias, licenças médias e licenças especiais decorrentes do tempo de serviço.

Tabela 6 – Distribuição do efetivo policial-militar por unidade policial e bairro, em Salvador – 2013.		
AISP	OPM	EFETIVO EM 06/2013
1 BARRIS	2ª CIPM e 18º BMP	483
2 LIBERDADE	37ª CIPM	118
3 BONFIM	16ª CIPM e 17ª CIPM	361
4 SÃO CAETANO	9ª CIPM	126
5 PERIPERI	14ª CIPM, 18ª CIPM e 19ª CIPM	609
6 BROTAS	26ª CIPM e 58ª CIPM	201
7 RIO VERMELHO	12ª CIPM e 41ª CIPM	341
8 CIA	31ª CIPM	79
9 BOCA DO RIO	39ª CIPM	177
10 PAU DA LIMA	47ª CIPM e 50ª CIPM	221
11 TANCREDO NEVES	1ª CIPM, 23ª CIPM, 48ª CIPM e 82ª CIPM	502
12 ITAPUÃ	15ª CIPM e 49ª CIPM	392
13 CAJAZEIRAS	3ª CIPM	170
14 BARRA	11ª CIPM	153
15 NORDESTE	40ª CIPM	409
16 PITUBA	13ª e 35ª CIPM	268
<b>TOTAL</b>		<b>4.610</b>

Fonte: DP/PMBA, 2013.

A partir dessa distribuição, é compreensível identificar o baixo emprego de efetivo policial espalhado na cidade para se prover o policiamento de um contingente populacional que totaliza 2.998.056 habitantes.

A violência letal em Salvador também foi alvo de matéria de Domit (2012) no New York Times, em 30 de agosto de 2011. O referido jornal destaca que a geografia da violência no Brasil está mudando; enquanto cidades como Rio de Janeiro e São Paulo tiveram queda na taxa de homicídios em torno de 47%, entre 1999 e 2009, no Nordeste a taxa de homicídios praticamente dobrou no mesmo período de 10 anos. A Bahia teve uma explosão de violência na década passada, tendo o número de homicídios crescido 430% entre 1999 e 2008.

Domit (2012) também relaciona a melhoria da renda da população e o avanço do tráfico, afirmando que a melhoria econômica está causando violência relativa às drogas – considerada a principal causa de homicídios, pois a mesma economia que põe mais dinheiro no bolso de milhões de pobres brasileiros, também estaria estimulando o tráfico de drogas e os homicídios relacionados a isso.

Consoante dados obtidos junto à Superintendência de Gestão Integrada da Ação Policial (Siap), da Secretaria da Segurança Pública do Estado da Bahia

(SSP/BA), numa análise comparativa dos índices de CVLI das Aisp nos anos de 2010 e 2011, destacaram-se negativamente as Aisp 18 – Pau da Lima, com crescimento de 13,6% e Aisp 13 – Tancredo Neves, com crescimento de 10,5%. A 5ª e a 11ª DT, Periperi e Tancredo Neves respectivamente, respondem por 28% do CVLI de Salvador.

Tabela 7 – Crimes violentos letais e intencionais – CVLI – nos anos de 2010 - 2011.

ÁREAS INTEGRADAS	COMPARATIVO		VARIÇÃO 2010 x 2011	% VARIÇÃO	VARIÇÃO ABSOLUTA
	2010	2011			
6 -NORDESTE	62	33		-46,8	-29
17 -CIA	171	128		-25,1	-43
5 -BROTAS	86	65		-24,4	-21
12 -BOCA DO RIO	62	48		-22,6	-14
16 -PERIPERI	265	222		-16,2	-43
8 -PITUBA	11	10		-9,1	-1
4 -BONFIM	109	100		-8,3	-9
19 -CAJAZEIRAS	111	102		-8,1	-9
3 -R.VERMELHO	43	41		-4,7	-2
10 -S.CAETANO	168	164		-2,4	-4
7 -LIBERDADE	127	136		7,1	9
20 -ITAPUÃ	118	127		7,6	9
13 -TANCREDO NEVES	190	210		10,5	20
18 -PAU DA LIMA	162	184		13,6	22
2 -BARRIS	33	38		15,2	5
1 -BARRA	10	13		30,0	3
<b>CAPITAL</b>	<b>1.728</b>	<b>1.621</b>		<b>-6,2</b>	<b>-107</b>

Fonte: SSP/SIAP.

Vale destacar que no ano de 2012 houve mudança na numeração das Aisp, todavia, as análises efetuadas neste estudo tiveram o cuidado de comparar a mesma área geográfica, tendo em vista que somente foi alterado o número, mas não o nome da Aisp nem sua área de atuação. Assim, por exemplo, Pau da Lima passou de Aisp 18 para Aisp 10; Tancredo Neves de 13 para 11; Periperi de 16 para 5, podendo-se conferir as antigas e novas divisões nos Quadros 3 e 4.

Quadro 3 – Divisão Antiga das Aisp.

<b>AISP</b>	<b>ÁREA</b>	<b>AISP</b>	<b>ÁREA</b>
AISP 1 - Barra	14 <sup>a</sup> CP / 11 <sup>a</sup> CIPM	AISP 10 - Pirajá	4 <sup>a</sup> CP / 9 <sup>a</sup> CIPM
AISP 2 - Barris	1 <sup>a</sup> CP / 18 <sup>a</sup> BPM / 2 <sup>a</sup> CIPM	AISP 12 - Boca do Rio	9 <sup>a</sup> CP / 39 <sup>a</sup> CIPM
AISP 3 - Rio Vermelho	7 <sup>a</sup> CP / 12 <sup>a</sup> CIMP / 41 <sup>a</sup> CIPM	AISP 13 - Narandiba	11 <sup>a</sup> CP / 23 <sup>a</sup> CIPM
AISP 4 - Bonfim	3 <sup>a</sup> CP / 16 <sup>a</sup> CIMP / 17 <sup>a</sup> CIPM	AISP 16 - Periperi	5 <sup>a</sup> CP / 18 <sup>a</sup> CIPM / 19 <sup>a</sup> CIPM
AISP 5 - Brotas	6 <sup>a</sup> CP / 26 <sup>a</sup> CIMP / 58 <sup>a</sup> CIPM	AISP 17 - CIA	8 <sup>a</sup> CP / 31 <sup>a</sup> CIPM
AISP 6 - Nordeste	28 <sup>a</sup> CP / 40 <sup>a</sup> CIPM	AISP 18 - Pau da Lima	10 <sup>a</sup> CP / 47 <sup>a</sup> CIPM
AISP 7 - Liberdade	2 <sup>a</sup> CP / 37 <sup>a</sup> CIPM	AISP 19 - Cajazeiras	13 <sup>a</sup> CP / 3 <sup>a</sup> CIPM
AISP 8 - Pituba	16 <sup>a</sup> CP/13 <sup>a</sup> CIPM/35 <sup>a</sup> CIPM	AISP 20 - Itapuã	12 <sup>a</sup> CP / 15 <sup>a</sup> CIPM

Fonte: SSP/SIAP.

Quadro 4 – Divisão Atual das Aisp.

<b>AISP</b>	<b>ÁREA</b>	<b>AISP</b>	<b>ÁREA</b>
AISP 1 - Barris	1 <sup>a</sup> DT – 18 <sup>a</sup> BPM – 2 <sup>a</sup> CIPM	AISP 09 – Boca do Rio	9 <sup>a</sup> DT – 39 <sup>a</sup> CIPM PM
AISP 2 - Liberdade	2 <sup>a</sup> DT – 37 CIPM	AISP 10 – Pau da Lima	10 <sup>a</sup> DT – 50 <sup>a</sup> CIPM – 47 <sup>a</sup> CIPM
AISP 3 - Bonfim	3 <sup>a</sup> DT – 16 <sup>a</sup> CIPM – 17 <sup>a</sup> CIPM	AISP 11 – Tancredo Neves	11 <sup>a</sup> DT – 48 CIPM – 23 <sup>a</sup> CIPM – 1 <sup>a</sup> CIPM – 82 <sup>a</sup> CIPM
AISP 4 - São Caetano	4 <sup>a</sup> DT – 9 <sup>a</sup> CIPM	AISP 12 – Itapuã	12 <sup>a</sup> DT – 49 CIPM – 15 <sup>a</sup> CIPM
AISP 5 - Periperi	5 <sup>a</sup> DT – 14 <sup>a</sup> CIPM – 18 <sup>a</sup> CIPM – 19 <sup>a</sup> CIPM	AISP 13 – Cajazeiras	13 <sup>a</sup> DT – 3 <sup>a</sup> CIPM
AISP 6 - Brotas	6 <sup>a</sup> DT – 26 <sup>a</sup> CIPM – 58 <sup>a</sup> CIPM	AISP 14 – Barra	14 <sup>a</sup> DT – 11 CIPM
AISP 7 - Rio Vermelho	7 <sup>a</sup> DT – 12 <sup>a</sup> – CIPM – 41 <sup>a</sup> CIPM	AISP 15 – Nordeste de Amaralina	28 <sup>a</sup> DT – 40 <sup>a</sup> CIPM
AISP 8 - CIA	8 <sup>a</sup> DT – 31 <sup>a</sup> CIPM	AISP 16 – Pituba	16 <sup>a</sup> DT – 13 <sup>a</sup> CIPM – 35 CIPM

Fonte: SSP/SIAP.

Ainda, para melhor compreensão da relação entre espaços de desigualdade e espaços de violência letal, é importante indicar quais os bairros que compõem cada uma das Aisp em que foi dividida a cidade de Salvador. Desta forma tem-se essa composição no Quadro 5:

Quadro 5 – Bairros por Aisp.

<b>AISP</b>	<b>BAIRROS</b>
AISP 1 - Barris	Garcia, Centro, Canela, Barris, Tororó, Nazaré, Saúde, Santo Antônio, Centro Histórico, Macaúbas, Barbalho
AISP 2 - Liberdade	Cidade Nova, Pau Miúdo, IAPI, Baixa de Quintas, Caixa D'Água, Curuzu, Lapinha, Pero Vaz, Santa Mônica
AISP 3 - Bonfim	Ribeira, Massaranduba, Bonfim, Monte Serrat, Caminho de Areia, Boa Viagem, Uruguai, Calçada, Comércio, Vila Ruy Barbosa/Jardim Cruzeiro, Roma, Mares, Mangueira, Santa Luzia
AISP 4 - São Caetano	Pirajá, Marechal Rondon, Campinas de Pirajá, Boa Vista do São Caetano, Capelinha, São Caetano, Bom Juá, Fazenda Grande do Retiro, Retiro
AISP 5 – Periperi	Ilha de Maré, São Tomé, Paripe, Fazenda Coutos, Coutos, Nova Constituinte, Periperi, Praia Grande, Rio Sena, Alto da Terezinha, Itacaranha, Plataforma, São João do Cabrito, Alto do Cabrito, Lobato
AISP 6 - Brotas	Matatu, Vila Laura, Santo Agostinho, Luiz Anselmo, Cosme de Farias, Boa Vista de Brotas, Engenho Velho de Brotas, Brotas, Acupe, Candéal
AISP 7 - Rio Vermelho	Federação, Alto das Pombas, Ondina, Engenho Velho da Federação, Calabar, Rio Vermelho
AISP 8 - CIA	Moradas da Lagoa, Valéria, Palestina
AISP 09 – Boca do Rio	Pituaçu, Imbuí, Boca do Rio, STIEP, Jardim Armação, Costa Azul
AISP 10 – Pau da Lima	Dom Avelar, Vila Canária, Castelo Branco, Porto Seco Pirajá, Jardim Cajazeiras, Sete de Abril, Pau da Lima, São Marcos, Jardim Nova Esperança, Novo Marotinho, Nova Brasília, Canabrava, Trobogy, Vale dos Lagos, São Rafael
AISP 11 – Tancredo Neves	Granjas Rurais Presidente Vargas, Jardim Santo Inácio, Calabetão, Mata Escura, Sussuarana, Nova Sussuarana, Novo Horizonte, Beirú/Tancredo Neves, Barreiras, Arraial do Retiro, São Gonçalo, Engomadeira, Arenoso, Cabula, CAB, Cabula VI, Doron, Narandiba, Resgate, Saboeiro, Pernambucoés, Saramandaia
AISP 12 – Itapuã	Nova Esperança, Cassange, Parque São Paulo, Jardim das Margaridas, São Cristóvão, Mussurunga, Aeroporto, Stella Maris, Itapuã, Bairro da Paz, Alto do Coqueirinho, Piatã, Patamares
AISP 13 – Cajazeiras	Águas Claras, Boca da Mata, Jaguaripe I, Fazenda Grande I, Fazenda Grande II, Fazenda Grande III, Fazenda Grande IV, Cajazeiras VII, Cajazeiras II, Cajazeiras VI, Cajazeiras V, Cajazeiras X, Cajazeiras XI, Cajazeiras IV, Cajazeiras VIII
AISP 14 – Barra	Vitória, Graça, Barra
AISP 15 – Nordeste de Amaralina	Chapada do rio Vermelho, Santa cruz, Vale das Pedrinhas, Amaralina, Nordeste de Amaralina
AISP 16 – Pituba	Caminho das Árvores, Itaigara, Pituba

Fonte: SSP/SIAP.

Outro ponto que merece destaque é que a SSP/BA vem trabalhando com os índices da Senasp, razão pela qual as estatísticas consideram os índices de CVLI. No referido índice, encontram-se inseridos homicídios dolosos, roubos seguidos de morte (latrocínios) e lesões corporais seguidas de morte. Todavia, segundo informações da própria Secretaria, os homicídios dolosos representam mais de 95% das ocorrências, razão pela qual acompanhar a evolução do CVLI é acompanhar a evolução dos homicídios dolosos.

Cumpra, ainda, destacar os alertas feitos por Cano e Santos (2007) sobre a medição de homicídios no Brasil. Como eles destacam: há, basicamente, duas fontes, o Ministério da Saúde e a polícia; e, ambas possuem problemas de validade e confiabilidade. Tendo em vista que o presente trabalho está baseado em dados secundários, oriundos da polícia, convém indicar os principais problemas destacados em relação aos registros policiais.

Ressaltam os autores que tais registros são baseados em critérios jurídicos ou policiais. Assim, se uma morte intencional não recebe o nome de homicídio, não será incluída nos totais agregados. Foi o reconhecimento dessa fragilidade que levou a Senasp a utilizar, para medir a violência, o índice CVLI, que, além dos homicídios, abrange os latrocínios (roubo seguido de morte) e as lesões corporais seguidas de morte, procurando evitar manobras na aferição dos dados estatísticos. Outro problema é que:

A polícia registra os fatos conforme são apresentados no momento do Registro de Ocorrência, rotulando-os seguindo o provável crime cometido. Se o fato inicial se altera ao longo do tempo, normalmente não há atualização do registro (CANO; SANTOS, 2007, p. 95).

Por fim, o nível de padronização e a qualidade do processamento de dados pela polícia são, em geral, mais baixos do que os da área de saúde, em especial, pela existência de várias forças policiais sem centralização de dados e procedimentos, permitindo a aplicação de diferentes categorias e critérios, gerando a possibilidade de duplicação de registros.

É fato que as secretarias têm procurado aprimorar a coleta de dados estatísticos, sendo que, no âmbito do Estado da Bahia, foi criada a Superintendência de Gestão Integrada da Ação Policial, que tem, entre outras atribuições, a finalidade de elaborar tais dados, para acompanhar, supervisionar e avaliar a atividade policial integrada em todo Estado, em relação ao seu desempenho e resultado.<sup>5</sup>

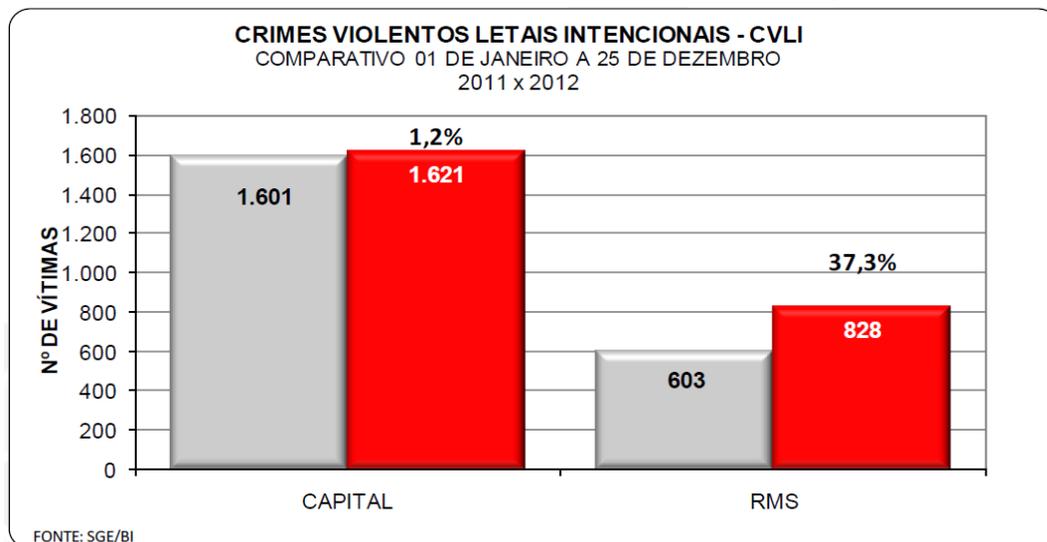
Embora a ocorrência de homicídios venha aumentando na região metropolitana de Salvador, com um crescimento de 37,3%, comparando-se o período de 01 de janeiro a 25 de dezembro do ano de 2012 com o mesmo período de 2001 (Figura 8), estando Simões Filho e Lauro de Freitas nas primeiras posições

---

<sup>5</sup> Consoante o disposto no regimento da Secretaria da Segurança Pública do Estado da Bahia – Decreto nº 10.186, de 20 de dezembro de 2006.

do ranking de municípios violentos, os óbitos do Estado da Bahia ainda se encontram concentrados em Salvador.

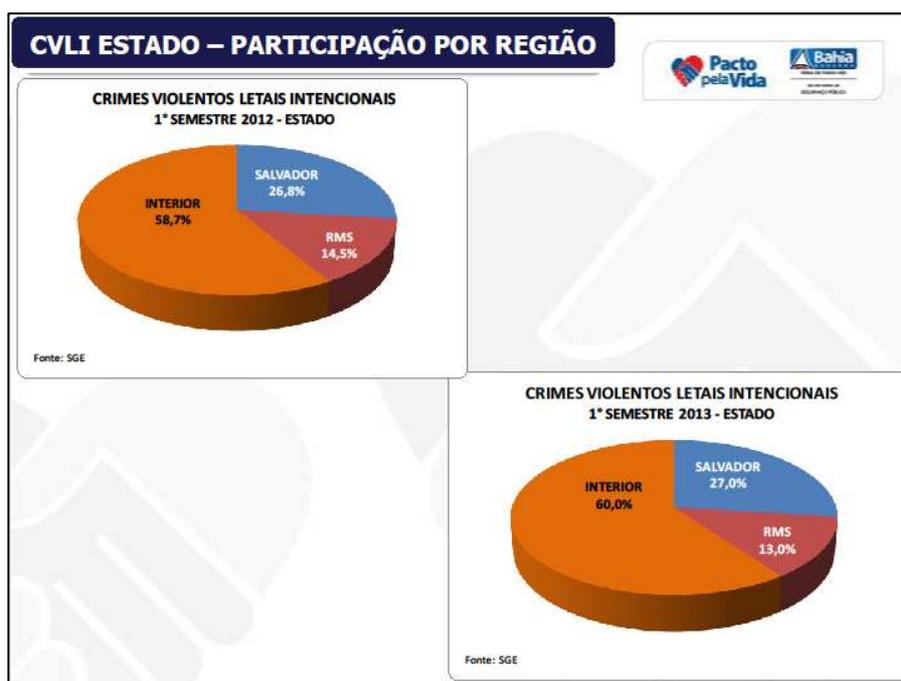
Figura 8 – Crimes violentos letais intencionais – CVLI: comparativo 1 de janeiro a 25 de dezembro 2011 x 2012.



Fonte: SSP-BA.

As estatísticas do primeiro semestre de 2012 mostram que Salvador foi responsável por 26,8% do CVLI de todo o Estado, concentração que se repete no primeiro semestre de 2013, quando abriga 27% destas ocorrências, consoante a Figura 9.

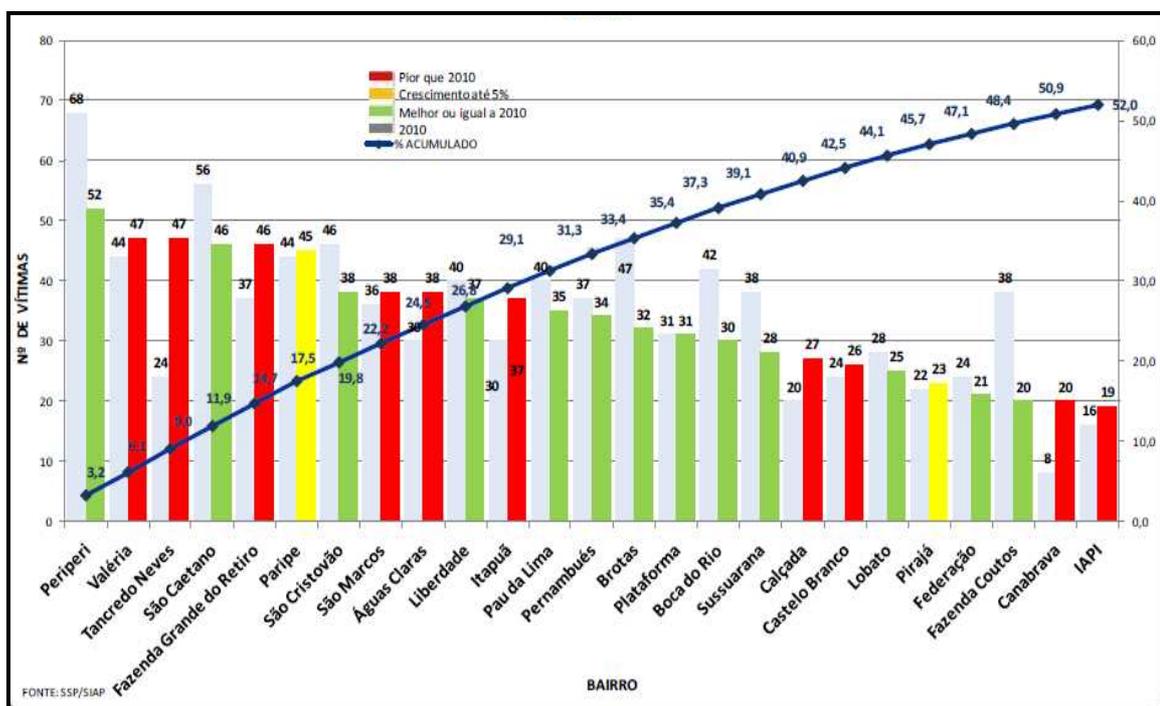
Figura 9 – CVLI: 1º semestre 2012, na Bahia e Salvador.



Fonte: SSP-BA.

No tocante a Salvador, efetuando a análise dos dados oficiais por bairro, observa-se que os índices dos anos de 2010 e 2011 (Figura 10) demonstram que apenas 25 bairros foram responsáveis por 52% das ocorrências. Apresentaram aumento significativo no comparativo entre 2010 e 2011 os bairros de Canabrava (150%), Tancredo Neves (95,8%), Calçada (35%), Águas Claras (27%), Fazenda Grande do Retiro (24%) e Itapuã (23,3%), como se vê na Figura 10.

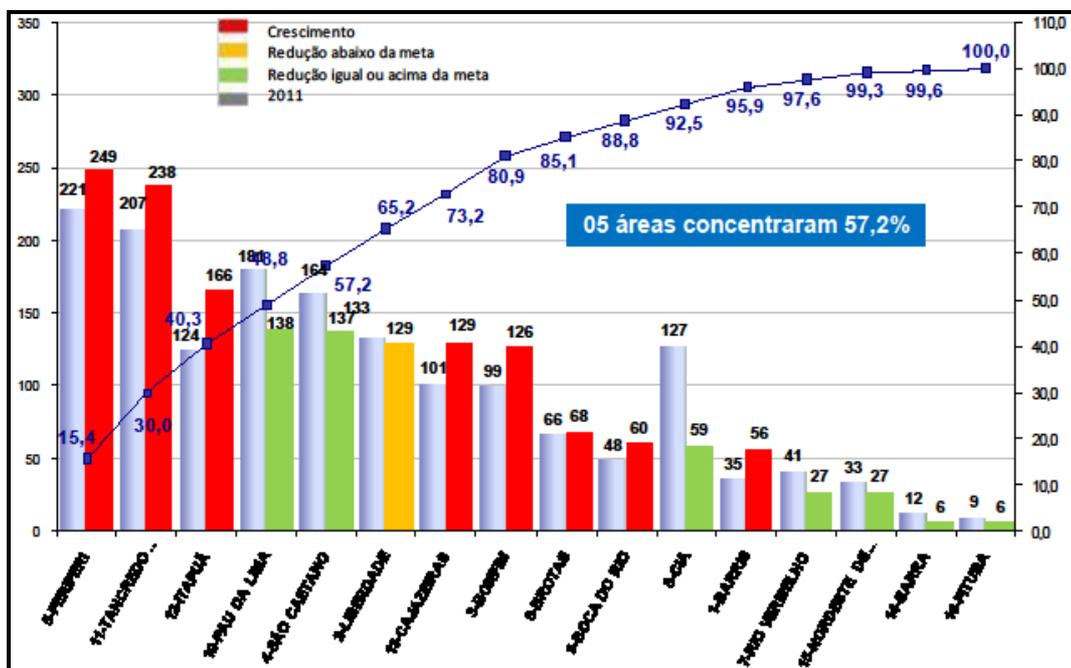
Figura 10 – Análise de Pareto para crimes violentos letais e intencionais 2010 x 2011 – Salvador- BA.



Fonte: SSP-BA.

Os dados relativos ao comparativo 2011 e 2012 apresentam resultado semelhante. Num comparativo do período de 1 de janeiro a 25 de dezembro (2011x2012), por Aisp, verifica-se que 05 áreas concentram 57,2% das ocorrências de CVLI, são elas Aisp 5 – Periperi, Aisp 11– Tancredo Neves, Aisp 12 – Itapuã, Aisp 10 – Pau da Lima e Aisp 4 – São Caetano (Figura 11).

Figura 11 – Análise de Pareto para CVLI, 01 de janeiro a 25 de dezembro (2011 x 2012) Salvador- BA, por Aisp.



Fonte: SSP-BA.

Dados obtidos no DHPP confirmam que a estrutura dos homicídios em Salvador não difere das demais capitais do Brasil. Os homicídios têm como vítimas principais os homens, ocorrem em via pública e com a utilização de armas de fogo.

No período de maio de 2011 a abril de 2012 foram cometidos, em Salvador, 1.326 homicídios, com a utilização de arma de fogo (Tabela 8), de um total de 1.596, ou seja, 83% do total de homicídios.

**Tabela 8 – Instrumentos utilizados para prática de crimes nos meses de maio a abril nos anos de 2011/2012.**

INSTRUMENTO	MAIO DE 2010 A ABRIL DE 2011	MAIO DE 2011 A ABRIL DE 2012	VARIAÇÃO %
ARMA DE FOGO	1317	1326	0,7
ARMA BRANCA	109	107	-1,8
ASFIXIA	0	5	-
CARBONIZADO	4	4	0,0
LINCHAMENTO	1	2	100,0
ESPANCAMENTO	2	7	250,0
INSTRUMENTO CONTUDENTE	4	9	125,0
PERFURO CONTUDENTE	1	2	100,0
A DEFINIR	0	55	-
OUTROS	135	79	-41,5

Fonte: DHPP, 2012.

Os dados do DHPP não diferem dos obtidos por Waiselfisz (2013), em pesquisa específica sobre as mortes por utilização de arma de fogo (Tabela 8 e 9), onde destaca que, no período de 2000 a 2010, Salvador duplicou o número de mortes por esse instrumento, apresentando taxas acima de 50 por cem mil habitantes, ocupando o quarto lugar entres as capitais brasileiras, atrás de Maceió, João Pessoa e Vitória, e o trigésimo lugar, quando comparada com os municípios brasileiros com mais de 20.000 habitantes, cabendo destacar que o município campeão é Simões Filho e o terceiro lugar Lauro de Freitas, ambos pertencentes à RMS.

**Tabela 9 – Número de óbitos por armas de fogo nas capitais. Brasil, 2000 - 2010.**

Capital	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Δ%
Salvador	619	783	947	974	876	884	969	1.194	1.799	1.921	1.596	<b>157,8</b>

Fonte: Mapa da violência (2013).

No tocante ao local da consumação, que leva em consideração onde foi encontrado o corpo da vítima (o que nem sempre corresponde ao local onde foi perpetrada a ação, sobretudo, na atuação de grupos de extermínio, tendo em vista que, por regra, após a ação, os agentes costumam promover a desova do corpo), verifica-se que os óbitos estão ocorrendo em via pública, tendo, no período acima referenciado, registradas 1.296 ocorrências, que correspondem a 81%.

**Tabela 10 – Local de Consumação dos Homicídios.**

Local	Maio de 2010 a Abril de 2011	Maio de 2011 A Abril de 2012	Variação %
VIA PÚBLICA	1345	1296	-3,6
RESIDÊNCIA	118	115	-2,5
INTERIOR DE VEÍCULO	7	25	257,1
ESTABELECIMENTO COMERCIAL	7	23	228,6
INTERIOR DE COLETIVO	3	4	33,3
OUTROS	93	97	4,3
A DEFINIR	0	39	-

Fonte: DHPP, 2012.

Embora a estatística referente ao local da consumação e instrumento utilizado use o mesmo período de referência, a primeira apresenta um total de 1.599

homicídios, e a segunda, de 1.596, apresentando uma diferença de 3 homicídios, não sendo informada a razão de tal distorção, todavia acredita-se que seja em decorrência da qualidade dos dados que são oriundos das ocorrências policiais, as quais possuem as deficiências já explanadas ao longo do presente trabalho.

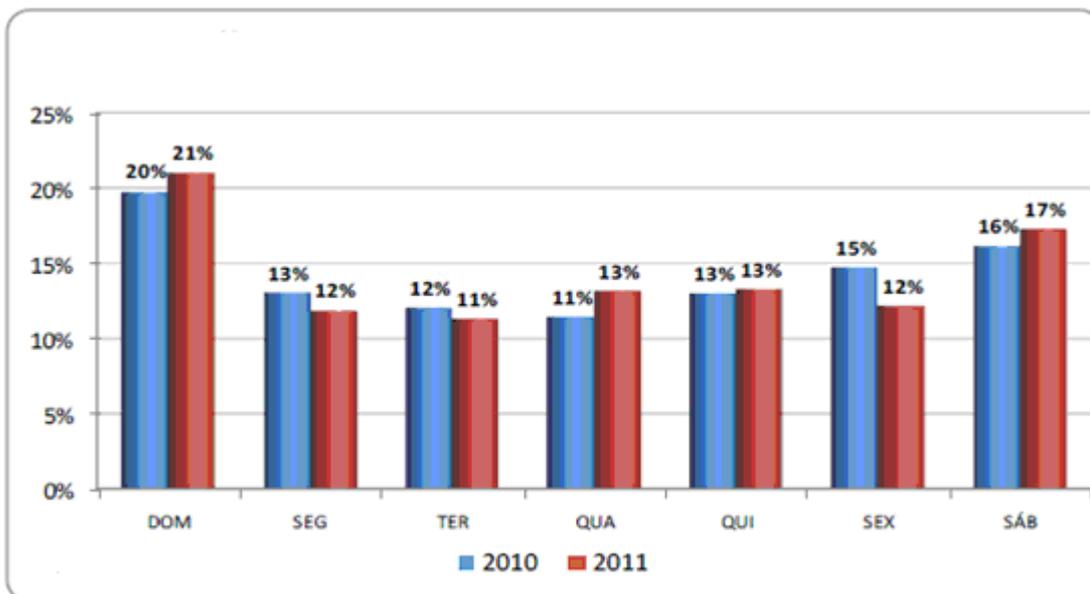
Por fim, o sexo masculino representa 94,6% das vítimas de homicídios (Tabela 11). É importante destacar que tal indicador influencia o indicador de local de consumação, tendo em vista que, quando se faz a análise dos homicídios envolvendo vítimas do sexo feminino, o principal local de consumação é a própria residência, demonstrando a violência doméstica como a principal causa de óbitos entre as mulheres.

<b>Tabela 11 – Total de homicídios por sexo nos meses de maio a abril de 2011/2012.</b>			
<b>Sexo</b>	<b>Maio de 2010 a Abril de 2011</b>	<b>Maio de 2011 A Abril de 2012</b>	<b>Variação %</b>
MASCULINO	1445	1511	4,6
FEMININO	118	82	-30,5
N/INFORMADO	10	3	-70,0

Fonte: DHPP, 2012.

Os homicídios em Salvador também possuem, em sua dinâmica, um padrão de momento de consumação, ocorrendo com mais intensidade nos finais de semana, concentrando, no período de 19h de sexta-feira às 7h de segunda-feira, o total de 40,6% das ocorrências da semana e, ao longo do dia, no período da noite, com 35% das ocorrências concentradas no período das 18h às 23h, com pico às 21h. É o que se pode perceber analisando as Figuras 12 e 13, relativas ao mesmo período dos anos de 2010 e 2011.

Figura 12 – Comparativo da dinâmica dos CVLI por dia da semana. Salvador, 2010 X 2011.



Fonte: DAO/SIAP.

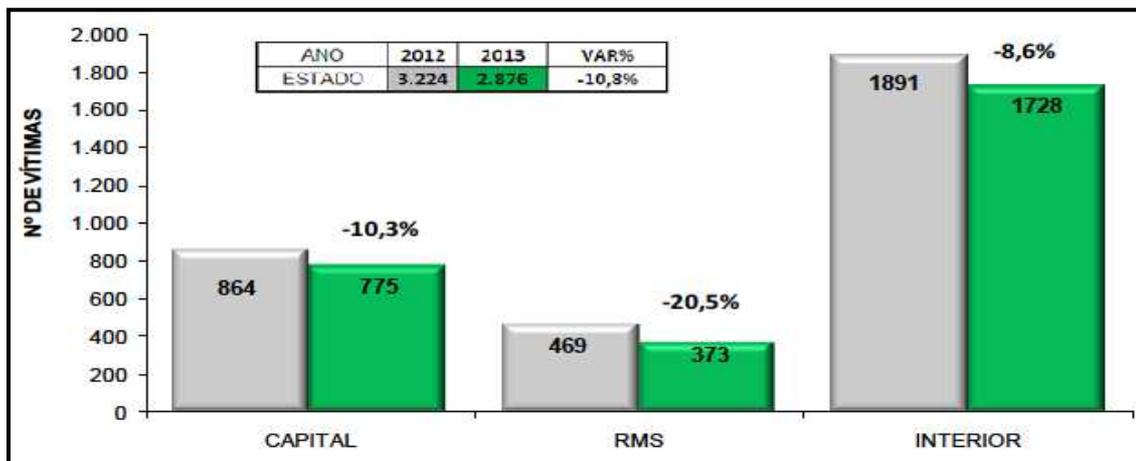
Figura 13 – Distribuição dos CVLI por faixa de horário em Salvador (2010 X 2011).



Fonte: DAO/SIAP.

Os dados estatísticos do primeiro semestre de 2013, por outro lado, em comparação com o mesmo período de 2012, mostram, pela primeira vez, tendência de diminuição do CVLI, no percentual de 10,3% em Salvador (Figura 14).

Figura 14 – Crimes violentos letais intencionais – CVLI: Comparativo acumulado do ano – janeiro a junho 2012 x 2013.

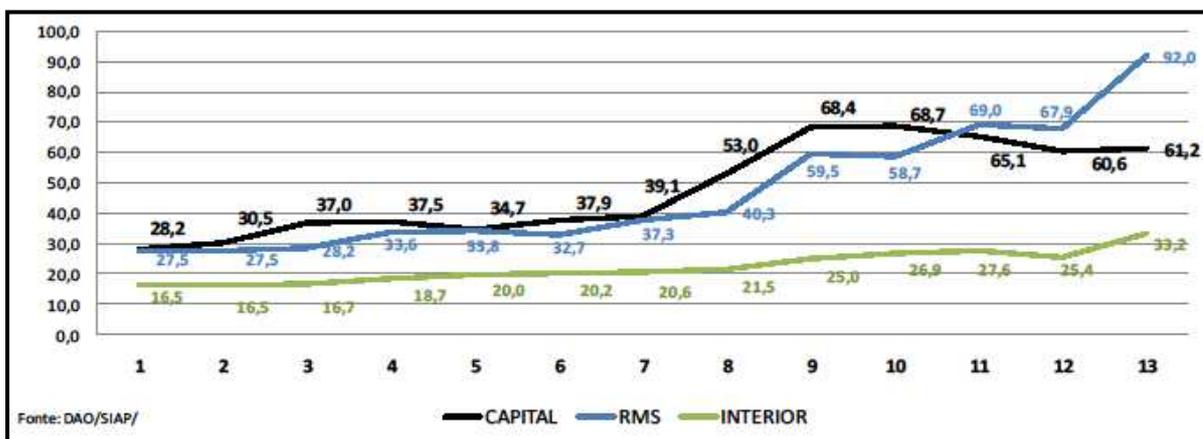


Fonte: SSP-BA.

Apesar da mencionada redução, as ocorrências continuam concentradas nos bairros periféricos, tendo, inclusive, sofrido aumento em algumas destas áreas, como, por exemplo, a Aisp 5 – Periperi, sempre presente no ranking das áreas mais violentas da cidade e que teve, no 1º semestre de 2013, um aumento de 22,7% em relação ao 1º semestre de 2012, tendo registrado, no 1º semestre de 2013, 146 mortes violentas intencionais.

Acrescente-se, ainda, que a redução do número de homicídios em Salvador veio acompanhada do aumento da referida ocorrência de forma expressiva da RMS, chegando, em 2013, à marca de 92 ocorrências para cada grupo de 100 mil habitantes, o que pode ser sugestivo de um deslocamento espacial da violência, em vez de uma real diminuição.

Figura 15 – Dinâmica da taxa de CVLI por grupo de 100 mil habitantes – Estado da Bahia, nos anos 2000-2011.



Fonte: SSP-BA.

Já na Figura 15 tem-se a dinâmica de variação dos homicídios no Estado da Bahia, segmentada segundo as regiões da Capital, Interior e Região Metropolitana (RMS), mostrando que, em todos os casos, houve um avanço desse tipo de crime.

### 3.3 COM A PALAVRA OS ENVOLVIDOS

Diante do constatado cenário de violência, o presente trabalho procurou ouvir a opinião de acadêmicos, operadores de segurança e líderes comunitários sobre a dinâmica dos homicídios em Salvador. Registre-se que, muito embora seja necessário reconhecer que o depoimento dos autores dos homicídios seria grande contribuição, isto não foi realizado em razão da dificuldade logística disto, bem como por não ser fundamental para os fins a que se propõe o presente trabalho, cuja metodologia encontra-se alicerçada em dados estatísticos.

A representante do DHPP, entrevistada, entende que o aumento dos homicídios em Salvador decorre de fatores sociais. A extrema desigualdade que marca este país, atrelada a uma sociedade de consumo e ao enfraquecimento das instituições, gera um sentimento de frustração que favorece a aproximação entre a população carente e a criminalidade em geral e, em especial, à criminalidade violenta, não se diferenciando Salvador do restante do país. Relata a entrevistada que:

Não há dúvidas de que o desemprego, a desigualdade social, a falta de saneamento urbano sentida na pele, bem como de políticas públicas que atinjam os menos favorecidos e a falta de oportunidade e lazer são emocionalmente revoltantes. Tais situações são sofridas invariavelmente dentre aqueles que compõem as classes sociais menos abastadas. A impossibilidade de ter aquilo que o “rico” tem, aquilo que midiaticamente é imposto como ‘necessário’, a impossibilidade de galgar bons postos de trabalho porque a escolaridade oferecida pelo governo é deficitária é revoltante. A dificuldade em conseguir um lugar ao sol quando se tem uma origem humilde, quando se foi mal alimentado, o que consabidamente interfere no raciocínio e desenvolvimento mental do ser humano são fatores que revoltam aqueles que nesta situação se encontram. O que esperar destas pessoas? Que elas simplesmente se acomodem e aceitem sua miséria e seu insucesso? Muitos recorrem a criminalidade até para se auto afirmar, para de alguma forma marcarem seu território, serem respeitados e viverem com alguns luxos impossíveis de se conseguir pelos meios tradicionais (informação verbal).<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação. Entrevistadora: Maristela Barbosa Santos. Salvador, 2013.

No tocante à concentração dos homicídios em determinados bairros da cidade, a delegada atribui ao fato de serem áreas de maior densidade demográfica, de população mais carente e de grande extensão territorial.

Silva (2013) considera que o ano de 2004 foi o ponto de mutação na dinâmica dos homicídios em Salvador, por ser este o ano em que o número de homicídios por mês alcança, pela primeira vez, a casa dos três dígitos. Segundo o professor, no ano de 2002, quando se encontrava assessorando a então Secretária da Segurança Pública, Kátia Alves, as informações do Centro de Documentação e Estatística Policial (Cedep) indicavam 70 a 85 homicídios por mês. No final de 2003 as estatísticas começaram a apontar aumento no número de homicídios, de forma que, em outubro de 2004, os homicídios chegaram à casa de 90 por mês.

Com efeito, Waiselfisz (2010), em seu mapa da violência, apresenta dados estatísticos que corroboram as afirmações de Silva (2013), indicando acréscimo considerável do ano de 2004 para o ano de 2005. Enquanto que, de 2003 para 2004, o número de homicídios teve um acréscimo absoluto de 9 mortes, do ano de 2004 para o de 2005, o aumento foi de 323 óbitos, rompendo a marca dos mil homicídios por ano (Tabela 12).

**Tabela 12 – Distribuição dos homicídios em Salvador nos anos de 2003 - 2007.**

Pos. Nac.	Pos. Est.	Município	UF	Média Anos	Popul. (1000)	Número de Homicídios					Taxa Homic
						2003	2004	2005	2006	2007	
152	8	Salvador	BA	1	2.754,9	730	739	1.062	1.187	1.357	49,3

Fonte: Waiselfisz (2010, p.25).

Segundo Silva (2013), as estatísticas demonstram que os homicídios ocorrem, por regra, em bairros periféricos e populosos, enquanto os crimes contra o patrimônio têm sua incidência nos bairros comerciais. Em sua opinião, Salvador não foge desta dinâmica.

O aumento dos homicídios em Salvador teria a contribuição de diversas causas, mas, a principal delas seria a gestão da segurança pública. Ressalta que, nos últimos seis anos, houve um esvaziamento das delegacias de bairros, que se consolidou com a criação do DHPP, perdendo a experiência do investigador local e deixando as delegacias de bairros limitadas a investigação de crimes de menor potencial ofensivo.

O DHPP foi criado pela Lei Estadual nº 12.374, de 23 de dezembro de 2011, com dez delegacias, quatro delas em Salvador, todavia, não houve nova admissão

de pessoal na Polícia Civil, ou seja, foram criadas mais dez delegacias com a mesma quantidade de recursos humanos, bem como localizado o Departamento no bairro da Pituba, em vez de em um dos bairros que possuem alta incidência de homicídios.

Da mesma forma, as bases comunitárias de segurança foram implantadas mediante a redução do número de policiais nas companhias independentes que tiveram de ceder parte de seu efetivo para a implementação das novas unidades.

Outro aspecto da gestão seria a opção governamental em nomear para Secretário da Segurança Pública, delegados da Polícia Federal, em detrimento de integrantes do próprio sistema estadual. A Polícia Federal tem como expertise a macrocriminalidade (tráfico de pessoas, organizações criminosas, corrupção, e outros delitos), não entendendo da dinâmica da microcriminalidade que é, justamente, o foco para a redução dos homicídios e aumento da sensação de segurança.

A escolha de conceder a direção da segurança pública a delegado da Polícia Federal também teria gerado o agravamento da tensão entre a Polícia Civil e a Polícia Militar e a divisão interna das polícias, na Civil, entre investigadores e delegados, e, na Militar, entre praças e oficiais.

Destaca a existência de insatisfação no seio da Polícia Militar resultante da frustração das expectativas advindas da mudança do grupo político de governo no ano de 2007, que, todavia, acabou por se associar à velha guarda operacional da Polícia Militar, que utiliza, na administração dos recursos, muito mais o chamado “faro policial”, ou seja, sua experiência empírica, em detrimento dos produtos resultantes de pesquisa, não promovendo alterações significativas na gestão policial.

O prêmio de desempenho policial, criado como estratégia para incentivo do quadro de pessoal, tem como indicadores fatores que não são produzidos pelos policiais, em vez de ser lastreado em pesquisa prévia que verificasse os fatores produzidos pela polícia e que interferem na taxa de homicídios. Assim, por exemplo, deveria considerar-se número de inquéritos elucidados, e, não, a redução do número de homicídios na área, pois, o primeiro é fruto da atividade do policial e o outro é um fato sobre o qual não se tem controle direto.

É preciso registrar, entretanto, que o atual governo aumentou o investimento em segurança pública, mas, este investimento foi voltado para equipamentos de proteção individual, armamento, viatura, além de recrutamento de pessoal.

O Programa Pacto pela Vida, adotado pelo governo baiano, tomou por base o modelo utilizado no estado de Pernambuco, que teve como idealizador o sociólogo José Luiz Ratton. Para Silva (2013), o pacto de Pernambuco é uma experiência de êxito porque impactou na curva crescente de homicídios no estado, ou seja, se não diminuiu, pelo menos evitou que os homicídios continuassem a crescer. Entretanto, este autor entende que a implementação na Bahia ocorreu de forma equivocada, primeiramente, porque não foi antecedida, de fato, por um pacto com a sociedade civil, mas imposto por lei, além de carecer de uma pesquisa de vitimização, para verificar o perfil das vítimas, e pesquisa laboral, para levantamento das atividades desenvolvidas pela polícia.

Silva (2013) entende que não se pode deixar de considerar a influência do tráfico de drogas nas taxas de homicídios, mas, não há pesquisas que possam fundamentar tal assertiva. Relata que a SSP apresentou o tráfico de drogas como causa fundamental dos homicídios, com base numa pesquisa desenvolvida por delegados, que indicava que 70% dos homicídios tinham como motivação o tráfico de drogas; todavia, tal pesquisa foi feita com uma amostra de 1.000 homicídios, o que, para ele, seria insuficiente.

Não se pode também ignorar a influência da atuação de grupos de extermínio, caracterizada pela desova dos corpos, que atuam numa espécie de “segurança privada”, mediante financiamento do comércio local.

Para o professor Melo (2013), o aumento dos homicídios advém de uma conjugação de fatores, destacando o enfraquecimento das figuras de autoridade em geral, a transformação do Brasil em país consumidor e produtor de drogas e a morosidade da justiça criminal, gerando uma sensação de impunidade. Relata a existência de influência do IDH na tipologia dos crimes, de forma que os crimes contra a vida costumam ocorrer em áreas de baixo IDH, onde o Estado está pouco presente. Outro fator considerado importante é o adensamento populacional, entendendo que locais com aglomerados subnormais geram aumento da violência.

Melo (2013) destaca que a necessidade de afirmação do jovem do sexo masculino contribui para que sejam, não só as vítimas preferenciais, mas também os autores, já que os perfis de vítimas e autores são iguais. Por isso, uma política de redução da violência teria de ter, entre suas estratégias, a atenção ao jovem infrator, em especial os casos de reincidência.

No tocante às drogas, o narcotráfico tem a necessidade de territorialização e esse processo sempre envolve confrontos por pontos de venda que acabam em vítimas fatais. Além disso, as drogas sofreram um processo de “democratização” do acesso, pelo surgimento de novas drogas fabricadas com os resíduos resultantes do refino dos opiáceos, como o crack e a merla, cujo valor de comercialização é baixo e a mudança na legislação sobre drogas ilícitas, descriminalizando o uso, fez surgir um microtráfico, já que, portando pequenas quantidades, pode-se conseguir o enquadramento como usuário, saindo da incidência da sanção penal.

Melo (2013) entende que as melhorias ocorridas nos últimos anos no país, na verdade, foram limitadas ao acesso a bens de consumo, o que não é suficiente para ter impacto na redução da violência.

Jorge Laffitte (2013), PHD em Ciências Sociais pela Amsterdam Universiteit, atualmente radicado em Fortaleza/CE, estudioso da violência urbana na América Latina, destaca as componentes internacionais que resultaram no aumento do número de homicídios no Brasil, informando que:

A violência social se expande nos últimos 20 anos no Brasil a partir do ingresso do tráfico no país. Algo similar ocorre em outros países do continente (Colômbia, México, Guatemala, Peru). A internacionalização do tráfico de drogas em direção de USA e Europa é produto da Globalização (informação verbal)<sup>7</sup>.

O tráfico de drogas aparece para o especialista em segurança como propulsor da violência, em especial entre os jovens, uma vez que:

O aumento da violência é resultado do aumento das disputas de territórios por parte do crack.  
[...]  
Os centros periféricos urbanos são o mercado preferido principalmente (mas não exclusivamente) do crack.  
[...]  
Os jovens marginados veem no tráfico de droga uma “cultura de vida” que pauta todas suas relações sociais e econômicas (informação verbal)<sup>8</sup>.

A autoridade da Polícia Civil da Bahia, ouvida, destacou a influência da questão social sobre os índices de violência, entendendo que as áreas que concentram os maiores índices de CVLI são, justamente, as “áreas menos favorecidas em diversos aspectos, concentrando um grande número de habitantes,

---

<sup>7</sup> A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação [30 jul. 2013]. Entrevistadora: Maristela Barbosa Santos. Fortaleza, 2013.

<sup>8</sup> Idem.

sem condições mínimas de desenvolvimento”, acrescentando que a pobreza, diretamente, não aumenta a violência, mas, sim, a situação de vulnerabilidade das “pessoas menos favorecidas pelas políticas públicas de saúde, educação e cultura, e habitação” (informação verbal)<sup>9</sup>.

A questão da desigualdade social também foi destacada pelo representante da atual direção da PMBA, indicando que

[...], apesar das causas da violência e da criminalidade serem múltiplas, creio que no nosso caso (Salvador), um dos fatores de maior preponderância é a desigualdade social ainda existente, que por sua vez possui desdobramentos que também muito contribuem para esse quadro, a exemplo do problema do crack (informação verbal).<sup>10</sup>

Acrescentou, ainda, como a desigualdade tem gerado um processo de segregação em Salvador, reafirmando que:

O problema não reside na pobreza em si, mas na desigualdade social vigente na nossa capital, ou seja, a heterogeneidade e a discrepância econômica exacerbada que se mostra muito clara em nosso território, o qual está praticamente dividido por muros invisíveis que separam os ricos dos pobres (informação verbal).<sup>11</sup>

O ex-membro da direção da PMBA também concordou que a pobreza não contribui para a violência, mas, sim, a “desigualdade social”, a qual estaria contribuindo para o aumento da violência em Salvador, destacando que:

Salvador, por si só, já é uma cidade desigual. Assim, encontramos os grupos sociais de menor renda distribuídos desigualmente nos espaços urbanos de Salvador e inseridos como parte do seu cotidiano nas áreas mais críticas da cidade, constituindo-se nas maiores vítimas de mortes violentas. Essa situação reforça, portanto, a compreensão de que o cumprimento dos direitos sociais também se distribui de modo desigual, tornando essa camada da população mais vulnerável do que outras (informação verbal).<sup>12</sup>

Questionando algumas pessoas que desenvolvem projetos sociais em áreas periféricas de Salvador, constata-se que a visão da população em pouco difere da dos operadores do aparelho de segurança pública.

---

<sup>9</sup> A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação [01 ago. 2013]. Entrevistadora: Maristela Barbosa Santos. Salvador, 2013.

<sup>10</sup> A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta dissertação [31 jul. 2013]. Entrevistadora: Maristela Barbosa Santos. Salvador, 2013.

<sup>11</sup> Idem.

<sup>12</sup> A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta dissertação. Entrevistadora: Maristela Barbosa Santos. Salvador, 2013.

O militante de movimentos sociais que desenvolve atividades na Vila Canária, bairro integrante da Aisp 10 – Pau da Lima, entendeu que o tráfico de drogas tem papel decisivo na violência de Salvador, afirmando que:

[...] esse é um meio “fácil” de conseguir grana. Tendo em vista que o jovem que trabalha no tráfico faz seu próprio horário, trabalha perto de casa, não precisa de capital inicial pra entrar no negócio, andado em dias tem sua linha de crédito garantida, entre outras vantagens, tem garantida a oferta e a procura. Porém, um só deslize e esses jovens entram na lista das estatísticas das vítimas das drogas (informação verbal).<sup>13</sup>

O entrevistado, todavia, não deixa de destacar o “abandono por parte dos poderes públicos”, o “descaso com a população pobre das periferias e o racismo”, a “falta de segurança pública e de compromisso social dos poderes públicos para com a população mais carente das periferias”. Quando questionado sobre a relação entre pobreza e violência, o entrevistado entende que esta contribui em razão de nossa sociedade ser baseada fortemente na cultura de consumo, ao responder que: "Sim, pois o apelo da mídia de consumo é muito grande e ainda tem a cultura das marcas o que leva os jovens pobres se envolverem com atos ilícitos para adquirir recursos para se vestir de acordo com a turma".

Já o Diretor de Centro Espírita, que desenvolve projetos sociais no Nordeste de Amaralina, destacou a ausência dos serviços públicos como fator de fomento da violência, atribuindo o alto número de homicídios em Salvador a:

- a) Abordagem de confronto entre polícia e população;
- b) Ausência de serviços básicos típicos de estado;
- c) Ausência de alternativas para o público jovem, como programas estruturados de esportes, artes e cidadania;
- d) Alta concentração de renda;
- e) Baixa oferta de empregos;
- f) Ausência de planejamento urbano (Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano) (informação verbal).<sup>14</sup>

O aludido Diretor evidenciou as condições precárias de vida no Nordeste de Amaralina ao relatar que:

O Nordeste de Amaralina é uma região que contempla os bairros de Santa Cruz, Chapada do Rio vermelho, Vale das Pedrinhas e Nordeste propriamente dito. Habitam esta região aproximadamente 100.000 pessoas em uma **ocupação completamente irregular o que dificulta os acessos e**

---

<sup>13</sup> A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J desta dissertação [02 ago. 2013]. Entrevistadora: Maristela Barbosa Santos. Salvador, 2013.

<sup>14</sup> A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H desta dissertação [30 jul. 2013]. Entrevistadora: Maristela Barbosa Santos. Salvador, 2013.

**estimula a clandestinidade e o uso informal de serviços públicos como água, luz e telefone.** As habitações são construídas em mutirão na técnica do puxadinho por pessoas sem qualquer habilitação e não há legalização fundiária em toda a região. Aqui proliferam os contratos de boca ou escritos de compra e venda sem qualquer possibilidade de escritura ou posse legal, necessitando ação urgente da Prefeitura, a exemplo do realizado no Bairro da Paz. (grifos nossos)

O bairro do Nordeste de Amaralina foi escolhido para implantação de ações do Programa Pacto pela Vida, e tal ação estatal, embora não fosse mencionada nas perguntas da entrevista, acabou sendo destacada pelo Diretor do Centro Espírita União, Amor e Luz (CEUAL), nos seguintes termos:

A instalação da Base de polícia comunitária reduziu o número de homicídios e resgatou parcialmente, talvez uns 70% o livre ir e vir na comunidade, antes totalmente dominado pelo tráfico de drogas. A oferta de escolas é boa em quantidade e como em todo o Brasil, carente em qualidade. Há muitas iniciativas e projetos sociais em andamento e foi instalado um balcão de cidadania que atende e esclarece os direitos dos cidadãos. A população é alvo do assédio de políticos de todos os partidos e as associações de moradores e outras ONGs têm sofrido forte influência destes aspectos (informação verbal).<sup>15</sup>

O empresário, entrevistado, que desenvolve projetos sociais na Península de Itapagipe, refere-se à “falta de compromisso dos governantes em investimento social nessas áreas, investimentos esses com geração de empregos, saúde, educação e segurança”.

Por outro lado, o Integrante do Movimento de Cultura Popular do Subúrbio (MCPS), também entrevistado, destacou a ineficiência do Estado na promoção de políticas públicas como promotor da violência.

A violência imposta pelo poder público aos bairros “carentes” de Salvador é a maior razão de estas localidades apresentarem elevado índice de homicídio, ou seja, quando o Estado exerce seu papel, de promotor de Direitos, de modo muito insuficiente, deixando as comunidades desses bairros jogadas a própria sorte, está cometendo violência, e o reflexo de toda violência é mais violência (informação verbal).<sup>16</sup>

Importa destacar que os participantes de projetos sociais, em seus relatos, apontam os jovens como um grupo mais vulnerável ao assédio do comércio ilegal de entorpecentes, em depoimentos como os que se seguem:

---

<sup>15</sup> A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H desta dissertação [30 jul. 2013]. Entrevistadora: Maristela Barbosa Santos. Salvador, 2013.

<sup>16</sup> A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G desta dissertação [28 jul. 2013]. Entrevistadora: Maristela Barbosa Santos. Salvador, 2013.

Temos visto ultimamente **jovem** de 10 a 17 anos praticando todo tipo de agressão social, que se resume em trancá-los em cubículos sujos e sem nenhuma condição de socialização, tornando-os ainda mais agressivos quando liberados.

[...]

**falta de assistência aos jovens** que veem nas drogas a oportunidade do ganho fácil e termina se tornando um consumidor e ingressando na marginalidade e também se tornando vítima dela.

Porque **este grupo social é o mais exposto** aos eventos acima referidos.

Faço parte de um grupo de pessoas que utilizam seu dia-a-dia na **promoção de oportunidades, sobretudo, para os jovens.**

Por causa do crescente **envolvimento dos jovens com o mundo das drogas.**

[...]

... ainda tem a cultura das marcas o **que leva os jovens pobres se envolverem com atos ilícitos** para adquirir recursos para se vestir de acordo com a turma.

[...]

[.. ] toda essa modernidade que **favorece ao jovem o acesso a todos os conhecimentos sem um controle** contribuem para o ingresso ao mundo da violência. (grifos nossos) (informação verbal).<sup>17</sup>

O racismo e a discriminação também aparecem como componentes, não só da violência, mas, da construção de um perfil específico de vítimas.

Isto porque poucos admitem, mas os dados revelam que o racismo está entranhado em nosso dia-a-dia. Percebe-se, com facilidade, o tratamento diferenciado que a justiça brasileira tem dado quando a vítima é um jovem branco de classe média (informação verbal).<sup>18</sup>

Esse componente também perpassou a fala do ex-membro da direção da PMBA,

A violência contra o jovem negro é parte de um quadro maior de negligência em relação a essa parcela da população. Se formos consultar o censo vamos encontrar nas estatísticas que a maioria dos analfabetos é negra, dos jovens fora da escola, dos desassistidos na saúde. Quando tomamos conhecimento do aumento da violência, vemos a população negra nos presídios e morrendo cada vez mais. Temos que continuar discutindo uma política para essa juventude que não passe só por segurança pública (informação verbal).<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta dissertação [01 ago. 2013]. Entrevistadora: Maristela Barbosa Santos. Salvador, 2013.

<sup>18</sup> A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G desta dissertação [28 jul. 2013]. Entrevistadora: Maristela Barbosa Santos. Salvador, 2013.

<sup>19</sup> A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta dissertação. Entrevistadora: Maristela Barbosa Santos. Salvador, 2013.

Fatores institucionais como a impunidade e a corrupção também se somam para a configuração deste cenário.

O crescimento do tráfico está ligado à corrupção. É preciso entender que quem mais ganha com o avanço das drogas não é o favelado. O TJBA está sob suspeição no Conselho Nacional de Justiça. A desigualdade social ainda vigente; o estado de degradação dos espaços públicos do município; e o alto índice de impunidade (informação verbal).<sup>20</sup>

A violência policial também não deixa de ser citada, em especial pelos líderes comunitários.

Além disso, a violência policial é outro fator de destaque em minha comunidade. Abordagem de confronto entre polícia e população. [...] As guerras para a ocupação de pontos de distribuição e os enfrentamentos com a polícia causam as mortes (informação verbal).<sup>21</sup>

No tocante ao tráfico de drogas, percebe-se que não é a venda de entorpecentes em si, mas, sim, a dinâmica para a manutenção da hegemonia territorial que acaba por gerar a violência.

As guerras para a ocupação de pontos de distribuição e os enfrentamentos com a polícia causam as mortes [...] é um meio “fácil” de conseguir grana. [...]. Porém um só deslize e esses jovens entram na lista das estatísticas das vítimas das drogas. Para manter esse negócio ilícito funcionando recorre-se às práticas criminosas, tais como homicídios e “sequestros”. Essa rotina existe para que dívidas sejam pagas ou para se dominar determinada área. Esse aumento está bastante influenciado pelas disputas por espaço que vêm sendo travadas pelo tráfico de drogas em alguns pontos da cidade, além do aumento assustador do uso do crack, principalmente pela população jovem e pobre. [...] Os números indicam que boa parte dos crimes violentos letais intencionais em Salvador possuem ligação direta com o tráfico de drogas, e isto se explica pela violência com que se dá a disputa por espaços perdidos por alguém que foi preso ou morto em confronto com a Polícia, ou por novos espaços. O aumento da violência é resultado do aumento das disputas de territórios por parte do crack (informação verbal).<sup>22</sup>

A associação entre o tráfico de drogas e os homicídios dolosos aparece refletida nas estatísticas policiais. Dados disponibilizados pela Coordenação de

---

<sup>20</sup> A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G desta dissertação [28 jul. 2013]. Entrevistadora: Maristela Barbosa Santos. Salvador, 2013.

<sup>21</sup> A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H desta dissertação [30 jul. 2013]. Entrevistadora: Maristela Barbosa Santos. Salvador, 2013.

<sup>22</sup> A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta dissertação [31 jul. 2013]. Entrevistadora: Maristela Barbosa Santos. Salvador, 2013.

Documentação e Estatística Policial (Cedep), relativos aos homicídios dolosos no período de 2010 a 2012, indicam que o tráfico de drogas aparece como motivação de cerca de 10% das referidas ocorrências. Entretanto, é preciso destacar a fragilidade destes dados.

O recorte da motivação é extraído do quanto lançado na ocorrência policial, portanto, no momento do registro, de forma que, no decorrer das investigações, as conclusões da autoridade policial pode levar a outra motivação, o que, todavia, não consta no sistema.

Além disso, por regra, quando do registro de ocorrência, não se sabe, ainda, as causas da morte, de forma que o item que apresenta o maior percentual é o “a definir”, registrado em 2.490 ocorrências do universo de 4.743, seguido do item “outros”, com 1.547 registros, não sendo indicada nenhuma tendência do que seriam estas outras motivações (Tabela 13). Por fim, percebe-se que, de um ano para outro, as categorias de motivações são alteradas, o que dificulta uma comparação estatística em série, restando, contudo, evidente a presença do tráfico como um dos principais motivadores.

**Tabela 13 – Motivação dos Homicídios Dolosos – Salvador – 2010/2012.**

Ano 2010		Ano 2011		Ano 2012	
Possível motivação	Total	Possível motivação	Total	Possível motivação	Total
A definir	793	A definir	383	A definir	1.314
Ambição	12	Briga Intrafamiliar	6	Ambição	5
Outros	469	Discussão de trânsito	1	Bala perdida	2
Passional	21	Discussão entre vizinhos	3	Briga Intrafamiliar	10
Quadrilha	3	Discussão por embriaguez	1	Discussão de trânsito	1
Tráfico de drogas	265	Outros	1.047	Discussão entre vizinhos	4
Vingança	76	Passional	13	Grupo de extermínio	3
		Quadrilha	1	Outros	31
		Rixa	2	Passional	17
		Tráfico de drogas	56	Rixa	5
		Vingança	15	Tráfico de drogas	149
				Vingança	35

Fonte: SSP/PC/CDEP.

Apesar de todas as fragilidades apontadas, os dados são suficientes para demonstrar que a influência do tráfico de drogas não pode ser desconsiderada na elaboração de uma política pública que vise à redução dos homicídios.

A estratégia para a reversão desse quadro de violência parece passar pela conjugação de melhoria da gestão policial, associada à implementação e fortalecimento das políticas sociais.

O integrante da direção da PMBA indicou que:

Lidar com o problema da violência e da criminalidade exige muita sinergia e integração entre os órgãos públicos (Executivo, Judiciário, Legislativo, Ministério Público, Defensoria Pública, nas dimensões da União, Estados e Municípios), sociedade civil organizada (Família, Escola, Igreja, Conselhos Comunitários, ONGs etc.) e iniciativa privada (Comércio, Indústria etc.),

[...]

[...] esse trabalho integrado deve estar focado na prevenção social do crime e na mediação de conflitos, fazendo uso da repressão qualificada apenas nos casos pontuais mais graves, a exemplo do crime “organizado” (informação verbal).<sup>23</sup>

O membro da alta direção da Polícia Civil destacou a necessidade de uma atuação harmônica e integrada dos diversos setores do Estado e a construção de uma gestão baseada nos resultados científicos, para a consecução da paz social, sugerindo que:

A Administração Pública, por meio de seus diversos órgãos, deve agir de forma harmônica e integrada, planejando e executando ações em todos os campos.

[...]

O acompanhamento diário dos registros de ocorrências policiais e a análise criminal dos dados coletados são fatores primordiais para que se definam as áreas mais críticas em relação à violência, em Salvador. Esta pesquisa aliada aos conhecimentos produzidos pelas demais áreas sistêmicas formarão a radiografia sócio espacial da violência na capital baiana (informação verbal).<sup>24</sup>

Percebe-se, então, das falas dos informantes, a associação entre violência e desigualdade social, se não como único fator, como elemento de relevo e base das demais questões. Todavia, em que pesem as notícias de melhoria de indicadores sociais, a violência letal em Salvador encontra-se em curva ascendente. Assim, para fins de avaliação da inter-relação entre renda, pobreza, desigualdade e violência letal em Salvador, faz-se necessário analisar o comportamento dos indicadores sociais da referida capital.

---

<sup>23</sup> A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta dissertação [31 jul. 2013]. Entrevistadora: Maristela Barbosa Santos. Salvador, 2013.

<sup>24</sup> A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação [01 ago. 2013]. Entrevistadora: Maristela Barbosa Santos. Salvador, 2013.

### 3.4 O QUE MOSTRAM OS DADOS?

Observa-se, de logo, que a estratégia da SSP leva em consideração o número absoluto das ocorrências de CVLI. Tal procedimento há de ser utilizado com cautela, pois a densidade demográfica é um fator que precisa ser considerado na estratégia de enfretamento da violência, ou seja, a primeira pergunta que se deve fazer aos dados é: se nessas áreas, se morre mais porque aí tem mais gente.

Correlacionando os números absolutos de CVLI, relativos aos anos de 2011 e 2012, pela população das Aisp, tem-se o seguinte resultado (Tabela 14):

<b>Tabela 14 – Taxa de CVLI – Salvador – 2011 e 2012.</b>					
<b>AISP</b>	<b>POP</b>	<b>CVLI 2011</b>	<b>TAXA*</b>	<b>CVLI 2012*</b>	<b>TAXA*</b>
<b>1 Barris</b>	87.785	36	41,0	56	63,8
<b>2 Liberdade</b>	181.425	137	75,5	129	71,1
<b>3 Bonfim</b>	152.608	100	65,5	126	82,5
<b>4 São Caetano</b>	216.260	165	76,3	137	63,3
<b>5 Periperi</b>	330.137	22	67,2	249	75,4
<b>6 Brotas</b>	203.297	66	32,5	68	33,4
<b>7 Rio Vermelho</b>	109.856	41	37,3	27	24,6
<b>8 Cia</b>	48.406	128	264,4	59	121,9
<b>9 Boca do Rio</b>	126.328	48	38,0	60	47,5
<b>10 Pau da Lima</b>	230.147	183	79,5	138	59,9
<b>11 Tancredo Neves</b>	374.013	211	56,4	238	63,6
<b>12 Itapuã</b>	248.403	127	51,1	166	66,8
<b>13 Cajazeiras</b>	152.653	102	66,8	129	84,5
<b>14 Barra</b>	40.977	13	31,7	6	14,6
<b>15 Nordeste</b>	80.212	33	41,1	27	33,6
<b>16 Pituba</b>	88.357	10	11,3	6	6,79

\*Ocorrências de CVLI por 100 mil habitantes

Fonte: SGE; IBGE.

Nota: Foi utilizado o CVLI acumulado no período de 1 de janeiro a 25 de dezembro de 2012.

Outro ponto que não pode deixar de ser considerado é a estrutura da população. Conforme já mencionado neste estudo, as vítimas de homicídio possuem um perfil que se tem mantido inalterado ao longo dos anos: jovens negros. Assim, há que se considerar se áreas de maior CVLI não são, também, as áreas de maior concentração de jovens e de população negra.

A questão da presença do Estado aparece nos discursos dos entrevistados como determinante para a difusão da violência. Assim, a pobreza, entendida como baixa renda, não apresenta uma influência direta, mas a desigualdade sim, sendo a carência na prestação de serviços públicos uma de suas facetas. Beato Filho (2012, p. 148) apresenta o antagonismo do binômio periferia e centro:

As periferias, por sua vez, podem ser definidas em oposição e contraste às regiões centrais e comerciais. Seu poder decisório é condicionado pelo baixo grau de desenvolvimento socioeconômico. Não há autonomia generalizada, e seus habitantes são oriundos dos estratos mais baixos. Além disso, são marcadas pela escassez de atividades econômicas e culturais importantes e diversificadas. Os órgãos e serviço públicos disponíveis também são raros, quando comparados com o centro ou regiões mais abastadas, não conseguindo suprir a demanda.

Com efeito, em que pese o presente trabalho não possuir como um dos seus objetivos a mensuração da presença do Estado nas áreas de maior incidência de CVLI (o que pode ser demonstrado pela verificação da distribuição dos equipamentos públicos como hospital, escolas, áreas de lazer), o conhecimento da estrutura de Salvador demonstra que tais equipamentos encontram-se concentrados na orla marítima norte da cidade.

Tomando-se a Aisp 5 – Periperi, que abrange o Subúrbio Ferroviário sendo líder em números absolutos do ranking de CVLI, pode-se afirmar que a referida área não possui shoppings centers, cinemas ou teatros; somente em setembro de 2010 passou a ter um hospital e possui apenas uma delegacia de polícia – 5ª DT, para atender a uma população de 330.137 habitantes, sendo que os homicídios encontram-se sob a responsabilidade do DHPP, cuja sede se localiza no bairro da Pituba.

Quanto à segurança pública, pode-se destacar a distribuição do policiamento. Observando os dados disponibilizados pela Polícia Militar sobre a quantidade de policiais, na atividade operacional, por Aisp, e o quantitativo de habitantes por área, tem-se a seguinte proporção de habitantes por policial, conforme se vê na Tabela 15.

<b>Tabela 15 – Distribuição de policial militar por habitante – Salvador - 2012.</b>	
<b>AISP</b>	<b>HAB/POR POLICIAL MILITAR</b>
<b>1 Barris</b>	181,7
<b>2 Liberdade</b>	1.537,5
<b>3 Bonfim</b>	422,7
<b>4 São Caetano</b>	1.716,3
<b>5 Periperi</b>	542,1
<b>6 Brotas</b>	1.011,4
<b>7 Rio Vermelho</b>	322,1
<b>8 Cia</b>	612,7
<b>9 Boca do Rio</b>	713,7
<b>10 Pau da Lima</b>	1.041,4
<b>11 Tancredo Neves</b>	745,0
<b>12 Itapuã</b>	633,6
<b>13 Cajazeiras</b>	897,9
<b>14 Barra</b>	267,8
<b>15 Nordeste</b>	196,1
<b>16 Pituba</b>	329,7

Fonte: PMBA.

Verifica-se que os bairros periféricos, em que pese o alto índice de CVLI, possuem, em termos relativos, menos policiais militares do que as áreas mais abastadas da cidade. Cabe, entretanto, registrar, que as áreas periféricas já beneficiadas com a implantação de bases comunitárias possuem melhores taxas.

Assim: a Aisp 15 – Nordeste de Amaralina, onde se encontram três bases comunitárias, tem 196,1 habitantes por policial; a Aisp 5 – Periperi, que tem uma base comunitária de segurança no bairro da Fazenda Coutos, tem 542,1 habitantes por policial; e, a Aisp 4 – São Caetano, que também possui alto índice de CVLI, guarda a proporção de 1.716,3 habitantes por policial, todavia esta situação sofrerá mudanças em razão da implantação no mês de agosto de 2013 de uma base comunitária em sua área de abrangência.

Vale observar que os números indicam todo o efetivo na área geográfica; todavia, a atividade da Polícia Militar se desenvolve por regime de plantão. Assim, o efetivo não se encontra integralmente disponível todo o tempo, e nem poderia, o que, na prática, indica que a quantidade de habitantes por policial durante o cumprimento da escala de serviço é maior do que os valores expressos na tabela acima, cuja utilidade é possibilitar o comparativo entre áreas.

Tal conformação coaduna-se com a advertência de Beato Filho (2012) no sentido de que, embora o medo seja distribuído equitativamente nas cidades, as vitimizações são altamente concentradas em poucos locais, e em grupos sociais bastante específicos. Entretanto, o conhecimento destes dados não tem sido suficiente para orientar a política pública de segurança, pois:

Todos os esforços de nosso sistema de Justiça e de organizações à voltas com segurança pública parecem ser a de proteger justamente aqueles que estão menos expostos à violência. A concentração de equipamentos de proteção social, bem como de recursos de segurança pública, se dá de forma desigual (BEATO FILHO, 2012, p. 152).

Em que pese o discurso oficial das autoridades públicas indicar o tráfico de drogas como fator propulsor do aumento dos homicídios em Salvador, a política de segurança em vigor no Estado da Bahia não parece planejada em face de tal premissa.

Observando o site institucional da Secretaria da Segurança Pública e os dados estatísticos oriundos da Câmara Setorial de Segurança Pública, disponibilizados para o presente trabalho, verifica-se que o tráfico de drogas não se

encontra entre as ocorrências de acompanhamento prioritário, mas, sim, o uso de drogas.

Divulgam-se as estatísticas mensais de homicídio doloso, lesão corporal seguida de morte, roubo com resultado morte (latrocínio), tentativa de homicídio, estupro, roubo a ônibus (urbano e em rodovia), roubo de veículo, furto de veículo e uso/porte substância entorpecente (usuários). A última estatística relativa a tráfico e apreensão de drogas refere-se ao ano de 2010, antes, portanto, da implementação do Programa Pacto pela Vida.

Com efeito, causa estranheza que a Secretaria de Segurança Pública priorize a quantificação de ocorrências de uso de drogas, que não mais se constitui em crime, e cuja prevenção encontra-se a cargo da Câmara Setorial de Enfrentamento ao Uso de Drogas, de coordenação da Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos, em vez do crime de tráfico de drogas, cuja repressão lhe compete.

Outro ponto é a própria estrutura da Polícia Civil, apesar de existir um departamento específico como os homicídios, enquanto o DHPP tem, em sua estrutura, 10 (dez) Delegacias de Homicídios, sendo 04 (quatro) na Capital do Estado, 01 (uma) na Região Metropolitana de Salvador (RMS) e 05 (cinco) no interior do Estado, o Departamento Estadual de Prevenção e Repressão ao Narcotráfico (Denarc) possui apenas uma delegacia em Salvador e duas no interior (Feira de Santana e Teixeira de Freitas).

Segundo Xavier (2008, p. 71), a Criminologia divide a prevenção em três tipos: primária, secundária e terciária.

A ciência da criminologia atual aponta três modelos de políticas criminais de prevenção à violência comum e ao Crime Organizado: a primária, a secundária e a terciária. **A primária tem por objetivo atacar as causas iniciais da delinquência**, ou seja, procura ir às raízes do conflito criminal. **É política social de médio e longo prazo e exige melhoramentos profundos em serviços sociais** como educação, moradia, emprego, bem-estar, saúde, qualidade de vida, planejamento familiar etc.; é a forma de prevenção mais demorada, porém, é a mais apropriada política de prevenção à violência e à criminalidade.

**A segunda política de prevenção criminal é a do tipo de política obstaculizadora ao criminoso, isto é, consiste em aplicar mais recursos humanos, técnicos e logísticos na área de segurança.** [...]

Esse tipo de modelo político-criminal não objetiva detectar as causas ou raízes da delinquência, mas procura dificultar a execução do crime. Isoladamente, essa política criminal não é ideal para combater a violência e a criminalidade, pois, seu resultado será sempre o deslocamento do crime, ou seja, a mudança de lugar. [...]. Essa é o tipo de política criminal simbólica que confia na lei abstratamente severa. [...]

**O terceiro tipo de política criminal visa a evitar a reincidência do criminoso.** Esse tipo de política também não se preocupa com as causas

da delinquência e tem por objetivo evitar a não reiteração delitiva. [...].  
(grifos nossos)

Muito embora a prevenção primária possua os melhores resultados, uma vez que atua nas causas da criminalidade, seus resultados não aparecem no curto prazo, daí a atenção das autoridades políticas, por regra, voltarem-se para a ênfase repressiva, consubstanciada na prevenção secundária: endurecimento das leis, aumento do efetivo, compra de viaturas.

Não se pode esquecer que, na América Latina, o modelo repressivista restou fortalecido pelos regimes autoritários, cuja preocupação estava voltada, não para a segurança do cidadão, mas, para a segurança do regime e do Estado, para o que fizeram as instituições policiais. Neste ponto, o sociólogo Tulio Kahn (2007) alerta para a herança deixada pelos regimes totalitários no âmbito da segurança pública:

Entre as sequelas mais relevantes podem-se citar, rapidamente:

- desconfiança da população na polícia e vice-versa;
- níveis elevados de violação dos direitos humanos, como tortura e execuções extrajudiciais;
- corrupção, como consequência de décadas de funcionamento autônomo, sem necessidade de prestar contas à sociedade;
- resquícios das “doutrinas de segurança nacional”, segundo as quais a população é uma inimiga interna, que deixaram marcas na cultura policial (KAHN, 2007, p. 92).

O fenômeno criminal possui as mais variadas causas e as mais diversas facetas. Não se pode pretender, por exemplo, estudar a macrocriminalidade e a microcriminalidade sob os mesmos paradigmas, nem é possível atribuir a gênese do crime a um único fator.

Newton Fernandes e Valter Fernandes (2002, p. 54) esclarecem que “as causas imediatas do crime se resumem, em última análise, nas condições do meio em que ele se verificou e na personalidade de seu autor no momento da ação”. A criminologia<sup>25</sup> já reconheceu a existência de um caráter social no delito. O crime não é mais entendido como mero desvio de conduta do delinquente, mas como um fenômeno social. Desta forma, toda a estratégia de política criminal que se resume a

---

<sup>25</sup> “[...] ciência empírica e interdisciplinar, que se ocupa do estudo do crime, da pessoa do infrator, da vítima e do controle social do comportamento delitivo, e que trata de subministrar uma informação válida, contrastada, sobre a gênese, dinâmica e variáveis principais do crime – contemplado este como problema individual e como problema social -, assim como sobre os programas de prevenção eficaz do mesmo e técnicas de intervenção positiva no homem delinquente” (MOLINA, 1992, p. 1).

ações de afastamento e neutralização do delinquente, se mostrará ineficaz, pois que limitada a, tão somente, um aspecto do delito.

Para Molina (1992, p. 1),

O crime não é um tumor nem uma epidemia, senão um doloroso “problema” interpessoal e comunitário. Uma realidade próxima, cotidiana, quase doméstica: um problema “da” comunidade, que nasce “na” comunidade e que deve ser resolvido “pela” comunidade. Um “problema social”, em suma, com tudo que tal caracterização implica em função de seu diagnóstico e tratamento.

Sendo o crime um fenômeno social, somente por meio de um conjunto de políticas sociais é que se pode elaborar um programa efetivo de redução dos índices de criminalidade.

Não se está querendo dizer, com isso, que não deva haver a ação repressiva do Estado, mas, a atuação das instituições policiais é apenas um setor da política de segurança pública. Querer resolver questões eminentemente sociais com ações de polícia é vender ilusões, quer por desconhecimento, quer por má-fé e desinteresse.

Em um contexto de anomia que tem sua gênese na ineficácia do Estado em manter o controle e a ordem social, materializa-se duas situações graves e complexas: uma visível, no plano do cotidiano, a perpetuação do modelo de segurança pública baseado numa visão de guerra que aprofunda o ódio social e fragiliza a autoridade policial; e a outra invisível, mas não menos letal: a desmotivação, a omissão e o perigo de uma ideologia de que a autoridade e o respeito às forças policiais só podem ser recuperados através da força, da eliminação do inimigo; o que culmina, não raro, nos desvios de conduta (MELO, 2008, p. 1).

Assim, a política de segurança tem de ser, necessariamente, pautada na integração das políticas sociais, com a atribuição de responsabilidade a todos os agentes do sistema. Oliveira (2002) destaca a necessidade de estabelecer o equilíbrio entre o aspecto social e o repressivo, bem como a necessidade de estabelecimento de uma política integrada de segurança.

**Políticas de segurança pública** é expressão referente às atividades tipicamente policiais, é a atuação policial *strictu sensu*. **Políticas públicas de segurança** é expressão que engloba as diversas ações, governamentais e não governamentais, que sofrem impacto ou causam impacto no problema da criminalidade e da violência. (grifos no original) (OLIVEIRA, 2002, p. 5).

Dentro desse contexto, as instituições policiais são apenas uma pequena parcela das ações necessárias e, para o desempenho de seu mister, nesta nova ótica, é necessária a modificação, não só na forma de atuação, mas, antes de tudo,

na cultura organizacional, na autoimagem e na visão da comunidade sobre os órgãos policiais.

La Policía es a menudo más un problema delictivo que un Cuerpo proveedor de seguridad. La reestructuración de las Policías en general, para que operen en forma preventiva, de resolución de conflictos y de proveer servicios de emergencia a los vecinos, es una necesidad urgente para erradicar malas prácticas tradicionales

Sobre ella debe haber estrictos controles, pero también reforzamiento de la autoestima policial:

Aunque toda esta materia es ampliamente especializada y requeriría de un informe aparte, señalamos algunos elementos a tomarse en cuenta: Formación: de alto nivel, con excelentes y reputados profesores, en instituciones de prestigio. Autogobierno, lo cual estimula la profesionalidad, la buena conducta y el espíritu de Cuerpo. Sueldos significativos. Uniformes distinguidos. Estatus social, lo cual pasa por la posibilidad de tener buenas viviendas. Ascensos garantizados y condecoraciones por actos especiales de mérito. Seguridad Social (atención médica, hospitalaria, pensiones satisfactorias, seguros de vida) (CASTRO, 2008, p. 27).

O padrão de atuação, com ênfase na prevenção e cidadania, começou a ter seus primeiros sinais, em especial, a partir do governo Lula, com a edição do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci), quando a política de segurança pública passou a não estar mais limitada a uma questão de polícia, mas, também a uma série de políticas públicas na área social. É fato que tais mudanças foram consequência da elevação da taxa de homicídios no Brasil, em especial no período pós-redemocratização.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho analisou a relação entre segregação socioespacial e a violência urbana, tomando por base a realidade da cidade de Salvador. Sendo a violência um termo polissêmico, cuja definição não é unívoca e que possui uma diversidade de tipologias, foram verificados os pontos comuns existentes nas diversas conceituações da literatura para delimitar o sentido do termo violência para fins desta pesquisa.

Ressalte-se que não foi intenção deste trabalho investigar as causas que geram a violência. Este fenômeno decorre de causas das mais diversas e cada tipo possui uma afinidade mais, ou menos, intrínseca com determinada causa. Logo, não houve a pretensão de enumerar todos os fatores capazes de gerar violência.

O viés condutor da análise da violência foi a desigualdade social. Muito embora este trabalho se alinhe entre aqueles que não consideram a pobreza uma determinante da violência, não se pode negar a existência de uma relação entre desigualdade e violência letal.

Num mundo baseado numa sociedade de consumo, de relações virtuais, de incentivo à construção da personalidade com fundamento no ter, foi eleita como base deste estudo a vida. Talvez porque ainda se acredite que o ser humano seja a base de tudo, ele é o principal, do qual os bens são mero acessórios.

Como garantir o direito à vida em condições de negação de cidadania? Onde as instituições sociais não se apresentam para gerar cidadãos, aí a violência mostra a sua face mais dura, retirando o direito de viver, mediante a imposição de uma pena de morte velada.

O aumento do número de ocorrências de mortes violentas tem sido matéria de constante exposição nos meios de comunicação, o que acabou por fomentar o trabalho de pesquisa sobre o fenômeno da violência, cuja busca pelas suas causas e por ações aptas a promoverem a sua redução passaram a ser um constante imperativo dos governantes, em face da pressão social decorrente da sensação de insegurança que se instalou na sociedade brasileira.

Apesar de este fenômeno não ser exclusivo do Brasil, a sua manifestação nesta sociedade possui peculiaridades, como todo fenômeno social, sofrendo os influxos do tempo e do espaço. Isso faz com que seja inviável a mera importação de modelos e, necessária, a análise das nuances de cada grupo social.

Para que se possa construir uma política pública de segurança efetiva, é necessário um diagnóstico específico para a realidade cuja transformação se deseja, sendo este o papel do pesquisador das Ciências Sociais.

Cumprido destacar, que o amadurecimento dos movimentos sociais e da sociedade brasileira como um todo, após a redemocratização, fez com que se impusesse uma análise sobre as variáveis socioeconômicas no fenômeno da violência, bem como aumentaram a pressão pela implementação de políticas com vistas a dar efetividade à cidadania.

A pesquisa não buscou demonstrar a medida da relação entre desigualdade e violência letal, contudo, os dados apresentados evidenciam a fortíssima ligação destes conceitos, em face da distribuição espacial das ocorrências de CVLI.

A partir da aplicação da metodologia admitida, foi possível fazer o levantamento adequado para se conhecer os dados sobre o espalhamento da violência letal na capital baiana, o que resultou na constatação de que os crimes violentos letais intencionais (CVLI) estão situados nos bairros onde se encontram os moradores que possuem menor nível de renda. Não se tem evidência suficiente para afirmar que violência letal e pobreza/desigualdade possuem relação entre si, contudo, há evidência de que os homicídios atingem a população mais pobre da cidade.

Outro aspecto notado durante a presente investigação, é que os bairros mais pobres são os menos favorecidos pelo policiamento preventivo e pelas políticas públicas em geral, desde os equipamentos urbanos, até a educação e oportunidade de renda e emprego.

Verificou-se que a violência letal não está distribuída de forma homogênea no território da cidade do Salvador. A dinâmica da violência obedece à lógica do espalhamento da população pobre em seu território, tendo-se observado maiores índices de homicídio nos espaços mais carentes da cidade. O perfil das vítimas é o mesmo que foi constatado para todo o restante do Brasil. É nos bairros periféricos que se concentram as ocorrências de homicídios e estas atingem, de maneira mais efetiva, adolescentes e jovens adultos, do sexo masculino e da raça negra.

Não é possível afirmar a existência de uma relação direta entre pobreza/desigualdade e violência letal, tendo em vista que a violência é um fenômeno de origem multifatorial; todavia, as áreas de pobreza/desigualdade são também as áreas de concentração destes multifatores. São espaços onde há

carência de serviços públicos e onde se desenvolve o varejo da droga, além de serem bairros de concentração de jovens, muitos deles desfilados. Neles encontra-se favorecido o desenvolvimento dos sentimentos de injustiça e revolta em face da constatação da desigualdade.

A verificação desta relação tem de levar em conta diversos fatores que vão muito além da renda. O conceito de desigualdade é que vai determinar o indicador, o qual demonstrará as áreas de vulnerabilidade – é composto por diversos aspectos e, a depender dos elementos que o integram, pode gerar resultados diversos. Além disso, como adverte o PNUD, da ONU, o IDH, índice criado justamente para eliminar a mensuração das nações tão somente pela renda *per capita*, não engloba todas as facetas do desenvolvimento humano.

Nesse sentido, o chamado paradoxo brasileiro não se apresenta tão antagônico quanto se pensa. Embora possa existir alguma melhoria dos indicadores sociais no Brasil, nos últimos anos, há que se reconhecer que tal melhoria foi muito tímida, considerando a violenta desigualdade que sempre foi, e ainda é, característica marcante deste país.

Não se pode negar, também, que a gestão dos órgãos de segurança ainda necessita de aprimoramento. Os últimos trinta anos foram marcados por profundas mudanças sociais e os aparelhos do Estado precisam adequar-se a essa nova conjuntura social e seus desafios, que vão desde as consequências da globalização, a revolução da tecnologia da informação e comunicação e o papel dos meios de comunicação de massa.

A implantação do Programa Pacto pela Vida no Estado da Bahia, pelo menos teoricamente, abriga a concepção da necessidade de conjugação de prevenção e repressão, atuação policial associada a políticas sociais estruturantes. Todavia, o tempo decorrido desde a sua implantação, no ano de 2011, não é suficiente para permitir uma avaliação eficaz de seus resultados.

Restam algumas evidências, entretanto, de que a queda dos índices de homicídios passa pelo combate da vulnerabilidade social em todos os seus níveis. É preciso que se ampliem as políticas públicas, garantindo nelas o caráter emancipatório, em contrapartida com a prática assistencialista.

Vale, contudo, destacar, que as políticas sociais não de ser implantadas por serem um fim em si mesmas, independentemente de seus reflexos no âmbito da segurança, em face de se constituírem em pilar do regime democrático.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio. Violência e crime: sob domínio do medo na sociedade brasileira. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **Agenda Brasileira** – temas de uma sociedade em mudança. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

AKERMAN, Marco; BOUSQUAT, Aylene. Mapas de risco de violência. **São Paulo em perspectiva**, v. 13, n. 4, São Paulo: 1999, p. 112-120.

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Tradução André de Macedo Duarte. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

BAHIA. **Decreto nº 13.561**, de 02 de janeiro de 2012. Institui as Regiões Integradas de Segurança Pública - RISP, as Áreas Integradas de Segurança Pública - AISP no Estado da Bahia e dá outras providências. Disponível em: <<http://governo-ba.jusbrasil.com.br/legislacao/1030659/decreto-13561-12>>. Acesso em: 28 ago. 2012.

BAHIA. **Lei nº 12.357**, de 26 de setembro de 2011a. Institui o Sistema de Defesa Social, o Programa Pacto pela Vida, e dá outras providências. Disponível em: <<http://governo-ba.jusbrasil.com.br/legislacao/1029307/lei-12357-11>>. Acesso em 27 ago. 2012.

BAHIA. Secretaria da Segurança Pública. **Plano Estadual da Segurança Pública – PLANESP**: Governo da Bahia – 2012 a 2015/Secretaria da segurança Pública. – Salvador: Secretaria da Segurança pública, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BEATO FILHO, Claudio Chaves. **Crime e cidades**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

BEATO, Claudio. C.; REIS, Ilka Afonso. Desigualdade, Desenvolvimento Socioeconômico e Crime. In: HENRIQUES, R. (Org.). **Desigualdade e Pobreza no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, 2000, p. 385-403.

BORGES, Ângela Maria de Carvalho; CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de FILHO. **Segregação urbana e emprego**. Trabalho apresentado no GT 02 – Cidades Latinoamericanas en el nuevo milenio do XXIX Congresso Latino Americano de sociologia, ALAS Chile, Santiago: 2012.

CANO, Ignácio; SANTOS, Nilton, **Violência letal, renda e desigualdade no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

CARVALHO, Inaiá Maia Moreira de. Globalização, metrópoles e crise social no Brasil. **Revista Eure**, v. 32, n. 95, Santiago de Chile, maio de 2006, p.5-20.

CARVALHO, Inaiá Maia Moreira de; PEREIRA, Gilberto Corso. As “Cidades” de Salvador. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Como anda Salvador e sua Região Metropolitana**. 2. ed. Salvador: Edufba, 2008.

CARVALHO, Inaiá Maia Moreira de; SOUZA, Angela Gordilho; PEREIRA, Gilberto Corso. Polarização e segregação socioespecial em uma metrópole periférica. **Caderno CRH**, Salvador, v. 17, n. 41, mai./ago. 2004, p. 281-297.

CARVALHO, Raimilton Conceição. **Ineficiência do Estado**. Coordenador Geral do Movimento de Cultura Popular do Subúrbio – MCPS. 28 de julho de 2013. Entrevista concedida a autora. Salvador, 2013.

CASTRO, Lolita Aniyar de. Seguridad: Propuestas para una vida sin miedo y sin violencia com respeto a los derecho humanos. In: FÖPPEL, Gamil. **Novos Desafios do Direito Penal no terceiro milênio**: Estudos em Homenagem ao Prof. Fernando Santana. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2008.

CHESNAIS, Jean Claude. O aumento da violência criminal no Brasil. Tradução de Luiz Gonzaga de Freitas. **Justitia**. São Paulo, v. 59, n. 177, jan/mar., 1997, p. 18-45.

CODAMI, Jorge. **Ineficiência do Estado**. Comerciante da Península de Itapagipe. 01 de agosto de 2013. Entrevista concedida a autora. Salvador, 2013.

COSTA, Alfredo Bruto da. **Exclusões Sociais**. Lisboa, PT: Gradiva, 1998.

COSTA, Ivone Freire. **Polícia e sociedade**. Gestão de segurança pública, violência e controle social. Salvador: EDUFBA, 2005.

DOMIT, Myrna. **As prosperity rises in Brazil’s Northeast, so does drug violence**. Disponível em: <[http://www.nytimes.com/2011/08/30/world/americas/30brazil.html?pagewanted=all&\\_r=0](http://www.nytimes.com/2011/08/30/world/americas/30brazil.html?pagewanted=all&_r=0)>. Acesso em: 25 ago. 2012.

ELEUTÉRIO FILHO, Carlos Sebastião de Oliveira. **Criminalidade em Salvador**. Subcomandante Geral da Polícia Militar da Bahia. 31 de julho de 2013. Entrevista concedida a autora. Salvador, 2013.

FARIA, Vilmar E. Cinquenta anos de urbanização no Brasil: tendências e perspectivas. **Revista Novos Estudos CEBRAP**, n. 29. São Paulo: Ed. Brasileira de Ciências, março de 1991, p. 98-119.

FCCV. Fórum Comunitário de Combate à Violência – Projeto UNIBA./UFBA/UNICEF. **O rastro da violência em Salvador II**: mortes de residentes em Salvador de 1998 a 2001. Salvador, 2002.

FERNANDES, Newton; FERNANDES, Valter. **Criminologia Integrada**. 2. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009, p. 2038.

FILGUEIRAS, Luiz A. M. A desestruturação do mundo do trabalho e o "mal estar" desse fim de século. **Cadernos do CEAS**, n. 171, Salvador, 1997, p. 9 – 29.

GUIMARÃES, Alberto Passos. **As classes perigosas**: banditismo urbano e rural. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008.

IANNI, Octavio. **Capitalismo, violência e terrorismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

KAHN, Tulio. Obstáculo às políticas de segurança na América Latina. **São Paulo em Perspectiva**, v. 21, n. 1. São Paulo: Fundação Seade, jan./jun. 2007, p. 92-95. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br>>. Acesso em: 24 ago. 2012.

KOWARICK, Lúcio. **Viver em risco**: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil. São Paulo: Ed. 34, 2009.

LAFFITTE, Jorge. **Violência urbana**. Diretor 3S Segurança LTDA. 30 de julho de 2013. Entrevista concedida a autora. Fortaleza, 2013.

MAGALHÃES, Antonio Carlos Silva. **Análise da segurança da população do entorno da Avenida Paralela a partir dos bairros de Mussurunga e da Paz**. Publicado em 30/08/2010. Disponível em:<<http://www2.forumseguranca.org.br/>>. Acesso em: 27 ago. 2012.

MASCARENHAS, Nilton Régis. **Criminalidade em Salvador**. Ex- Comandante Geral da Polícia Militar da Bahia. Salvador, 03 de agosto de 2013. Entrevista concedida a autora. Salvador, 2013.

MELO, Antonio Jorge Ferreira. **Ou o Estado age ou o caos impera...** Publicado em 15/07/2008. Disponível em: <<http://www2.forumseguranca.org.br/>>. Acesso em: 12 set. 2013.

\_\_\_\_\_. **Criminalidade em Salvador**. Coronel da Reserva da Polícia Militar, 17 de julho de 2013. Entrevista concedida a autora.

MICHAUD, Yves. **A violência**. Tradução de L. Garcia. São Paulo: Ática, 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Violência: um problema para a saúde dos brasileiros. In: **Impacto da violência na saúde dos brasileiros**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

MISSE, Michel. Crime e violência no Brasil contemporâneo. In: **Estudos de sociologia do crime e da violência urbana**. Rio de Janeiro: Lúmen Juris, 2006.

MOLINA, Antonio Garcia-Pablos de. **Criminologia**: uma introdução a seus fundamentos teóricos. Tradução de Luiz Flávio Gomes. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1992.

OLIVEIRA, Ana Sofia Schmidt de. Políticas Públicas de Segurança e Políticas de Segurança Pública: da teoria a prática. In: **Das Políticas de Segurança Pública às Políticas Públicas de Segurança**. São Paulo: ILANUD, 2002.

OUAIS, Mariana. **Aumento dos homicídios em Salvador**. Delegada da Polícia Civil. Salvador, 21 de julho de 2013. Entrevista concedida a autora. Salvador, 2013.

PAIM, Jairnilson Silva. **Condições de Vida, Violências e Extermínio**. In: CARVALHO, Inaiá Maia Moreira de; PEREIRA, Gilberto Corso (Orgs.). Como anda Salvador e sua Região Metropolitana. Salvador: Edufba, 2008.

PAIXÃO, Hélio Jorge Oliveira. **Criminalidade em Salvador**. Delegado Geral da Polícia Civil. 01 de agosto de 2013. Entrevista concedida a autora. Salvador, 2013.

PEDRAZZINI, Yves. **A violência das cidades**. Tradução Giselle Unti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PEREIRA, Gilberto Corso. Habitação e Infraestrutura Urbana em Salvador e Região Metropolitana. In: CARVALHO, Inaiá Maia Moreira de; PEREIRA, Gilberto Corso (Orgs.). **Como anda Salvador e sua Região Metropolitana**. Salvador: Edufba, 2008.

POPPER, Karl R. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 1972.

PORTO, Maria Stela Grossi. **Sociologia da violência**. Brasília: Verbana, 2010.

REGO, Hieros Vasconcelos. **Pesquisa indica Salvador como a pior capital para se viver**. 14/07/2012. Disponível em: <<http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/materias/1274588-pesquisa-indica-salvador-como-a-pior-capital-para-se-viver>>. Acesso em 22 ago. 2012.

RICCIO, Augusto. **Ausência de serviços públicos**. Diretor do Centro Espírita União, Amor e Luz – CEUAL. Entrevista concedida a autora. 30 de julho de 2013.

SANTOS, José Jorge Néris dos. **Tráfico de drogas em Salvador**. Diretor de Produção e Militante de Movimentos Sociais. 02 de agosto de 2013. Entrevista concedida a autora. Salvador, 2013.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. Violências e dilemas do controle social nas sociedades da modernidade tardia. **São Paulo em Perspectiva**, v. 18, n. 1, 2004, p. 3-12.

\_\_\_\_\_. Microfísica da violência, uma questão social mundial. **Ciência e Cultura. Revista da SBPC**, São Paulo, ano 54, n.1, jul. 2002, p. 22-24.

SANTOS, Milton. **Espaços divididos: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2004.

SILVA, João Apolinário da. **Criminalidade em Salvador**. Presidente da Agência Brasileira de Análise Criminal. Entrevista concedida a autora. Salvador, 17 de julho de 2013.

SILVA, Luiz Antonio Machado da. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. In: \_\_\_\_\_. **Metrópoles: entre a coesão e a fragmentação, a cooperação e o conflito**. São Paulo/rio de Janeiro: Perseu Abramo/FASE, 2004.

SILVA SÁNCHEZ, Jesús-María. **A expansão do Direito penal: aspectos da política criminal nas sociedades pós-industriais**. Tradução de Luiz Otavio de Oliveira Rocha. Série as ciências criminais no século 21; v. 11. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2002.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. **Não matarás: desenvolvimento, desigualdade e homicídios**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

TORRES, Juan; RODRIGUES, Rafael. **Mapa deixa clara a concentração de homicídios em bairros pobres**. Disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/noticias/detalhes/detalhes-1/artigo/mapa-deixa-clara-a-concentracao-de-homicidios-em-bairros-pobres/>>. Acesso em: 22 ago. 2012.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2010**. Anatomia dos Homicídios no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari, 2010.

\_\_\_\_\_. **Mapa da Violência 2011**. Os Jovens do Brasil. Brasília: Ministério da Justiça, Instituto Sangari, 2011a.

\_\_\_\_\_. **Mapa da Violência 2012**. Os Novos Padrões da Violência Homicida no Brasil. São Paulo, Instituto Sangari, 2011b.

\_\_\_\_\_. **Mapa da Violência 2013**. Mortes Matadas por Armas de Fogo. Brasília: Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos-CEBELA; FLACSO Brasil, 2013.

WIEVIORKA, Michel. O novo paradigma da violência. Tradução Ademir Barbosa Júnior. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, v. 9, n. 1. São Paulo: maio de 1997, p. 5-41.

XAVIER, Antonio Roberto. Políticas Públicas de Segurança. **Perspectivas Contemporâneas**. Campo Mourão, v. 3, n. 2, ago./dez. 2008, p. 39-72. Disponível em: <<http://revista.grupointegrado.br>>. Acesso em: 23 set. 2012.

ZALUAR, Alba. Violência: questão social ou institucional? In: ZALUAR, Alba; OLIVEIRA, Nilson Vieira Oliveira. **Insegurança Pública**: reflexões sobre a criminalidade e a violência urbana. São Paulo: Nova Alexandria, 2002, p. 75.

## **APÊNDICES**

## **APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA**

Este roteiro de entrevista é um instrumento de pesquisa que objetiva coletar dados e informações para a elaboração de dissertação exigida com requisito necessário para a conclusão do Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania, da Universidade Católica do Salvador - UCSal. Tem como pesquisadora MARISTELA BARBOSA SANTOS CICERELLI e como Orientadora, Prof<sup>ª</sup> INAIA MARIA MOREIRA DE CARVALHO, cujo tema de pesquisa é DISTRIBUIÇÃO SOCIOESPACIAL DA VIOLÊNCIA LETAL NA CIDADE DE SALVADOR/BA.

Os dados e informações registradas neste formulário serão utilizados apenas na confecção da dissertação.

### **PERFIL DO ENTREVISTADO**

**NOME:**

**CARGO/FUNÇÃO DO ENTREVISTADO:**

**TEMPO NO CARGO/FUNÇÃO:**

**ESCOLARIDADE:**

**DATA, HORÁRIO E LOCAL DA ENTREVISTA:**

**QUESTÃO Nº 01:** Salvador apresenta altos índices de homicídios por 100 mil habitantes se comparado com os valores considerados aceitáveis mundialmente. A que o senhor atribui isso?

**QUESTÃO Nº 02:** Nos últimos anos essa violência letal tem aumentado. Como o senhor explica isso?

**QUESTÃO Nº 03:** A violência letal, em especial os homicídios, é diferenciada entre as diversas áreas de Salvador, sendo bem maiores nas Aisp do Subúrbio e do Miolo da Cidade, tais como a Aisp 5 – Periperi e a Aisp 11 – Tancredo Neves. Por que isso ocorre?

**QUESTÃO Nº 04:** Pesquisas demonstram que a vitimologia dos homicídios

apresenta um perfil constante: jovens (entre 15-24 anos), negros, do sexo masculino e moradores de bairros periféricos. A que o senhor atribui tal perfil?

**QUESTÃO Nº 05:** Alguns pesquisadores consideram que a pobreza faz aumentar a violência. O senhor concorda com isso? Por quê?

**QUESTÃO Nº 06:** Outros dizem que a violência e seu crescimento estão ligados ao avanço do tráfico de drogas, inclusive em Salvador. O senhor concorda com isso? Por quê?

**QUESTÃO Nº 07:** E que outras causas estariam contribuindo para a violência em Salvador?

**QUESTÃO Nº 08:** O que a Administração Pública pode e deve fazer para que essa violência letal diminua?

**QUESTÃO Nº 09:** Acrescente qualquer informação que ache relevante para a análise do tema, mas que não tenha sido objeto das perguntas anteriores.

## **APÊNDICE B - ENTREVISTA COM O PHD EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Este roteiro de entrevista é um instrumento de pesquisa que objetiva coletar dados e informações para a elaboração de dissertação exigida com requisito necessário para a conclusão do Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania, da Universidade Católica do Salvador - UCSal. Tem como pesquisadora MARISTELA BARBOSA SANTOS CICERELLI e como Orientadora, Prof<sup>a</sup> INAIA MARIA MOREIRA DE CARVALHO, cujo tema de pesquisa é DISTRIBUIÇÃO SOCIOESPACIAL DA VIOLÊNCIA LETAL NA CIDADE DE SALVADOR/BA.

Os dados e informações registradas neste formulário serão utilizados apenas na confecção da dissertação.

### **PERFIL DO ENTREVISTADO**

**CARGO/FUNÇÃO DO ENTREVISTADO:** DIRETOR 3S SEGURANCA LTDA

**TEMPO NO CARGO/FUNÇÃO:** DIRETOR

**ESCOLARIDADE:** MASTER CIÊNCIAS POLITICAS LEYDEN UNIVERSITEIT, HOLANDA E PHD CIÊNCIAS SOCIAIS AMSTERDAM UNIVERSITEIT, HOLANDA (2017)

### **DATA, HORÁRIO E LOCAL DA ENTREVISTA**

Fortaleza, 30 de Julho de 2013, 9h.

**QUESTÃO Nº 01:** O Brasil apresenta altos índices de homicídios por 100 mil habitantes se comparado com os valores considerados aceitáveis mundialmente. A que o senhor atribui isso?

Os paradigmas que as autoridades utilizam (PRONASCI) não logram dar resposta às novas culturas juvenis urbanas e sua cosmovisão sobre a violência. Acho que o conceito de cultura cidadã desenvolvido por Anantas Mockus (ex Prefeito de Bogotá 2001 - 2004) envolvendo as leis do Estado, a moral dos indivíduos e a cultura da sociedade e um paradigma que oferece melhores alternativas para reduzir a violência.

**QUESTÃO Nº 02:** Nos últimos anos essa violência letal tem aumentado. Como o senhor explica isso?

O aumento da violência é resultado do aumento das disputas de territórios por parte do crack.

**QUESTÃO Nº 03:** A violência letal no Brasil, em especial os homicídios, encontra-se concentrada nos grandes centros urbanos e, dentro de cada metrópole, concentram-se nos bairros periféricos. Por que isso ocorre?

Os centros periféricos urbanos são o mercado preferido principalmente (mas não exclusivamente) do crack.

**QUESTÃO Nº 04:** Pesquisas demonstram que a vitimologia dos homicídios apresenta um perfil constante: jovens (entre 15-24 anos), negros, do sexo masculino e moradores de bairros periféricos. A que o senhor atribui tal perfil?

Os jovens marginados veem no tráfico de droga uma “cultura de vida” que pauta todas suas relações sociais e econômicas. Ver estudos antropológicos sobre “a Vida Loca” realizados em Colômbia

**QUESTÃO Nº 05:** Alguns pesquisadores consideram que a pobreza faz aumentar a violência. O senhor concorda com isso? Por quê?

Não. A pobreza é um fator mais não é o elemento central para o aumento da violência. A expansão do tráfico nos setores pobres não implica necessariamente que **todos** os jovens pobres estão no tráfico e são violentos.

**QUESTÃO Nº 06:** Outros dizem que a violência e seu crescimento estão ligados ao avanço do tráfico de drogas. O senhor concorda com isso? Por quê?

Sim concordo. A violência social se expande nos últimos 20 anos no Brasil a partir do ingresso do tráfico no país. Algo similar ocorre em outros países do continente

(Colômbia, México, Guatemala, Peru). A internacionalização do tráfico de drogas em direção de USA e Europa é produto da Globalização.

**QUESTÃO Nº 07:** E que outras causas estariam contribuindo para a violência no Brasil?

Uma polícia repressiva e ineficiente (tanto civil como militar) gera altos níveis de desconfiança da população. A desconfiança da população frente a policia resulta em uma carência total de informação real e verificável por parte da policia para suas ações.

**QUESTÃO Nº 08:** O que o Governo pode e deve fazer para que essa violência letal diminua?

- (a) Mudar seu paradigma de intervenção frente à droga (legalização);
- (b) Reformar a Policia Militar e Civil
- (c) Reformar o Poder Judicial
- (d) Gerar um programa nacional de assistência focalizado nas vitimas não em os agressores
- (e) Criar um programa de polícia comunitária junto com a participação das Igrejas e Clubes Desportivos

**QUESTÃO Nº 09:** Acrescente qualquer informação que ache relevante para a análise do tema, mas não tenha sido objeto das perguntas anteriores.

Ver Informe do Banco Mundial 2012 sobre Violência Urbana.

## **APÊNDICE C - ENTREVISTA COM O MEMBRO DA CÚPULA DA POLÍCIA CIVIL DA BAHIA**

Este roteiro de entrevista é um instrumento de pesquisa que objetiva coletar dados e informações para a elaboração de dissertação exigida com requisito necessário para a conclusão do Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania, da Universidade Católica do Salvador - UCSal. Tem como pesquisadora MARISTELA BARBOSA SANTOS CICERELLI e como Orientadora, Prof<sup>a</sup> INAIA MARIA MOREIRA DE CARVALHO, cujo tema de pesquisa é DISTRIBUIÇÃO SOCIOESPACIAL DA VIOLÊNCIA LETAL NA CIDADE DE SALVADOR/BA.

Os dados e informações registradas neste formulário serão utilizados apenas na confecção da dissertação.

### **PERFIL DO ENTREVISTADO**

**CARGO/FUNÇÃO DO ENTREVISTADO:** DELEGADO DE POLÍCIA CIVIL

**TEMPO NO CARGO/FUNÇÃO:** 22 anos

**ESCOLARIDADE:** Superior

### **DATA, HORÁRIO E LOCAL DA ENTREVISTA:**

01 de agosto, Salvador, BA.

**QUESTÃO Nº 01:** Salvador apresenta altos índices de homicídios por 100 mil habitantes se comparado com os valores considerados aceitáveis mundialmente. A que o senhor atribui isso?

A violência é social, a polícia se desdobra, se aperfeiçoa, utiliza de todos os meios legais disponíveis para conter ações criminosas, consequência de uma série histórica centenária de falta de atenção e estrutura para conter o avanço criminológico.

**QUESTÃO Nº 02:** Nos últimos anos essa violência letal tem aumentado. Como o senhor explica isso?

Aumenta por vários fatores, que se iniciam com o crescimento natural da população, passando pela falta de políticas públicas nas mais diversas áreas.

**QUESTÃO Nº 03:** A violência letal, em especial os homicídios, é diferenciada entre as diversas áreas de Salvador, sendo bem maiores nas AISP do Subúrbio e do Miolo da Cidade, tais como a Aisp 5 – Periperi e a Aisp 11 – Tancredo Neves. Por que isso ocorre?

Pelos motivos elencados acima. Observe que estas são áreas menos favorecidas em diversos aspectos, concentrando um grande número de habitantes, sem as condições mínimas de desenvolvimento.

**QUESTÃO Nº 04:** Pesquisas demonstram que a vitimologia dos homicídios apresenta um perfil constante: jovens (entre 15-24 anos), negros, do sexo masculino e moradores de bairros periféricos. A que o senhor atribui tal perfil?

As pessoas nessa faixa etária que não encontram nenhum tipo de acolhimento e encaminhamento no campo psicossocial, no âmbito de suas comunidades, e não estão inseridas no mercado de trabalho, estão mais sujeitas aos efeitos da violência, traduzida em crimes violentos letais intencionais.

**QUESTÃO Nº 05:** Alguns pesquisadores consideram que a pobreza faz aumentar a violência. O senhor concorda com isso? Por quê?

Acredito que as pessoas menos favorecidas pelas políticas públicas de saúde, educação e cultura, e habitação, engrossam o caldo da violência, mas não diretamente a pobreza.

**QUESTÃO Nº 06:** Outros dizem que a violência e seu crescimento estão ligados ao avanço do tráfico de drogas, inclusive em Salvador. O senhor concorda com isso? Por quê?

O tráfico de drogas é o responsável por um grande movimento, que envolve dinheiro, armas e pessoas. Para manter esse negócio ilícito funcionando recorre-se

às práticas criminosas, tais como homicídios e “sequestros”. Essa rotina existe para que dívidas sejam pagas ou para se dominar determinada área, neste sentido o tráfico de drogas é responsável por um alto percentual de mortes.

**QUESTÃO Nº 07:** E que outras causas estariam contribuindo para a violência em Salvador?

A violência é medida a partir dos índices de homicídios consumados e tentados, e lesões corporais seguida de morte, principalmente, a criminalidade abrange outros aspectos, tais como os crimes contra o patrimônio, furto, roubo, estelionato, etc, essa diferenciação torna-se necessária para possamos planejar ações de polícia específicas.

**QUESTÃO Nº 08:** O que a Administração Pública pode e deve fazer para que essa violência letal diminua?

A Administração Pública, por meio de seus diversos órgãos, deve agir de forma harmônica e integrada, planejando e executando ações em todos os campos.

**QUESTÃO Nº 09:** Acrescente qualquer informação que ache relevante para a análise do tema, mas não tenha sido objeto das perguntas anteriores.

O acompanhamento diário dos registros de ocorrências policiais e a análise criminal dos dados coletados são fatores primordiais para que se definam as áreas mais críticas em relação à violência, em Salvador. Esta pesquisa, aliada aos conhecimentos produzidos pelas demais áreas sistêmicas, formarão a radiografia socioespacial da violência na capital baiana.

## **APÊNDICE D – ENTREVISTA COM INTEGRANTE DO DHPP**

Este roteiro de entrevista é um instrumento de pesquisa que objetiva coletar dados e informações para a elaboração de dissertação exigida com requisito necessário para a conclusão do Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania, da Universidade Católica do Salvador - UCSal. Tem como pesquisadora MARISTELA BARBOSA SANTOS CICERELLI e como Orientadora, Prof<sup>ª</sup> INAIA MARIA MOREIRA DE CARVALHO, cujo tema de pesquisa é DISTRIBUIÇÃO SOCIOESPACIAL DA VIOLÊNCIA LETAL NA CIDADE DE SALVADOR/BA.

Os dados e informações registradas neste formulário serão utilizados apenas na confecção da dissertação.

### **PERFIL DO ENTREVISTADO:**

**CARGO/FUNÇÃO DO ENTREVISTADO:** ASSESSORA DA DIRETORIA/DELEGADA DE POLÍCIA

**TEMPO NO CARGO/FUNÇÃO:** 06 ANOS

**ESCOLARIDADE:** 3º GRAU COM ESPECIALIZAÇÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA

### **DATA, HORÁRIO E LOCAL DA ENTREVISTA:**

**QUESTÃO Nº 01:** Salvador apresenta altos índices de homicídios por 100 mil habitantes se comparado com os valores considerados aceitáveis mundialmente. A que o senhor atribui isso?

A questão do homicídio e seu crescimento no Brasil é altamente complexa, sendo preciso analisar uma série de fatores. No Brasil, país de extrema desigualdade social, de educação deficitária e programas sociais inócuos, a maioria das capitais apresenta índices de homicídios exorbitantes, tomando por base os valores aceitáveis mundialmente. É bem verdade que a capital baiana, a cada ano, vem ocupando colocação mais elevada no ranking nacional de homicídios. Em 2000, por exemplo, ocupávamos o 23º lugar no ranking nacional. 10 anos depois, evoluímos para o 7º.

**QUESTÃO Nº 02:** Nos últimos anos essa violência letal tem aumentado. Como o senhor explica isso?

Na verdade, a violência sempre esteve presente na vida do homem. Não houve um só momento na história da humanidade em que se tenha vivenciado um período de paz extrema. Basicamente, tudo gira em torno dos interesses e a forma ou intensidade utilizada para defendê-los. Independente da posição social, pessoas defendem interesses próprios e não raramente conflitantes. Alimentados pelo sistema de que a violência já faz parte do cotidiano do homem, aliado a uma sensação e quiçá certeza de que 'é fácil safar-se', as pessoas não hesitam em matar para defender seus interesses. Quanto mais conflitos e mais certeza de impunidade, mais episódios de barbárie teremos, o homicídio é o pior deles.

**QUESTÃO Nº 03:** A violência letal, em especial os homicídios, é diferenciada entre as diversas áreas de Salvador, sendo bem maiores nas Aisp do Subúrbio e do Miolo da Cidade, tais como a Aisp 5 – Periperi e a Aisp 11 – Tancredo Neves. Por que isso ocorre?

São as duas áreas de maior densidade demográfica, de população mais carente, e de grande extensão territorial.

**QUESTÃO Nº 04:** Pesquisas demonstram que a vitimologia dos homicídios apresenta um perfil constante: jovens (entre 15-24 anos), negros, do sexo masculino e moradores de bairros periféricos. A que o senhor atribui tal perfil?

**QUESTÃO Nº 05:** Alguns pesquisadores consideram que a pobreza faz aumentar a violência. O senhor concorda com isso? Por quê?

Não há dúvida de que o desemprego, a desigualdade social, a falta de saneamento urbano sentida na pele, bem como de políticas públicas que atinjam os menos favorecidos e a falta de oportunidade e lazer são emocionalmente revoltantes. Tais situações são sofridas, invariavelmente, dentre aqueles que compõem as classes sociais menos abastadas. A impossibilidade de ter aquilo que o "rico" tem, aquilo que, midiaticamente, é imposto como 'necessário', a impossibilidade de galgar bons

postos de trabalho porque a escolaridade oferecida pelo governo é deficitária é revoltante. A dificuldade em conseguir um lugar ao sol quando se tem uma origem humilde, quando se foi mal alimentado, o que consabidamente interfere no raciocínio e desenvolvimento mental do ser humano, são fatores que revoltam aqueles que nesta situação se encontram.

O que esperar destas pessoas? Que elas simplesmente se acomodem e aceitem sua miséria e seu insucesso? Muitos recorrem à criminalidade, até para se autoafirmar, para de alguma forma marcar seu território, serem respeitados e viverem com alguns luxos impossíveis de se conseguir pelos meios tradicionais.

Dados do IPEA corroboram o sobredito. Mais de 10% dos jovens brasileiros vivem em extrema miséria. E, como somos um país jovem e de maioria negra, é de se concluir que a criminalidade ocorrerá com maior frequência entre a população jovem.

**QUESTÃO Nº 06:** Outros dizem que a violência e seu crescimento estão ligados ao avanço do tráfico de drogas, inclusive em Salvador. O senhor concorda com isso? Por quê?

Sim, considerando o binômio criminalidade x violência. Não há dúvidas que a criminalidade aumentou bastante com o avanço do tráfico de drogas. O tráfico de drogas é marcado por sua própria lei, seu próprio método e sua própria penalidade. Desta feita, para manter sua hegemonia o traficante mata aquele que lhe deve, mas não basta apenas matar: é preciso subjugar, agir com crueldade, com barbárie, porque assim se demonstra que a transgressão será punida de forma dolorosa, pois assim vai ser estabelecida a ordem, vai ser conquistado o espaço, vão ser afastados os inimigos e impedir que outros se aproximem.

**QUESTÃO Nº 07:** E que outras causas estariam contribuindo para a violência em Salvador?

Antes de mais nada é preciso esclarecer o seguinte: o problema atual não começa pelo aumento da violência, mas, sim, pelo aumento da criminalidade. A vida moderna, a coisificação do homem, a banalização da violência, a sociopatia, a miséria, a desigualdade social, a falência familiar, o desemprego, a droga e a

vulnerabilidade das instituições fazem com que as pessoas se aproximem mais facilmente do mundo do crime. A conjugação destes fatores faz com que aconteça não apenas a criminalidade, mas potencializa, recheia de tirania a forma como esta criminalidade age. Não há dúvidas de que a criminalidade atualmente está marcada pela violência exacerbada, entender a relação existente entre elas é o grande desafio do século.

**QUESTÃO Nº 08:** O que a Administração Pública pode e deve fazer para que essa violência letal diminua?

É uma questão muito difícil de responder. Trata-se de alterar as políticas públicas urgentemente, disponibilizando boa educação e condições sociais mínimas para evitar o aumento da criminalidade básica. A pobreza e a discriminação aumentam a violência, portanto, devem-se buscar medidas que melhorem as condições socioeconômicas da classe baixa, mas que também atuem na prevenção e repressão da criminalidade.

É preciso desenvolver um elenco de medidas úteis, tendentes a confinar a criminalidade dentro de um patamar preestabelecido e com objetivo atingível, e que esse patamar seja considerado aceitável pelas autoridades públicas e seja suficientemente baixo para não despertar o medo generalizado no seio da população.

**QUESTÃO Nº 09:** Acrescente qualquer informação que ache relevante para a análise do tema, mas que não tenha sido objeto das perguntas anteriores.

## **APÊNDICE E – ENTREVISTA COM OFICIAL DA RESERVA DA PMBA**

Este roteiro de entrevista é um instrumento de pesquisa que objetiva coletar dados e informações para a elaboração de dissertação exigida com requisito necessário para a conclusão do Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania, da Universidade Católica do Salvador - UCSal. Tem como pesquisadora MARISTELA BARBOSA SANTOS CICERELLI e como Orientadora, Prof<sup>ª</sup> INAIA MARIA MOREIRA DE CARVALHO, cujo tema de pesquisa é DISTRIBUIÇÃO SOCIOESPACIAL DA VIOLÊNCIA LETAL NA CIDADE DE SALVADOR/BA.

Os dados e informações registradas neste formulário serão utilizados apenas na confecção da dissertação.

### **PERFIL DO ENTREVISTADO:**

**CARGO/FUNÇÃO DO ENTREVISTADO:** EX CMT GERAL DA PM

**TEMPO NO CARGO/FUNÇÃO:** Dois anos e oito meses

**ESCOLARIDADE:** Superior

### **DATA, HORÁRIO E LOCAL DA ENTREVISTA:**

**QUESTÃO Nº 01:** Salvador apresenta altos índices de homicídios por 100 mil habitantes se comparado com os valores considerados aceitáveis mundialmente. A que o senhor atribui isso?

Acredito que a maior parte dos homicídios que acontecem em Salvador tem relação com o tráfico de drogas, apesar de existir corrente contrária. As estatísticas da SSP constataam pessoas envolvidas com o crime, seja como autores ou vítimas, o que representa aumento nos casos. Além disso, casos de corrupção de agentes penitenciários e a presença de grupos criminosos organizados nos presídios preocupam sempre as autoridades.

**QUESTÃO Nº 02:** Nos últimos anos essa violência letal tem aumentado. Como o senhor explica isso?

Acredito que a violência já esteja institucionalizada pelos sistemas de exploração social, isto é, a violência surda que oprime milhares de pessoas “sem vez” e ainda sem voz. Sei que muitas pessoas e estudiosos tendem a encontrar a origem da criminalidade em outros fatores, como: a miséria, injustiça social, o baixo nível de educação, a baixa qualificação, impunidade, a falta de exemplos, a corrupção, o inchaço das cidades pelo êxodo rural e o envolvimento de alguns policiais com o crime organizado, tudo isso vem contribuindo para o aumento de homicídios.

**QUESTÃO Nº 03:** A violência letal, em especial os homicídios, é diferenciada entre as diversas áreas de Salvador, sendo bem maiores nas Aisp do Subúrbio e do Miolo da Cidade, tais como a Aisp 5 – Periperi e a Aisp 11 – Tancredo Neves. Por que isso ocorre?

Sobre essa questão que envolve população de áreas tidas como pobres, é uma concepção errada que precisa ser corrigida de se atribuir responsabilidade ao pobre pela violência. Para mim o problema está na impunidade, da violência policial e tantos outros que passam, antes de tudo, por uma reavaliação de valores a serem levadas a cabo por uma maior educação da população, pela necessidade de maior inclusão social e pela “cidadanização” dessas pessoas que habitam essas áreas.

**QUESTÃO Nº 04:** Pesquisas demonstram que a vitimologia dos homicídios apresenta um perfil constante: jovens (entre 15-24 anos), negros, do sexo masculino e moradores de bairros periféricos. A que o senhor atribui tal perfil?

A violência contra o jovem negro é parte de um quadro maior de negligência em relação a essa parcela da população. Se formos consultar o censo vamos encontrar nas estatísticas que a maioria dos analfabetos é negra, dos jovens fora da escola, dos desassistidos na saúde. Quando tomamos conhecimento do aumento da violência, vemos a população negra nos presídios e morrendo cada vez mais. Temos que continuar discutindo uma política para essa juventude que não passe só por segurança pública.

**QUESTÃO Nº 05:** Alguns pesquisadores consideram que a pobreza faz aumentar a violência. O senhor concorda com isso? Por quê?

No Quesito de nº 03 já expressei minha opinião. Reforço o meu posicionamento afirmando que se trata de desvio de foco das verdadeiras causas, imputando culpa à pobreza. Não é difícil encontrar nos noticiários e fazer uma interpretação de que a violência está profundamente ligada a questões como: desigualdade social (diferente de pobreza) exclusão social, a impunidade, aí faço uma adendo, as leis precisam de mais rigor e ética no cumprimento. É normal haver a injustiça e o preconceito na aplicação das leis. Pobres e negros lotam os presídios, enquanto uma parcela considerada fora desse conceito continua abusando dos seus privilégios e continua no poder zombando da lei.

**QUESTÃO Nº 06:** Outros dizem que a violência e seu crescimento estão ligados ao avanço do tráfico de drogas, inclusive em Salvador. O senhor concorda com isso? Por quê?

Sim. Ratificando a resposta de nº 01, principalmente com o envolvimento do adolescente que tiver autoestima baixa, pouca referência afetiva e vida difícil, esses adolescentes vão arriscar a própria vida convivendo com traficantes, chefes de quadrilhas e gangues. São justamente esses jovens que cometem crimes mais graves, aumentando as estatísticas. Até mesmo a morte não causaria tanto medo nessas pessoas que não têm perspectiva.

**QUESTÃO Nº 07:** E que outras causas estariam contribuindo para a violência em Salvador?

Salvador, por si só, já é uma cidade desigual. Assim, encontramos os grupos sociais de menor renda distribuídos desigualmente nos espaços urbanos de Salvador e inseridos como parte do seu cotidiano nas áreas mais críticas da cidade, constituindo-se nas maiores vítimas de mortes violentas. Essa situação reforça, portanto, a compreensão de que o cumprimento dos direitos sociais também se distribui de modo desigual, tornando essa camada da população mais vulnerável do que outras.

**QUESTÃO Nº 08:** O que a Administração Pública pode e deve fazer para que essa violência letal diminua?

Na nossa longa caminhada na Polícia Militar já acompanhei várias iniciativas desenvolvidas por diversos atores sociais na cidade para resolver a questão da violência, sem, contudo, terem êxito. Acredito que a trilha mais sensata e inteligente para o combate à violência requer não apenas a participação da Sociedade e do Estado, mas o desenvolvimento consequente, continuado e articulado de políticas públicas, entendidas como ações de governo que produzam resultados e mudanças na vida dos soteropolitanos.

**QUESTÃO N.º 09:** Acrescente qualquer informação que ache relevante para a análise do tema, mas não tenha sido objeto das perguntas anteriores.

A indústria da violência. Como fiz referência nos quesitos anteriores, o crescimento acelerado da violência se faz acompanhar por uma distribuição espacial desigual, cujo ônus recai, sobretudo, nas camadas mais pobres da cidade. O aumento dessa violência força a sociedade a se armar e investir em segurança privada e armada, pressionando e forçando nossos governantes a investirem em armamento para as polícias em nome da segurança, essa é a tática.

## **APÊNDICE F – ENTREVISTA COM OFICIAL DO COMANDO GERAL DA PMBA**

Este roteiro de entrevista é um instrumento de pesquisa que objetiva coletar dados e informações para a elaboração de dissertação exigida com requisito necessário para a conclusão do Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania, da Universidade Católica do Salvador - UCSal. Tem como pesquisadora MARISTELA BARBOSA SANTOS CICERELLI e como Orientadora, Prof<sup>ª</sup> INAIA MARIA MOREIRA DE CARVALHO, cujo tema de pesquisa é DISTRIBUIÇÃO SOCIOESPACIAL DA VIOLÊNCIA LETAL NA CIDADE DE SALVADOR/BA.

Os dados e informações registradas neste formulário serão utilizados apenas na confecção da dissertação.

### **PERFIL DO ENTREVISTADO:**

**CARGO/FUNÇÃO DO ENTREVISTADO:** CEL PM

**TEMPO NO CARGO/FUNÇÃO:** 38 anos de serviço

**ESCOLARIDADE:** NÍVEL SUPERIOR / ESPECIALIZAÇÃO

### **DATA, HORÁRIO E LOCAL DA ENTREVISTA:**

31/07/13, 14h00, QUARTEL DO COMANDO GERAL DA PMBA

**QUESTÃO Nº 01:** Salvador apresenta altos índices de homicídios por 100 mil habitantes se comparado com os valores considerados aceitáveis mundialmente. A que o senhor atribui isso?

Toda grande metrópole tende a sofrer com o constante aumento da violência e da criminalidade (cidades pequenas sofrem bem menos), em razão da potencialização de diversas situações de conflitualidades que ocorre quando o crescimento populacional não é acompanhado pelo desenvolvimento regional e urbano.

Em sua tese de doutorado, sobre *Criminalidade nas Cidades Centrais da Bahia*, o professor João Apolinário da Silva (2010, p. 192) afirma que:

A centralidade esperada da cidade no território baiano reuniu uma concentração populacional maior que a capacidade de atendimento dos serviços prestados. Essa

desigualdade, decorrente da macrocefalia urbana, produziu grande desequilíbrio da oferta e demanda, resultando em dificuldades de sobrevivência nos espaços urbanos. Além disso, nova população residente não tem trabalho suficiente para obtenção necessária para o consumo, agravando mais a complexidade das relações sociais nesses centros urbanos.

Portanto, apesar das causas da violência e da criminalidade serem múltiplas, creio que no nosso caso (Salvador), um dos fatores de maior preponderância é a desigualdade social ainda existente, que, por sua vez, possui desdobramentos que também muito contribuem para esse quadro, a exemplo do problema do crack.

**QUESTÃO Nº 02:** Nos últimos anos essa violência letal tem aumentado. Como o senhor explica isso?

Como disse no final da questão anterior, pelo que vejo nos estudos e dados estatísticos, percebo que esse aumento está bastante influenciado pelas disputas por espaço que vêm sendo travadas pelo tráfico de drogas em alguns pontos da cidade, além do aumento assustador do uso do crack, principalmente pela população jovem e pobre.

**QUESTÃO Nº 03:** A violência letal, em especial os homicídios, é diferenciada entre as diversas áreas de Salvador, sendo bem maiores nas Aisp do Subúrbio e do Miolo da Cidade, tais como a Aisp 5 – Periperi e a Aisp 11 – Tancredo Neves. Por que isso ocorre?

São justamente algumas das regiões mais pobres da capital, o que reforça o que respondemos na questão 1. Não se trata, em hipótese alguma, de criminalizar a pobreza, longe disso, mas sim de apontar, mais uma vez, a desigualdade social como uma das principais causas da violência, no nosso contexto local.

Sendo assim, essas regiões acabam se tornando um campo fértil para a ocorrência de criminalidade violenta, como explicam Inácio Cano e Nilton Santos (2007, p. 86), referindo-se a dados de 1997.

A questão da relação entre pobreza e desigualdade, por um lado, e homicídios, por outro, está longe de ser resolvida e é necessário aprofundar mais as pesquisas. Além do mais, os dados agregados disponíveis permitem apenas um teste indireto

da hipótese. No entanto, as análises ecológicas até este momento no Brasil mostram uma forte relação entre a pobreza e a violência letal nas cidades.

A violência do tráfico de drogas, o uso de drogas inquietantes e que causam agressividade, o desemprego, o arranjo territorial desorganizado e com pouca assistência social, dentre outros fatores, terminam gerando um clima de insegurança ainda maior nesses lugares.

**QUESTÃO Nº 04:** Pesquisas demonstram que a vitimologia dos homicídios apresenta um perfil constante: jovens (entre 15-24 anos), negros, do sexo masculino e moradores de bairros periféricos. A que o senhor atribui tal perfil?

Infelizmente, este é o perfil da parte da população que mais sofre no nosso país. Muito provavelmente, ainda como um reflexo da nossa formação social e econômica, desde a colonização, a dívida do Brasil com essa fatia de sua sociedade ainda não foi quitada, e isto acaba por contribuir para essa triste realidade, como já referido nas questões 1 e 3.

**QUESTÃO Nº 05:** Alguns pesquisadores consideram que a pobreza faz aumentar a violência. O senhor concorda com isso? Por quê?

Não concordo que a pobreza em si faz aumentar a violência, porque isto seria criminalizar a pobreza, ou seja, criar o “pré” conceito de que todo pobre tenderia a ser violento/criminoso, o que se constituiria numa grande leviandade, algo completamente descabido e impossível, já que conhecemos diversos casos de ricos violentos, de pessoas que, mesmo possuindo uma vida abastada, praticaram crimes bárbaros.

Como disse no final da questão 1 e discorri na questão 3, o problema não reside na pobreza em si, mas na desigualdade social vigente na nossa capital, ou seja, a heterogeneidade e a discrepância econômica exacerbada que se mostra muito clara em nosso território, o qual está praticamente dividido por muros invisíveis que separam os ricos dos pobres; a centralidade abastada da capital do subúrbio, o que potencializa a ocorrência de conflitualidades, tudo isso sob forte influência de alguns valores humanos capitalistas deturpados, como a preponderância do “ter” sobre o “ser”, e o “ter” sempre mais e melhor que o outro.

**QUESTÃO Nº 06:** Outros dizem que a violência e seu crescimento estão ligados ao avanço do tráfico de drogas, inclusive em Salvador. O senhor concorda com isso? Por quê?

Sim. Os números indicam que boa parte dos crimes violentos letais intencionais em Salvador possui ligação direta com o tráfico de drogas, e isto se explica pela violência com que se dá a disputa por espaços perdidos por alguém que foi preso ou morto em confronto com a Polícia, ou por novos espaços. A situação de degradação de valores é tamanha, que os próprios envolvidos nessa “guerra particular” falam que estão ali para “matar ou morrer”.

**QUESTÃO Nº 07:** E que outras causas estariam contribuindo para a violência em Salvador?

A desigualdade social ainda vigente; o estado de degradação dos espaços públicos do município; e o alto índice de impunidade. Para mim, estas seriam causas a serem prevenidas com ações de longo prazo, prioritariamente.

**QUESTÃO Nº 08:** O que a Administração Pública pode e deve fazer para que essa violência letal diminua?

Trabalhar com o conceito de governança no enfrentamento do problema. Esta tem sido uma experiência bem sucedida em alguns Estados que conseguiram reduzir os seus índices de CVLI, a exemplo de Pernambuco, cujo conceito do Programa Pacto pela Vida foi trazido para o Estado da Bahia.

O conceito de governança tem um sentido mais amplo que o de governo, na medida em que considera que os serviços públicos são providos por uma *network* organizacional complexa. Governança diz respeito, portanto, ao gerenciamento de redes, ao gerenciamento dos nexos e relações estabelecidos entre as organizações” (SAPORI, 2007, p. 74).

Em outras palavras, Gilberto Dias (2008, p. 169) explica que: As soluções para os problemas da criminalidade devem ser ações pertinentes que envolvam as esferas municipais, estaduais e federais, relativas às agências de segurança pública e privada, aos sistemas judiciário e penal, e participação da sociedade.

Ou seja, lidar com o problema da violência e da criminalidade exige muita sinergia e integração entre os órgãos públicos (Executivo, Judiciário, Legislativo, Ministério Público, Defensoria Pública, nas dimensões da União, Estados e Municípios), sociedade civil organizada (Família, Escola, Igreja, Conselhos Comunitários, ONGs etc.) e iniciativa privada (Comércio, Indústria etc.), como também defende o professor Jorge da Silva (2008, p. 113): O crime e a violência são fenômenos sociopolíticos, presentes em qualquer sociedade, e não uma patologia a ser extirpada a qualquer custo. O seu enfrentamento há de ser feito em conjunto pelo poder público e pela sociedade civil; Mantidos imutáveis os elementos que condicionam a criminalidade nos grandes centros brasileiros, como a concentração de renda, o desemprego, a discriminação etc., esta tenderá sempre a aumentar, por mais eficientes que sejam os esforços do sistema de justiça e segurança.

Esse último autor ainda defende que: Independente da repressão policial-penal e da presença ostensiva da polícia, importa saber o que fazer para evitar que os jovens enveredem pela senda do crime; que os contingentes de criminosos potenciais aumentem, inclusive por falta de alternativas (SILVA, 2008, p. 115).

Portanto, esse trabalho integrado dever estar focado na prevenção social do crime e na mediação de conflitos, fazendo uso da repressão qualificada apenas nos casos pontuais mais graves, a exemplo do crime “organizado”.

**QUESTÃO Nº 09:** Acrescente qualquer informação que ache relevante para a análise do tema, mas não tenha sido objeto das perguntas anteriores.

É nesse panorama que o Programa Pacto pela Vida se insere. Instituído no Estado da Bahia por meio da Lei nº 12.357, de 26 de setembro de 2011, sua finalidade é promover a redução da criminalidade e da violência, com ênfase na prevenção e combate aos crimes violentos letais intencionais – CVLI. Para atingir esse objetivo, os projetos estruturantes-piloto, por instituição, foram: a) criação de Bases Comunitárias de Segurança – BCS (Polícia Militar), com o espírito de reaproximar a Polícia da sociedade; b) criação do Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa – DHPP (Polícia Civil), agregando em um só lugar a apuração dos CVLI ocorridos na capital, para aprimorar e agilizar a investigação criminal; e c) interiorização da perícia forense (Departamento de Polícia Técnica), com vistas a melhor subsidiar a investigação criminal em todo o Estado.

Os resultados já se mostram favoráveis, animadores e promissores, como a redução dos CVLI em cerca de 10%, na comparação entre o primeiro semestre de 2013 e o mesmo período de 2012. A consolidação, no entanto, só poderá vir a longo prazo, desde que haja continuidade na sua execução, e foi por isso que o referido programa foi instituído por lei, no contexto do Sistema de Defesa Social, a fim de não ser caracterizado simplesmente como política governamental, mas como política de Estado.

## **APÊNDICE G - ENTREVISTA COM COORDENADOR GERAL DO MCPS**

Este roteiro de entrevista é um instrumento de pesquisa que objetiva coletar dados e informações para a elaboração de dissertação exigida com requisito necessário para a conclusão do Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania, da Universidade Católica do Salvador - UCSal. Tem como pesquisadora MARISTELA BARBOSA SANTOS CICERELLI e como Orientadora, Prof<sup>ª</sup> INAIA MARIA MOREIRA DE CARVALHO, cujo tema de pesquisa é DISTRIBUIÇÃO SOCIOESPACIAL DA VIOLÊNCIA LETAL NA CIDADE DE SALVADOR/BA.

Os dados e informações registradas neste formulário serão utilizados apenas na confecção da dissertação.

### **PERFIL DO ENTREVISTADO:**

**CARGO/FUNÇÃO DO ENTREVISTADO:** COORDENADOR GERAL DO MCPS – MOVIMENTO DE CULTURA POPULAR DO SUBÚRBIO

**TEMPO NO CARGO/FUNÇÃO:** 04 (quatro) anos

**ESCOLARIDADE:** 3<sup>º</sup> GRAU COMPLETO – TECNÓLOGO EM GESTÃO AMBIENTAL – FUNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR

### **DATA, HORÁRIO E LOCAL DA ENTREVISTA:**

28 de julho de 2013, 14h30min, Subúrbio Ferroviário – Sede do MCPS

**QUESTÃO Nº 01:** Salvador apresenta alto número de assassinatos (homicídios) se comparado com outras cidades do mundo. A que o senhor atribui isso?

As cidades que detêm um número elevado de homicídios apresentam características comuns: baixo índice de Desenvolvimento Humano – IDH. Assim, é possível afirmar que a precarização, sobretudo da educação, um dos aspectos que são norteadores para a construção do IDH, favorece consideravelmente o alto número de homicídio identificado em Salvador, pois, quanto menos instruída a população de uma determinada metrópole, mais vulnerável ela fica para a prática da criminalidade.

**QUESTÃO Nº 02:** O senhor acha que o número de mortes tem aumentado nos últimos anos? Se sua resposta for sim, por que o senhor acha que isso está acontecendo?

Sim. A equivocada política de segurança pública do estado da Bahia contribui diretamente para o aumento de homicídio na capital baiana. Tal política traz como fator preponderante a repressão, que se dispõe a agir sobre as consequências. Na minha visão, a política de segurança deve atuar prioritariamente sobre as causas.

**QUESTÃO Nº 03:** Dados mostram que a maioria dos assassinatos ocorre em bairros carentes de Salvador, como Periperi e Tancredo Neves. Por que o senhor acha que as mortes são maiores neste bairro?

A violência imposta pelo poder público aos bairros “carentes” de Salvador é a maior razão de estas localidades apresentarem elevado índice de homicídio, ou seja, quando o Estado exerce seu papel, de promotor de Direitos, de modo muito insuficiente, deixando as comunidades desses bairros jogadas a própria sorte, está cometendo violência, e o reflexo de toda violência é mais violência.

**QUESTÃO Nº 04:** A maioria das pessoas mortas é jovem (entre 15-24anos), negra, do sexo masculino e mora em bairro periférico. Por que o senhor acha que eles morrem mais?

Isto porque poucos admitem, mas os dados revelam que o racismo está entranhado em nosso dia-a-dia. Percebe-se, com facilidade, o tratamento diferenciado que a justiça brasileira tem dado quando a vítima é um jovem branco de classe média.

**QUESTÃO Nº 05:** O senhor acha que a pobreza faz aumentar a violência? Por quê?

A pobreza não faz violência. Acreditar diferente disso é achar que o fato de nascer desprovido de recurso financeiro estaria condicionado a ser promotor de violência. Se fizermos um simples esforço de análise, veremos que a maioria esmagadora das comunidades desassistidas é composta de pessoas de bem. Cidadãs e Cidadãos que apesar de toda adversidade, levam suas vidas com toda a dignidade.

**QUESTÃO Nº 06:** Algumas pessoas acham que o crescimento da violência está ligado ao avanço do tráfico de drogas. O senhor concorda com isso? Por quê?

Não. Como dito antes, está ligada a política equivocada do Estado. Pois se há avanço de tráfico de drogas, há a inoperância dos governos em permitir tal avanço. O crescimento do tráfico está ligado à corrupção. É preciso entender que quem mais ganha com o avanço das drogas não é o favelado.

**QUESTÃO Nº 07:** E que outras causas estariam contribuindo para a violência em Salvador?

A falta de uma política de segurança que atuasse no campo da prevenção, ou seja, que colocasse nos bairros populares grandes equipamentos de promoção da arte, da cultura, do esporte. Que ofertasse capacitação profissional, que melhorasse as escolas, os postos de saúde, enfim.

**QUESTÃO Nº 08:** O que o Governo pode fazer para diminuir as mortes?

Corrigir sua equivocada política de segurança pública.

**QUESTÃO Nº 09:** Como está a violência no seu bairro? Fale um pouco sobre ele.

Também como dito antes, a maior violência no bairro que eu moro, Plataforma, é ocasionada pelo poder público. Os serviços públicos aqui estão muito precarizados. Além disso, a violência policial é outro fator de destaque em minha comunidade.

**QUESTÃO Nº 10:** Acrescente qualquer informação que ache relevante para a análise do tema, mas que não tenha sido objeto das perguntas anteriores.

Faço parte de um grupo de pessoas que utiliza seu dia-a-dia na promoção de oportunidades, sobretudo, para os jovens. Assim como eu, existem vários atores que estão dando sua contribuição para que, inclusive, os índices relacionados à violência sejam piores. Outro fator que julgo importante é o fato de está numa instituição, o MCPS, que exerce o embate com o poder público no sentido de cobrar efetivação de

políticas públicas capazes de reverter os indicadores desfavoráveis observados nas comunidades desassistidas. Contudo, tenho também a convicção de que a redução da problemática, objeto deste estudo, não é simplesmente de competência do poder público. Cabe a cada um de nós assumirmos a responsabilidade e dar nossa contribuição para a redução dos índices aqui narrados.

## **APÊNDICE H – ENTREVISTA COM O DIRETOR DO CEUAL**

Este roteiro de entrevista é um instrumento de pesquisa que objetiva coletar dados e informações para a elaboração de dissertação exigida com requisito necessário para a conclusão do Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania, da Universidade Católica do Salvador - UCSal. Tem como pesquisadora MARISTELA BARBOSA SANTOS CICERELLI e como Orientadora, Prof<sup>ª</sup> INAIA MARIA MOREIRA DE CARVALHO, cujo tema de pesquisa é DISTRIBUIÇÃO SOCIOESPACIAL DA VIOLÊNCIA LETAL NA CIDADE DE SALVADOR/BA.

Os dados e informações registradas neste formulário serão utilizados apenas na confecção da dissertação.

### **PERFIL DO ENTREVISTADO:**

**CARGO/FUNÇÃO DO ENTREVISTADO:** DIRETOR DO CENTRO ESPÍRITA UNIÃO, AMOR E LUZ – CEUAL

**TEMPO NO CARGO/FUNÇÃO:** 20 anos

**ESCOLARIDADE:** ENGENHEIRO QUÍMICO – EPUFBA 1977, PÓS-GRADUADO EM ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS – EAUFBA 1996 E MESTRE EM GESTÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO – CIAGS/UFBA, 2011

### **DATA, HORÁRIO E LOCAL DA ENTREVISTA:**

30/07/2013, 11h, sala da diretoria do CEUAL, localizado na Rua Três Irmãos, 161, Nordeste de Amaralina.

**QUESTÃO Nº 01:** Salvador apresenta alto número de assassinatos (homicídios) se comparado com outras cidades do mundo. A que o senhor atribui isso?

- a) Abordagem de confronto entre polícia e população;
- b) Ausência de serviços básicos típicos de Estado;
- c) Ausência de alternativas para o público jovem, como programas estruturados de esportes, artes e cidadania;
- d) Alta concentração de renda;
- e) Baixa oferta de empregos;

f) Ausência de planejamento urbano (Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano).

**QUESTÃO Nº 02:** O senhor acha que o número de mortes tem aumentado nos últimos anos? Se sua resposta for sim, por que o senhor acha que isso está acontecendo?

- a) Aumento e diversificação do tráfico de drogas, principalmente o crack, hoje considerado uma pandemia mundial onde o Brasil é o líder;
- b) Desconexão e incompetência no relacionamento entre Prefeitura Municipal de Salvador e Governo do Estado, bem como entre os Poderes Legislativo, Executivo e Judiciário nos níveis estadual e municipal (O TJBA está sob suspeição no Conselho Nacional de Justiça);
- c) Paralisação quase completa dos serviços públicos municipais, justamente aqueles que mais impactam a população, principalmente as pessoas mais carentes e que residem em bairros populosos afastados do centro da cidade;
- d) Desintegração entre as polícias civil e militar e baixo foco em ações de inteligência em substituição às costumeiras “batidas policiais”, com muito alarido e baixa eficácia. Ressalte-se aqui a mudança que vem ocorrendo na gestão do atual secretário Maurício Barbosa que entendeu estas carências e vem implementando uma nova abordagem na valorização destes aspectos inclusive na aproximação polícia-comunidade, as UPP's da Bahia.

**QUESTÃO Nº 03:** Dados mostram que a maioria dos assassinatos ocorre em bairros carentes de Salvador, como Periperi e Tancredo Neves. Por que o senhor acha que as mortes são maiores neste bairro?

Pelas razões apresentadas acima.

**QUESTÃO Nº 04:** A maioria das pessoas mortas é jovem (entre 15-24 anos), negra, do sexo masculino e mora em bairro periférico. Por que o senhor acha que eles morrem mais?

Porque este grupo social é o mais exposto aos eventos acima referidos.

**QUESTÃO Nº 05:** O senhor acha que a pobreza faz aumentar a violência? Por quê?

Não necessariamente. Está provado, com exemplos em varias cidades do mundo, como Bogotá, Medellín, Nova Iorque, que o fator crítico de sucesso no combate à violência e redução da sensação de impunidade é a presença dos serviços do Estado próximo ao cidadão.

**QUESTÃO Nº 06:** Algumas pessoas acham que o crescimento da violência está ligado ao avanço do tráfico de drogas. O senhor concorda com isso? Por quê?

Respondi que sim na pergunta 1. As guerras para a ocupação de pontos de distribuição e os enfrentamentos com a polícia causam as mortes.

**QUESTÃO Nº 07:** E que outras causas estariam contribuindo para a violência em Salvador?

Já respondi.

**QUESTÃO Nº 08:** O que o Governo pode fazer para diminuir as mortes?

Já respondi.

**QUESTÃO Nº 09:** Como está a violência no seu bairro? Fale um pouco sobre ele.

O Nordeste de Amaralina é uma região que contempla os bairros de Santa Cruz, Chapada do Rio Vermelho, Vale das Pedrinhas e Nordeste propriamente dito. Habitam esta região, aproximadamente, 100.000 pessoas, em uma ocupação completamente irregular, o que dificulta os acessos e estimula a clandestinidade e o uso informal de serviços públicos como água, luz e telefone. As habitações são construídas em mutirão na técnica do puxadinho, por pessoas sem qualquer habilitação e não há legalização fundiária em toda a região. Aqui proliferam os contratos de boca ou escritos de compra e venda, sem qualquer possibilidade de escritura ou posse legal, necessitando ação urgente da prefeitura a exemplo do realizado no bairro da Paz.

A instalação da Base de polícia comunitária reduziu o número de homicídios e resgatou parcialmente, talvez uns 70% o livre ir e vir na comunidade, antes totalmente dominado pelo tráfico de drogas. A oferta de escolas é boa em quantidade e como em todo o Brasil, carente em qualidade. Há muitas iniciativas e projetos sociais em andamento e foi instalado um balcão de cidadania que atende e esclarece os direitos dos cidadãos. A população é alvo do assédio de políticos de todos os partidos e as associações de moradores e outras ONG's têm sofrido forte influência destes aspectos.

**QUESTÃO Nº 10:** Acrescente qualquer informação que ache relevante para a análise do tema, mas que não tenha sido objeto das perguntas anteriores.

Ressalto a importância do trabalho em rede para que possamos, junto com universidades, Estado, ONGs e empresas, realizar um trabalho que ajude a melhorar a qualidade de vida da nossa população.

## **APÊNDICE I – ENTREVISTA COM EMPRESÁRIO E MEMBRO DE PROJETO SOCIAL DA PENÍNSULA DE ITAPAGIPE**

Este roteiro de entrevista é um instrumento de pesquisa que objetiva coletar dados e informações para a elaboração de dissertação exigida com requisito necessário para a conclusão do Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania, da Universidade Católica do Salvador - UCSal. Tem como pesquisadora MARISTELA BARBOSA SANTOS CICERELLI e como Orientadora, Prof<sup>a</sup> INAIA MARIA MOREIRA DE CARVALHO, cujo tema de pesquisa é DISTRIBUIÇÃO SOCIOESPACIAL DA VIOLÊNCIA LETAL NA CIDADE DE SALVADOR/BA.

Os dados e informações registradas neste formulário serão utilizados apenas na confecção da dissertação.

### **PERFIL DO ENTREVISTADO:**

**CARGO/FUNÇÃO DO ENTREVISTADO:** EMPRESÁRIO

**TEMPO NO CARGO/FUNÇÃO:** 30 (trinta anos)

**ESCOLARIDADE:** TÉCNICO EM ADMINISTRAÇÃO

**DATA, HORÁRIO E LOCAL DA ENTREVISTA:** 01/08/13, 14h05min, via e-mail

**QUESTÃO Nº 01:** Salvador apresenta altos índices de homicídios por 100 mil habitantes se comparado com os valores considerados aceitáveis mundialmente. A que o senhor atribui isso?

O aumento considerável da população, gerando bolsões de miséria nas periferias das cidades e se destacando as grandes metrópoles, alinhado a falta de compromisso dos governantes em investimento social nessas áreas, investimentos estes com geração de empregos, saúde, educação, segurança, não capacitando os jovens, com cursos profissionalizantes, é que está causando todo esse transtorno social, pois, políticas perversas são geradas por políticos sem visão social.

**QUESTÃO Nº 02:** Nos últimos anos essa violência letal tem aumentado. Como o senhor explica isso?

Tudo se resume ao fato da falta de investimento social nas camadas mais carentes da nossa sociedade. Temos visto, ultimamente, jovens de 10 a 17 anos praticando todo tipo de agressão social, que se resume em trancá-los em cubículos sujos e sem nenhuma condição de socialização, tornando-os ainda mais agressivos quando liberados.

**QUESTÃO Nº 03:** A violência letal, em especial os homicídios, é diferenciada entre as diversas áreas de Salvador, sendo bem maiores nas Aisp do Subúrbio e do Miolo da Cidade, tais como a Aisp 5 – Periperi e a Aisp 11 – Tancredo Neves. Por que isso ocorre?

A violência nos dias de hoje são geradas por tudo que já foi comentado nas questões anteriores, ou seja, teremos que gerar uma classe política formada por homens capazes de ter uma visão social ampla voltada para o bem estar de todos.

**QUESTÃO Nº 04:** Pesquisas demonstram que a vitimologia dos homicídios apresenta um perfil constante: jovens (entre 15-24 anos), negros, do sexo masculino e moradores de bairros periféricos. A que o senhor atribui tal perfil?

Ao preconceito, à falta de investimento em educação e geração de emprego. Ou seja: falta de uma política social plena.

**QUESTÃO Nº 05:** Alguns pesquisadores consideram que a pobreza faz aumentar a violência. O senhor concorda com isso? Por quê?

Plenamente, conforme assinalo nas questões anteriores.

**QUESTÃO Nº 06:** Outros dizem que a violência e seu crescimento estão ligados ao avanço do tráfico de drogas, inclusive em Salvador. O senhor concorda com isso? Por quê?

A questão do tráfico e do uso de drogas, também é decorrente da falta de assistência aos jovens que veem nas drogas a oportunidade do ganho fácil e terminam se tornando um consumidor e ingressando na marginalidade, também se tornando vítima dela.

**QUESTÃO Nº 07:** E que outras causas estariam contribuindo para a violência em Salvador?

Tudo se volta para a falta de investimento nas áreas de maior pobreza não só em Salvador, como em todas as cidades de médio e grande porte do Brasil.

**QUESTÃO Nº 08:** O que a Administração Pública pode e deve fazer para que essa violência letal diminua?

Investimento em Saúde, Educação, Segurança e Geração de empregos.

**QUESTÃO Nº 09:** Acrescente qualquer informação que ache relevante para a análise do tema, mas não tenha sido objeto das perguntas anteriores.

A reforma política, judicial e social desse país se faz por demais urgente para que possamos ter um Brasil mais justo.

## **APÊNDICE J – ENTREVISTA COM DIRETOR DE PRODUÇÃO E MILITANTE DE MOVIMENTOS SOCIAIS**

Este roteiro de entrevista é um instrumento de pesquisa que objetiva coletar dados e informações para a elaboração de dissertação exigida com requisito necessário para a conclusão do Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania, da Universidade Católica do Salvador - UCSal. Tem como pesquisadora MARISTELA BARBOSA SANTOS CICERELLI e como Orientadora, Prof<sup>a</sup> INAIA MARIA MOREIRA DE CARVALHO, cujo tema de pesquisa é DISTRIBUIÇÃO SOCIOESPACIAL DA VIOLÊNCIA LETAL NA CIDADE DE SALVADOR/BA.

Os dados e informações registradas neste formulário serão utilizados apenas na confecção da dissertação.

### **PERFIL DO ENTREVISTADO:**

**CARGO/FUNÇÃO DO ENTREVISTADO:** DIRETOR DE PRODUÇÃO E MILITANTE DE MOVIMENTOS SOCIAIS

**TEMPO NO CARGO/FUNÇÃO:** 10 anos

**ESCOLARIDADE:** ENSINO MÉDIO

**DATA, HORÁRIO E LOCAL DA ENTREVISTA:**

02/08/2013 às 13h05

**QUESTÃO Nº 01:** Salvador apresenta alto número de assassinatos (homicídios) se comparado com outras cidades do mundo. A que o senhor atribui isso?

Falta de Segurança Pública.

**QUESTÃO Nº 02:** O senhor acha que o número de mortes tem aumentado nos últimos anos? Se sua resposta for sim, por que o senhor acha que isso está acontecendo?

Por causa do crescente envolvimento dos jovens com o mundo das drogas e a precariedade em que se encontra a saúde.

**QUESTÃO Nº 03:** Dados mostram que a maioria dos assassinatos ocorre em bairros carentes de Salvador, como Periperi e Tancredo Neves. Por que o senhor acha que as mortes são maiores neste bairro?

Devido ao abandono por parte dos poderes públicos.

**QUESTÃO Nº 04:** A maioria das pessoas mortas é jovem (entre 15-24anos), negra, do sexo masculino e mora em bairro periférico. Por que o senhor acha que eles morrem mais?

Por causa do descaso com a população pobre das periferias e o racismo.

**QUESTÃO Nº 05:** O senhor acha que a pobreza faz aumentar a violência? Por quê?

Sim, pois o apelo da mídia de consumo é muito grande e ainda tem a cultura das marcas o que leva os jovens pobres se envolverem com atos ilícitos para adquirir recursos para se vestir de acordo com a turma.

**QUESTÃO Nº 06:** Algumas pessoas acham que o crescimento da violência está ligado ao avanço do tráfico de drogas. O senhor concorda com isso? Por quê?

Sim, porque sabemos que esse é um meio “fácil” de conseguir grana. Tendo em vista que o jovem que trabalha no tráfico faz seu próprio horário, trabalha perto de casa, não precisa de capital inicial pra entrar no negócio, andado em dias tem sua linha de crédito garantida entre outras vantagens tem garantida a oferta e a procura. Porém, um só deslize e esses jovens entram na lista das estatísticas das vítimas das drogas.

**QUESTÃO Nº 07:** E que outras causas estariam contribuindo para a violência em Salvador?

A falta de segurança pública e de compromisso social dos poderes públicos para com a população mais carente das periferias.

**QUESTÃO N° 08:** O que o Governo pode fazer para diminuir as mortes?  
Oferecer segurança, melhorar a educação, dar mais condição de trabalho...

**QUESTÃO N° 09:** Como está a violência no seu bairro? Fale um pouco sobre ele.

Na minha comunidade não há um índice alto de violência, porém, quando acontece algo, sempre é de grande repercussão.

**QUESTÃO N° 10:** Acrescente qualquer informação que ache relevante para a análise do tema, mas que não tenha sido objeto das perguntas anteriores.

A falta da educação doméstica, a liberdade sexual, a internet e toda essa modernidade que favorece ao jovem o acesso a todos os conhecimentos, sem um controle, contribuem para o ingresso no mundo da violência.

## **ANEXOS**

## ANEXO A – TABELAS ESTATÍSTICAS DE HOMICÍDIOS DOLOSOS EM SALVADOR 2010, 2011 E 2012



GOVERNO DA BAHIA  
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA  
POLÍCIA CIVIL DA BAHIA  
COORDENAÇÃO DE DOCUMENTAÇÃO E ESTATÍSTICA POLICIAL



Registros de Ocorrências Policiais de Homicídio Doloso em Salvador

Período: Janeiro a Dezembro de 2010

RECORTES	ÁREA																TOTAL
	1º AISP Centro	2º AISP Liberdade	3º AISP Bonfim	4º AISP São Caetano	5º AISP Peripet	6º AISP Brotaç	7º AISP Rio Vermelho	8º AISP CIA	9º AISP Boa do Rio	10º AISP Pau da Lima	11º AISP Tancredo Neves	12º AISP Napua	13º AISP Cajazeiras	14º AISP Barra	16º AISP Nordeste	18º AISP Pituba	
<b>SEXO</b>	32	123	105	158	251	80	40	170	55	153	183	113	105	7	57	7	1.639
Masculino	27	116	99	140	231	70	39	156	51	147	176	111	96	6	52	7	1.524
Feminino	5	7	6	18	20	10	1	11	4	6	6	2	9	1	5	-	111
Não Informado	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	1	-	-	-	-	-	4
<b>LOCAL</b>	32	123	105	158	251	80	40	170	55	153	183	113	105	7	57	7	1.639
Interior de Casa Comercial	-	2	1	1	2	3	-	-	-	-	2	1	1	-	-	1	14
Interior de Coletivo	-	-	-	1	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	3
Interior de Veículo	-	2	2	2	1	2	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	11
Outros	3	3	4	14	3	-	1	6	1	5	3	10	2	-	-	2	57
Presídio	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Residência	2	5	4	6	9	13	3	6	4	8	10	13	9	2	6	1	101
Via Pública	27	111	94	134	236	62	36	158	49	137	168	88	93	5	51	3	1.452
<b>MEIO EMPREGADO</b>	32	123	105	158	251	80	40	170	55	153	183	113	105	7	57	7	1.639
Arma Branca	7	4	6	5	28	2	1	11	3	8	8	12	4	1	-	-	100
Arma de Fogo	21	115	88	148	209	75	38	117	51	137	167	85	90	4	57	7	1.409
Carbonizado	-	-	-	-	-	-	-	3	-	1	2	2	-	-	-	-	8
Espancamento	-	1	-	-	-	-	-	1	-	1	-	1	-	-	-	-	4
Estrangulamento	-	1	1	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	4
Instrumento Contundente	-	1	2	-	1	1	-	1	-	1	-	-	2	-	-	-	9
Instrumento Perfuro Contundente	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Instrumento Perfuro Cortante	-	-	1	-	1	-	-	-	1	-	-	1	1	-	-	-	5
Linchamento	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	2
Outros	4	1	6	5	11	2	1	35	-	4	6	12	8	2	-	-	97

Registros de Ocorrências Policiais de Homicídio Doloso em Salvador

Período: Janeiro a Dezembro de 2010

RECORTES	ÁREA																TOTAL
	1º AISP Centro	2º AISP Liberdade	3º AISP Bonfim	4º AISP São Caetano	5º AISP Periperi	6º AISP Brofoc	7º AISP Rio Vermelho	8º AISP CIA	9º AISP Boa do Rio	10º AISP Pau da Lima	11º AISP Tancredo Neves	12º AISP Itapuã	13º AISP Cajazeiras	14º AISP Barra	15º AISP Nordeste	16º AISP Pituba	
<b>DIA DA SEMANA</b>	32	123	105	158	251	80	40	170	55	153	183	113	105	7	57	7	1.639
Domingo	5	26	22	33	51	12	11	32	15	28	33	24	19	-	15	-	326
Segunda-Feira	4	11	14	16	31	7	3	29	7	26	21	14	10	1	10	2	206
Terça-Feira	6	18	10	10	31	11	3	21	4	18	20	21	16	2	5	-	196
Quarta-Feira	4	11	14	26	18	12	3	14	7	15	26	16	10	1	9	1	187
Quinta-Feira	6	15	9	26	35	14	9	23	4	13	23	12	15	-	7	-	211
Sexta-Feira	4	14	26	27	39	12	5	23	4	26	25	15	19	2	5	-	246
Sábado	3	28	10	20	46	12	6	28	14	27	35	11	16	1	6	4	267
<b>POSSÍVEL MOTIVAÇÃO</b>	32	123	105	158	251	80	40	170	55	153	183	113	105	7	57	7	1.639
A definir	12	67	64	94	121	47	13	122	26	74	16	62	61	3	9	2	793
Ambição	-	1	-	2	3	-	-	-	1	-	2	-	1	-	1	1	12
Outros	15	35	23	55	74	29	8	46	21	66	8	47	31	3	6	4	469
Passional	-	4	2	2	3	-	-	1	2	-	4	-	1	-	2	-	21
Quadrilha	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	3
Tráfico de drogas	3	15	13	5	32	4	18	1	5	12	110	4	10	1	32	-	265
Vingança	1	1	3	-	17	-	1	-	-	1	45	-	1	-	6	-	76
<b>FAIXA ETÁRIA</b>	32	123	105	158	251	80	40	170	55	153	183	113	105	7	57	7	1.639
00-11	1	-	1	-	1	-	-	1	-	2	1	-	-	-	2	-	9
12-17	2	7	11	10	21	7	3	6	4	14	17	9	9	-	3	-	123
18-24	3	28	36	55	78	25	11	23	23	37	61	32	20	-	26	1	459
25-29	5	22	15	23	60	15	7	35	11	20	43	18	23	-	12	-	309
30-34	2	10	14	18	25	4	5	9	3	19	14	10	11	3	1	2	150
35-64	5	18	12	14	25	10	6	16	6	23	18	10	12	3	3	3	184
65 ou Mais	3	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	8
Não Informado	11	36	15	38	41	19	8	80	8	38	29	33	30	1	10	-	397

Registros de Ocorrências Policiais de Homicídio Doloso em Salvador

Período: Janeiro a Dezembro de 2011

RECORTES	ÁREA																TOTAL
	1º AISP Centro	2º AISP Liberdade	3º AISP Bonfim	4º AISP São Caetano	5º AISP Periperi	6º AISP Brotas	7º AISP Rio Vermelho	8º AISP CIA	9º AISP Boas do Rio	10º AISP Pau da Lima	11º AISP Tancredo Neves	12º AISP Itapua	13º AISP Cajazeiras	14º AISP Barra	15º AISP Nordeste	16º AISP Pituba	
<b>SEXO</b>	31	121	95	163	198	58	36	126	47	171	206	122	100	13	31	10	1.528
Masculino	27	112	85	148	183	53	34	114	44	159	193	110	94	12	29	9	1.406
Feminino	4	8	9	13	14	5	2	11	3	11	13	12	6	1	1	1	114
Não Informado	-	1	1	2	1	-	-	1	-	1	-	-	-	-	1	-	8
<b>LOCAL</b>	31	121	95	163	198	58	36	126	47	171	206	122	100	13	31	10	1.528
A definir	-	-	1	2	4	-	-	3	-	2	2	1	7	-	-	-	22
Interior de Bar	1	-	-	2	1	1	-	1	-	1	1	1	2	-	-	-	11
Interior de Casa Comercial	-	-	-	2	-	-	1	-	-	1	1	1	-	-	-	-	6
Interior de Coletivo	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Interior de Prédio Público	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Interior de Veículo	-	1	1	2	-	-	-	2	-	3	1	-	-	-	-	-	12
Outros	2	7	7	18	8	2	-	13	3	9	15	6	7	2	-	-	99
Residência	6	10	5	16	12	11	-	7	4	19	13	12	8	2	2	1	128
Via Pública	22	103	78	120	173	44	35	100	40	138	173	101	78	9	29	7	1.246
<b>MEIO EMPREGADO</b>	31	121	95	163	198	58	36	126	47	171	206	122	100	13	31	10	1.528
A definir	1	2	3	4	3	-	-	10	-	6	3	2	5	-	-	-	38
Arma Branca	4	7	4	7	16	2	-	13	5	16	8	13	9	1	4	2	111
Arma de Fogo	22	107	73	130	161	55	34	84	40	140	182	91	81	10	24	6	1.240
Asfixia	1	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3
Carbonizado	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	2
Espancamento	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	3
Estrangulamento	-	-	2	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	4
Instrumento Contundente	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	1	1	-	-	-	-	4
Instrumento Perfuro Contundente	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Instrumento Perfuro Cortante	-	-	-	2	1	-	-	2	-	1	-	-	-	-	-	-	6
Linchamento	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	2
Outros	2	5	12	17	14	1	2	17	1	6	12	15	4	2	2	2	114

Registros de Ocorrências Policiais de Homicídio Doloso em Salvador

Período: Janeiro a Dezembro de 2011

RECORTES	ÁREA																TOTAL
	1ª AISP Centro	2ª AISP Liberdade	3ª AISP Bonfim	4ª AISP São Caetano	5ª AISP Periperi	6ª AISP Brotas	7ª AISP Rio Vermelho	8ª AISP CIA	9ª AISP Boa do Rio	10ª AISP Pau da Lima	11ª AISP Tancredo Neves	12ª AISP Itapua	13ª AISP Cajazeiras	14ª AISP Barra	15ª AISP Nordeste	16ª AISP Pituba	
<b>DIA DA SEMANA</b>	31	121	95	163	198	58	36	126	47	171	206	122	100	13	31	10	1.528
Domingo	7	24	11	40	51	18	6	27	9	37	40	28	16	4	6	3	327
Segunda-Feira	7	11	16	16	27	4	2	16	5	18	19	10	14	4	7	2	176
Terça-Feira	3	14	11	19	15	8	3	14	6	18	30	15	13	1	2	-	172
Quarta-Feira	4	17	16	16	22	7	11	14	6	22	21	15	18	2	4	-	196
Quinta-Feira	1	19	11	24	25	8	1	16	6	26	34	21	8	1	5	-	206
Sexta-Feira	4	17	11	21	17	7	5	17	6	21	22	17	19	1	1	2	188
Sábado	5	19	19	28	41	6	8	23	9	29	40	16	12	-	6	3	264
<b>POSSÍVEL MOTIVAÇÃO</b>	31	121	95	163	198	58	36	126	47	171	206	122	100	13	31	10	1.528
A definir	9	29	24	51	41	9	7	33	15	47	47	28	34	1	5	3	383
Briga Intra-familiar	-	1	-	1	1	1	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	6
Discussão de Trânsito	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Discussão entre Vizinhos	-	-	-	-	1	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	3
Discussão por Embriaguez	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Outros	21	83	66	102	135	44	28	88	27	111	148	89	62	12	24	7	1.047
Passional	-	1	1	-	2	-	1	-	-	3	1	3	-	-	1	-	13
Quadrilha	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Rixa	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Tráfico de drogas	1	6	3	4	13	2	-	2	5	8	7	1	3	-	1	-	56
Vingança	-	1	-	4	3	1	-	2	-	-	2	1	1	-	-	-	15
<b>FAIXA ETÁRIA</b>	31	121	95	163	198	58	36	126	47	171	206	122	100	13	31	10	1.528
00-11	-	-	-	1	1	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	4
12-17	-	12	7	10	18	5	4	7	3	11	18	11	11	-	2	-	119
18-24	8	26	28	53	67	14	10	24	15	56	67	32	27	4	10	1	442
25-29	4	19	10	29	29	13	4	13	8	21	33	20	17	4	5	2	231
30-34	4	20	9	20	24	9	8	5	5	16	16	8	13	1	5	-	163
35-64	5	16	15	17	21	6	5	7	3	22	33	19	6	2	3	3	183
65 ou Mais	1	1	-	-	1	-	-	1	-	-	1	-	1	-	-	1	7
Não Informado	9	27	26	33	37	11	5	68	13	45	37	32	25	2	6	3	379

Registros de Ocorrências Policiais de Homicídio Doloso em Salvador

Período: Janeiro a Dezembro de 2012

RECORTES	ÁREA																TOTAL
	1ª AISP Centro	2ª AISP Liberdade	3ª AISP Bonfim	4ª AISP São Caetano	5ª AISP Periperi	6ª AISP Brotas	7ª AISP Rio Vermelho	8ª AISP CIA	9ª AISP Boa do Rio	10ª AISP Pau da Lima	11ª AISP Tancredo Neves	12ª AISP Itapua	13ª AISP Cajazeiras	14ª AISP Barra	15ª AISP Nordeste	16ª AISP Pituba	
<b>SEXO</b>	55	127	116	136	243	65	24	57	57	135	236	158	130	6	25	6	1.576
Masculino	47	113	106	126	223	60	23	53	51	124	218	145	116	4	23	6	1.438
Feminino	8	14	10	10	20	4	1	3	5	11	17	13	14	2	2	-	134
Não Informado	-	-	-	-	-	1	-	1	1	-	1	-	-	-	-	-	4
<b>LOCAL</b>	55	127	116	136	243	65	24	57	57	135	236	158	130	6	25	6	1.576
A definir	-	4	2	2	5	5	-	1	4	3	4	9	3	-	3	1	46
Colegio	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	2
Interior de Bar	1	3	2	3	2	1	-	-	-	1	3	2	2	-	-	-	20
Interior de Coletivo	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	3
Interior de Estabelecimento Comercial	3	-	1	2	4	1	-	1	2	3	5	3	3	-	-	-	28
Interior de Prédio Público	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Interior de Veículo	1	-	1	3	1	-	3	1	-	3	13	4	5	-	-	-	35
Outros	2	2	3	3	3	2	-	2	2	1	2	12	3	-	1	1	39
Presídio	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	3
Residência	7	8	5	7	22	4	3	4	2	15	20	12	7	-	1	-	117
Rodovia	-	-	-	1	3	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	6
Via Pública	40	109	102	113	202	52	18	47	47	109	185	114	107	6	20	4	1.275
Zona Rural	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
<b>MEIO EMPREGADO</b>	55	127	116	136	243	65	24	57	57	135	236	158	130	6	25	6	1.576
A definir	3	-	5	1	4	-	-	3	1	4	7	7	10	-	-	-	45
Arma Branca	7	5	12	8	22	4	2	6	2	11	12	14	9	3	4	1	122
Arma de Fogo	37	117	96	122	200	59	21	46	49	115	206	125	101	2	21	5	1.322
Asfixia	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	1	-	-	-	4
Carbonizado	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	2	3	2	-	-	-	10
Espancamento	2	2	-	1	6	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	13
Estrangulamento	1	-	-	1	2	-	-	-	-	1	-	3	1	-	-	-	9
Instrumento Contundente	2	-	2	1	5	1	-	-	1	-	4	3	-	-	-	-	19
Instrumento Perfuro Contundente	-	-	1	-	1	-	-	-	1	1	1	-	-	-	-	-	5
Instrumento Perfuro Cortante	-	-	-	1	-	-	1	1	1	-	3	1	1	-	-	-	9
Linchamento	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	2
Outros	1	-	-	-	3	1	-	1	1	3	1	-	1	1	-	-	13
Socos e pontapés	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	3

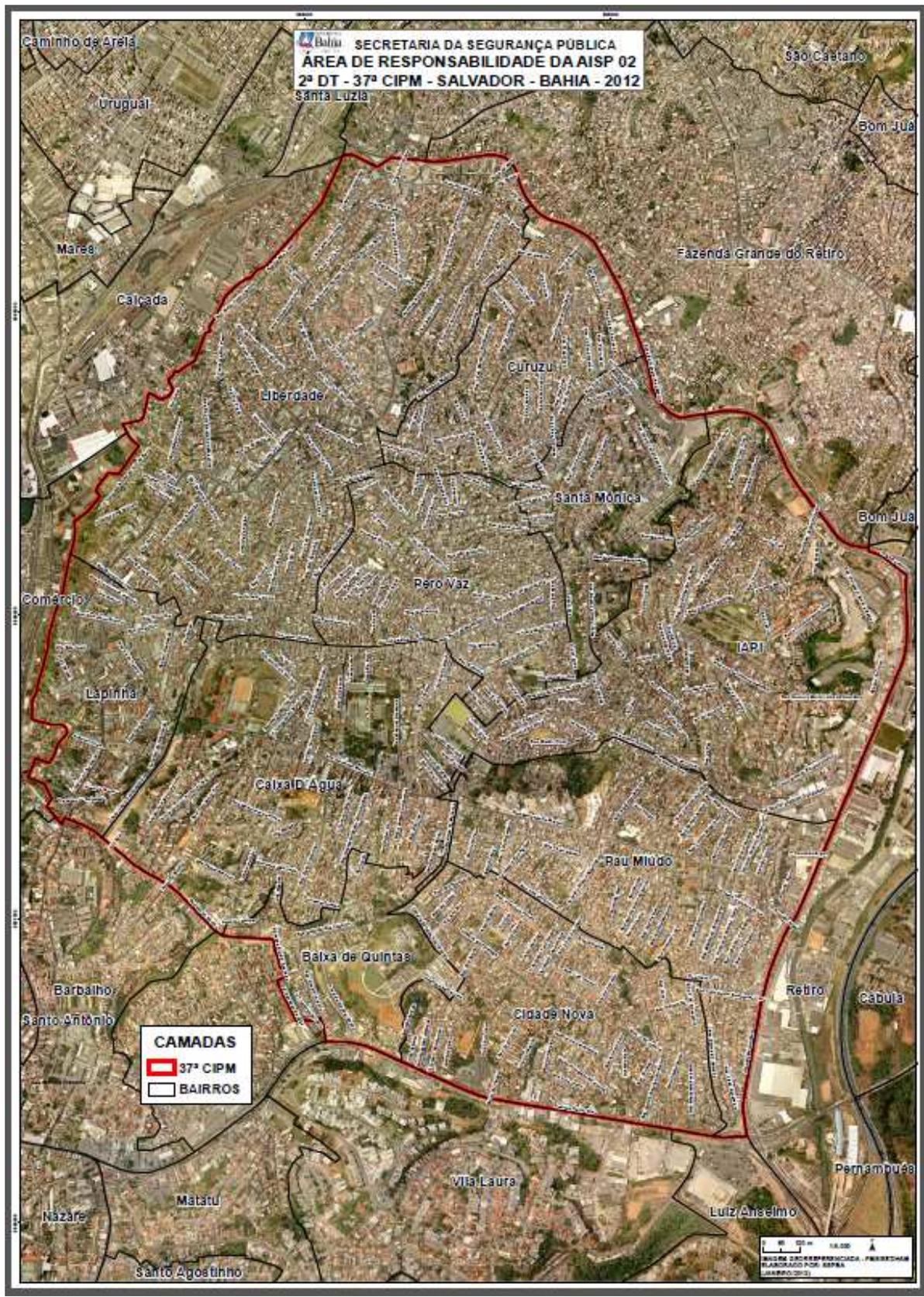
Registros de Ocorrências Policiais de Homicídio Doloso em Salvador

Período: Janeiro a Dezembro de 2012

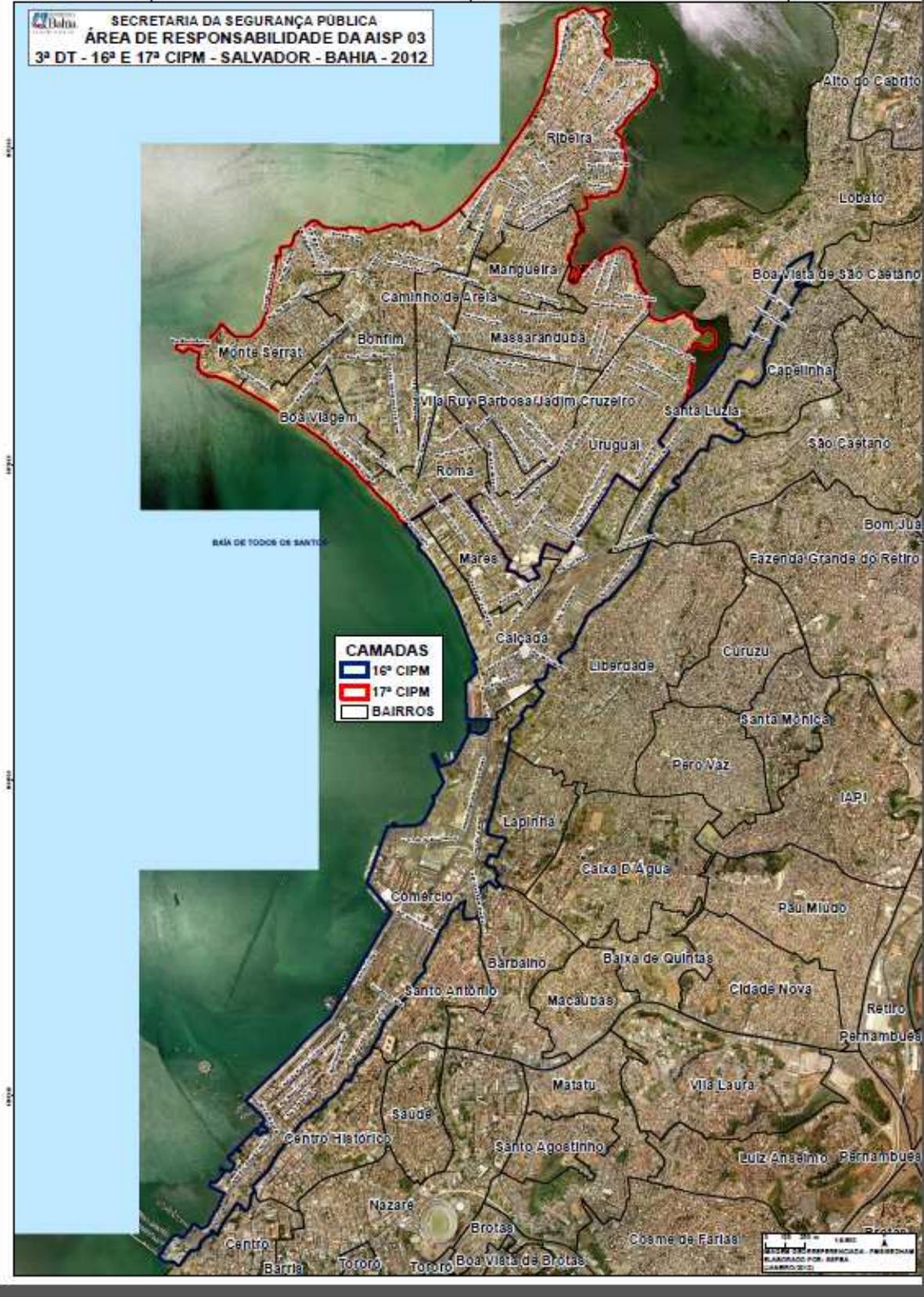
RECORTES	ÁREA																TOTAL
	1ª AISP Centro	2ª AISP Liberdade	3ª AISP Bonfim	4ª AISP São Caetano	5ª AISP Perpeti	6ª AISP Brotas	7ª AISP Rio Vermelho	8ª AISP CIA	9ª AISP Boa do Rio	10ª AISP Pau de Lima	11ª AISP Tancredo Neves	12ª AISP Rapua	13ª AISP Cajazeiras	14ª AISP Barra	15ª AISP Nordeste	16ª AISP Pituba	
<b>DIA DA SEMANA</b>	55	127	116	136	243	65	24	57	57	135	236	158	130	6	25	6	1.576
Domingo	9	25	16	31	62	13	2	12	11	22	49	20	25	-	7	1	305
Segunda-Feira	4	12	24	15	33	4	5	11	8	17	30	19	13	1	4	1	201
Terça-Feira	11	15	18	18	35	11	4	8	4	19	25	14	14	1	2	-	197
Quarta-Feira	7	13	11	17	17	4	4	7	3	18	26	27	16	-	3	-	173
Quinta-Feira	5	21	12	15	20	12	1	3	3	18	31	21	14	-	4	-	180
Sexta-Feira	9	15	18	20	30	11	3	8	13	17	37	25	21	1	1	2	231
Sábado	10	28	17	20	46	10	5	10	15	24	38	32	27	3	4	2	289
<b>POSSÍVEL MOTIVAÇÃO</b>	55	127	116	136	243	65	24	57	57	135	236	158	130	6	25	6	1.576
A definir	43	100	96	110	203	61	20	54	48	117	193	135	104	5	21	4	1.314
Ambição	-	1	-	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	5
Bala perdida	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Briga Intra-familiar	-	1	-	-	-	1	-	-	1	-	3	3	1	-	-	-	10
Discussão de Trânsito	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Discussão entre Vizinhos	-	-	-	-	2	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	4
Grupo Exterminio	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	3
Outros	3	4	1	2	6	-	-	-	1	3	5	1	4	-	1	-	31
Passional	-	1	1	1	4	-	-	1	1	1	4	1	2	-	-	-	17
Rixa	1	-	-	-	1	-	-	1	-	-	1	1	-	-	-	-	5
Tráfico de drogas	6	15	14	14	19	3	3	1	4	10	23	17	17	-	3	-	149
Vingança	2	4	4	5	7	-	1	-	1	4	4	-	1	1	-	1	35
<b>FAIXA ETÁRIA</b>	55	127	116	136	243	65	24	57	57	135	236	158	130	6	25	6	1.576
00-11	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	2
12-17	4	11	8	20	24	8	1	8	7	13	23	12	8	-	2	-	147
18-24	15	38	33	41	77	15	13	10	13	38	68	40	38	1	7	-	447
25-29	8	23	16	22	48	14	3	5	12	22	41	18	10	1	3	1	247
30-34	5	11	20	13	27	7	-	10	10	20	25	16	14	1	2	1	182
35-64	9	14	12	16	30	4	4	8	4	11	41	22	18	2	7	2	204
65 ou Mais	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	1	-	-	-	8
Não Informado	13	29	27	24	37	17	3	18	11	31	37	47	40	1	4	2	341

## ANEXO B – MAPAS DAS AISP DE SALVADOR (01 a 16)

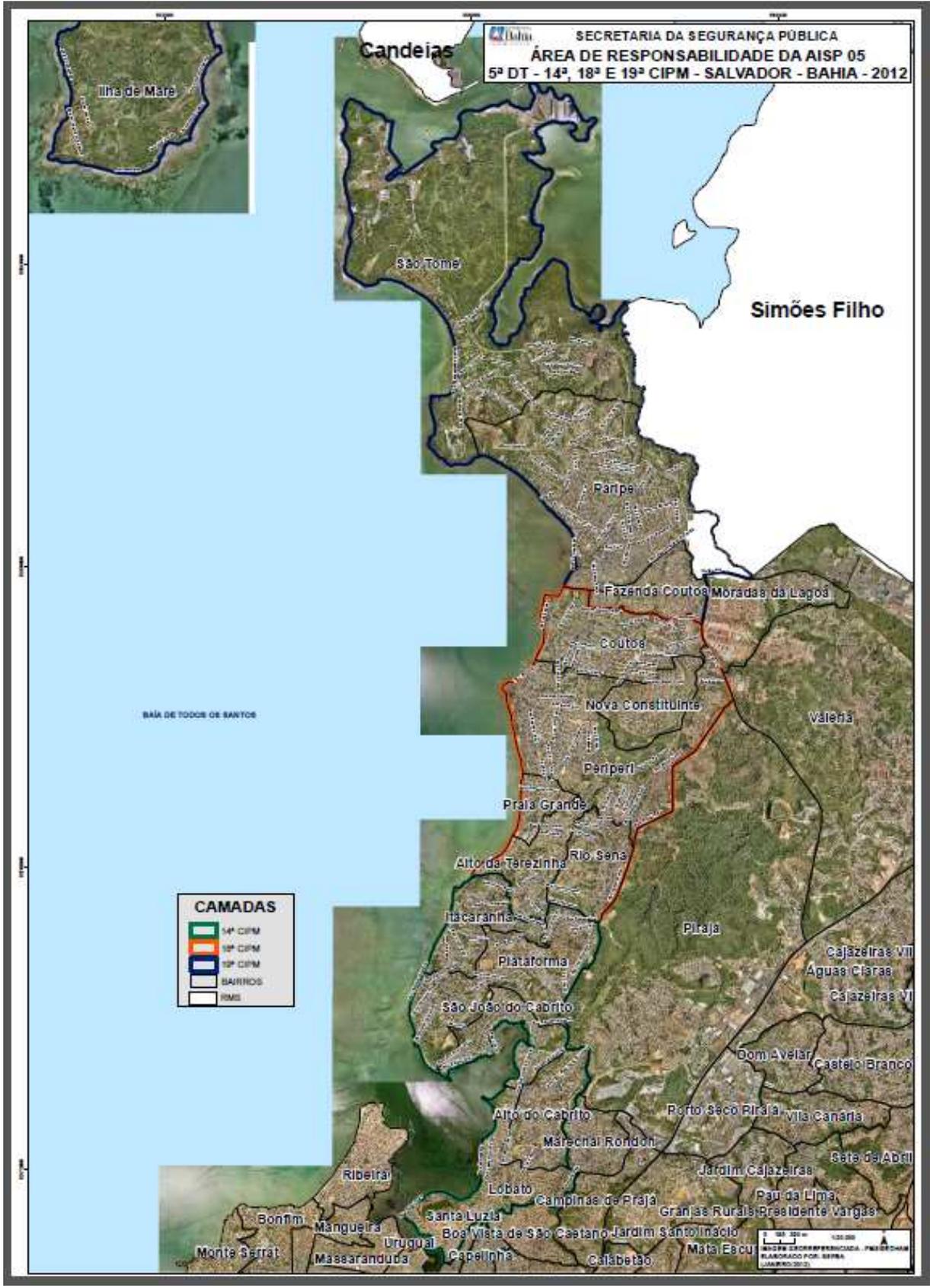


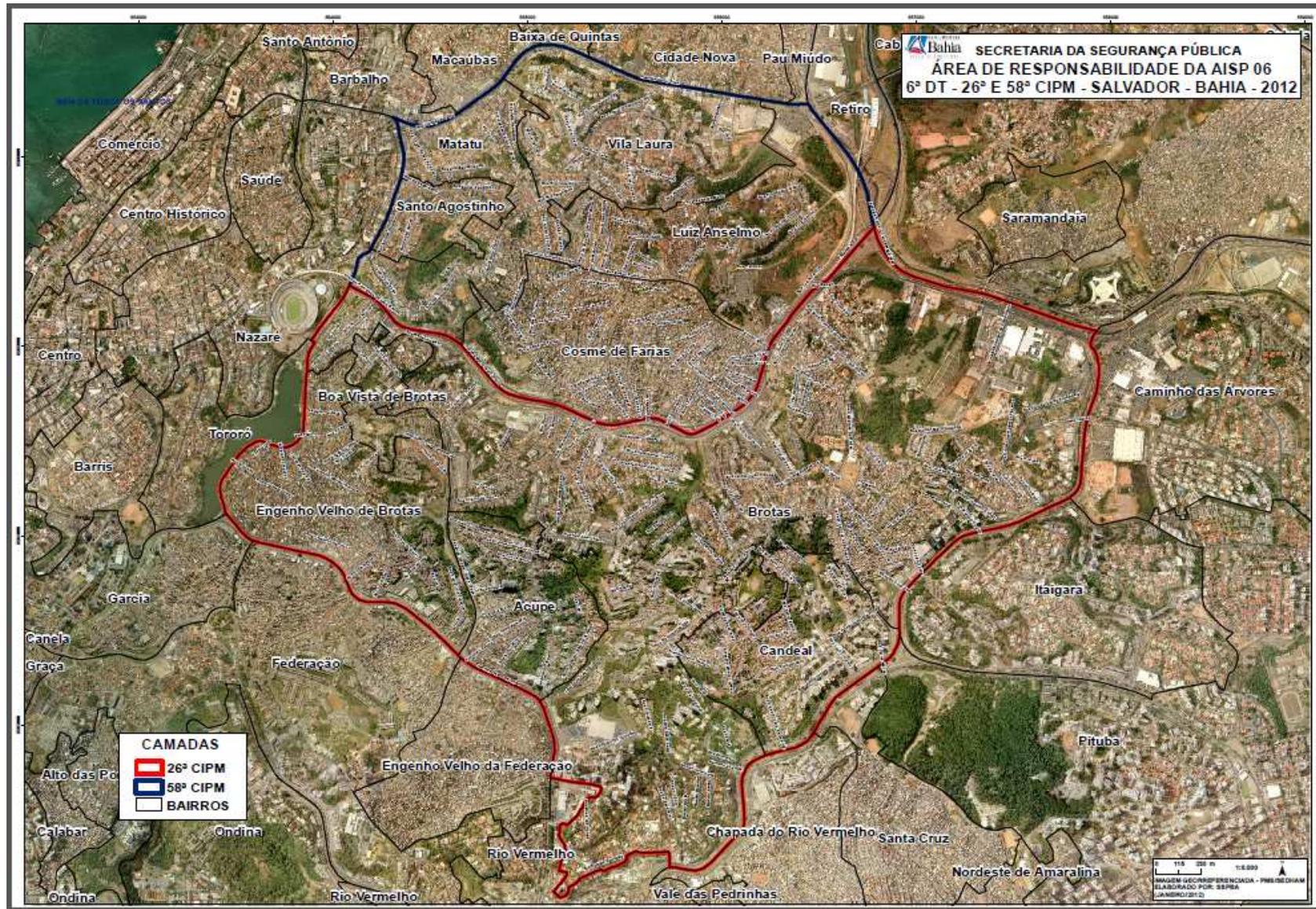


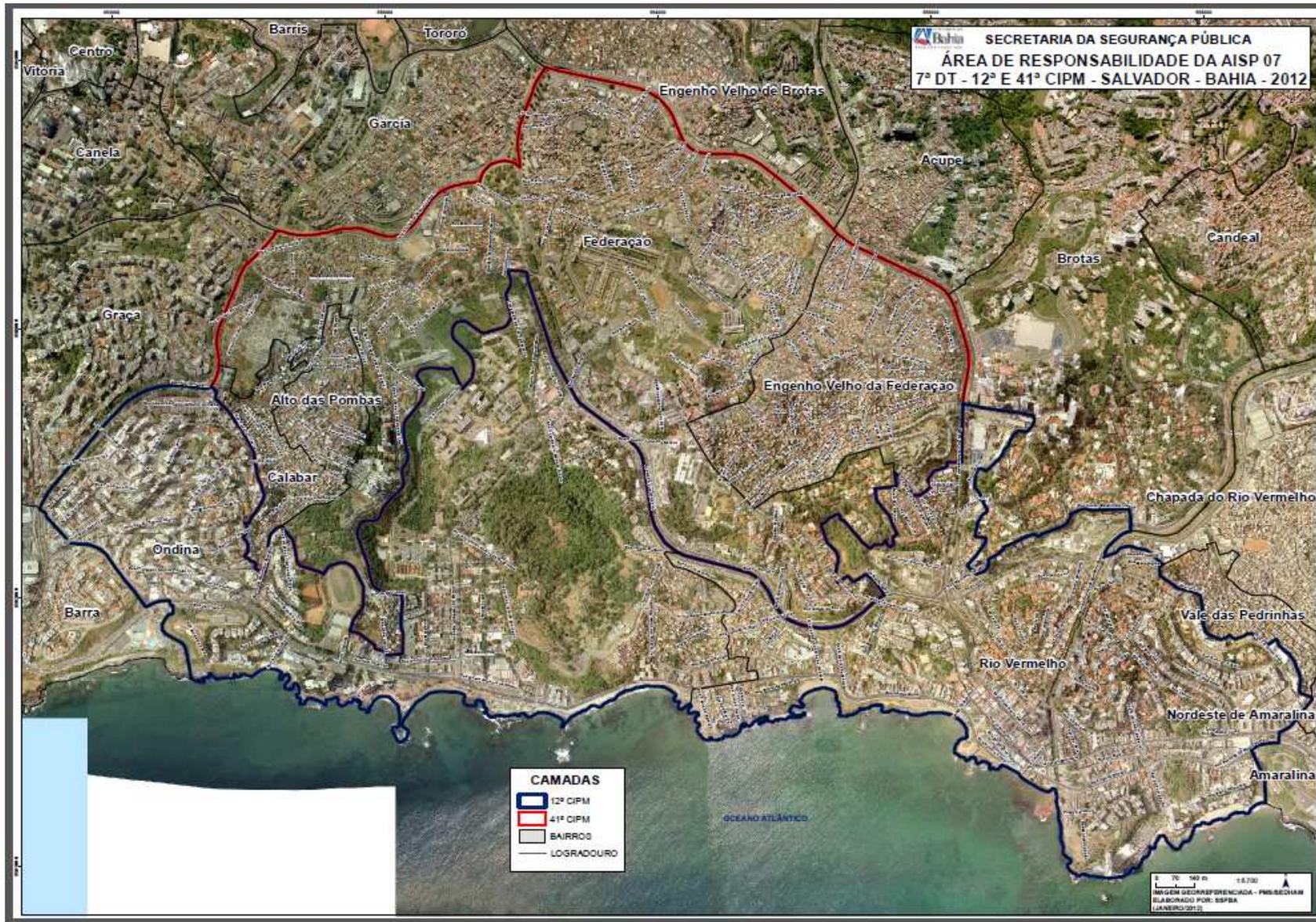
**SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA**  
**ÁREA DE RESPONSABILIDADE DA AISP 03**  
**3º DT - 16ª E 17ª CIPM - SALVADOR - BAHIA - 2012**



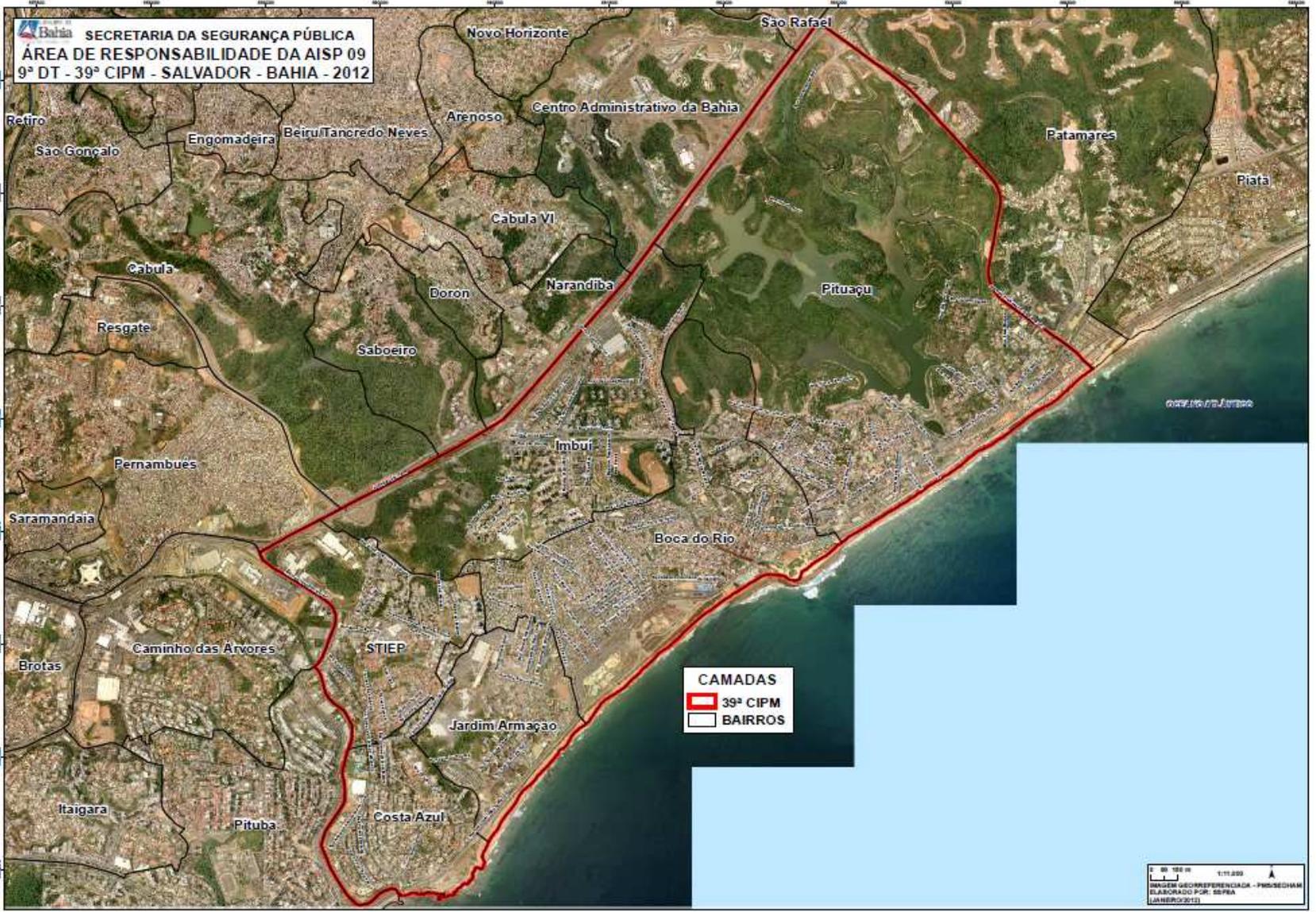




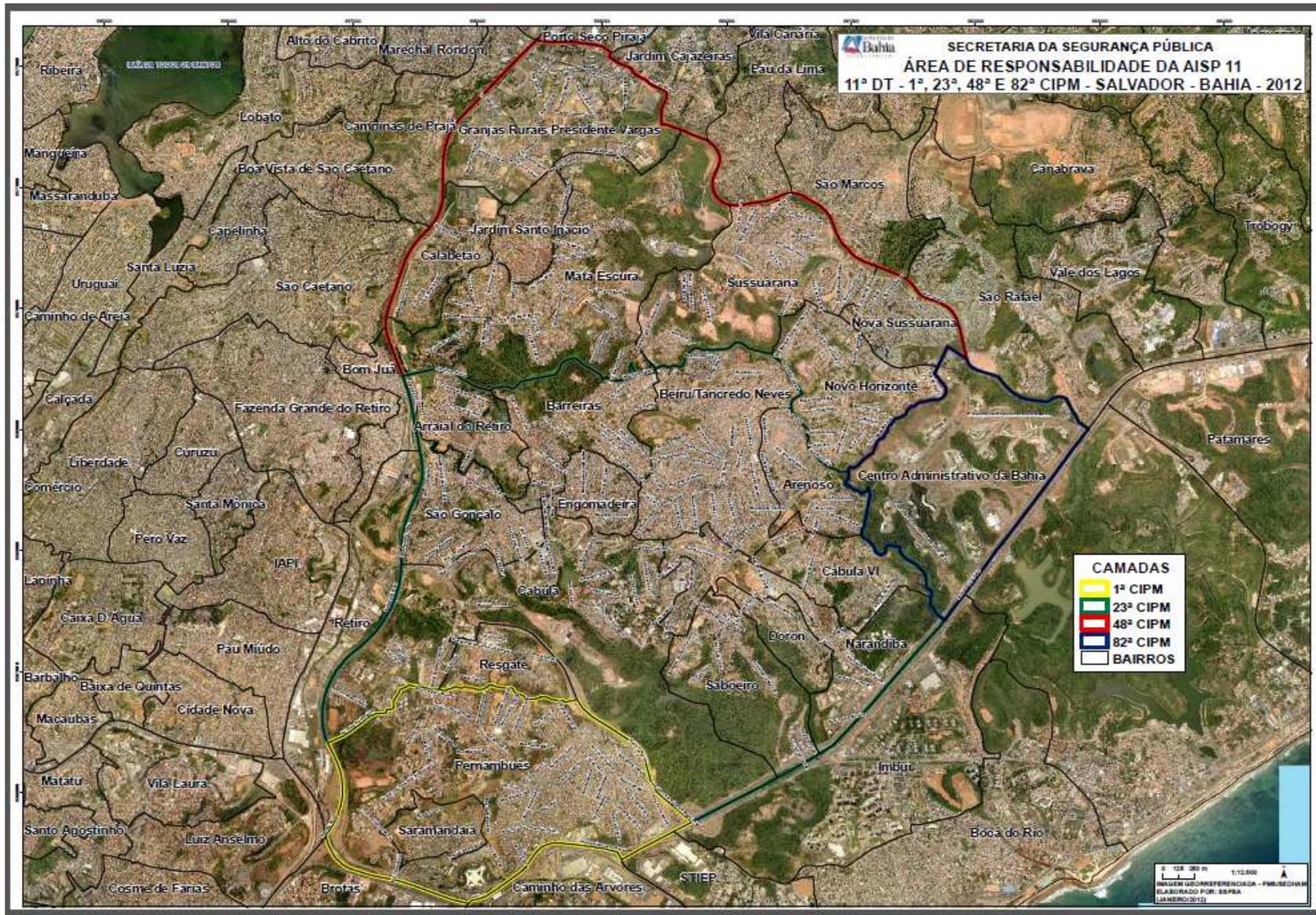














Bahia SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA  
ÁREA DE RESPONSABILIDADE DA AISP 13  
13º DT - 3º CIPM - SALVADOR - BAHIA - 2012



Bahia SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA  
ÁREA DE RESPONSABILIDADE DA AISP 14  
14º DT - 11º CIPM - SALVADOR - BAHIA - 2012





